



EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS.

IV.

S. LUÍZ.—Imp. por B. de Mattos, Typ. rua da Paz, 5 e 7.

OBRAS POSTHUMAS

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

VOLUME IV.

DRAMAS.

I—PATKULL.

II—BEATRIZ CENCI.

SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

1868.

A viuva de A. Gonçalves Dias reserva para si todo o direito de propriedade, que lhe confere a lei sobre éstas e as obras já impressas do auctor, e procederá contra quem vender exemplares das OBRAS POSTHUMAS que não forem assignados pe'o impressor—Bellarmino de Mattos.

B. de Mattos

Sendo os dramas—*Patkull e Beatriz Cenci*—que constituem este volume, ensaios da mocidade do poeta, escriptos aos 20 annos, sob o enthusiasmo da escola romantica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Borgia*, e outras composições d'este genero, não podia o auctor, apezar de seu talento e genio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gôsto e ás tendencias da sua epocha. Deve-se, pois, tomal-os como tentativas, e apreciar-os mais pelo estylo e lances poeticos que os embelleçam, do que como obras que immortalisem o poeta.

S. Luiz—12 de julho—1868.

A. H. L.

PATKULL,

DRAMA DO ANNO DE 1707.

(1843.)

A scena passa-se no ducado de Makelembourg no 1.^o e 2.^o acto; no primeiro quadro do 3.^o acto—em Dresde; no segundo quadro do 3.^o acto e seguintes em Casemir, junto de Posen, na Polonia.

A.....,

Eu quizera ter feito uma obra immortal, para que na fronte della gravasse indelevel o teu nome, como no frontespicio de um templo se grava o nome da Deusa a que se consagra;

Ou antes—eu quizera tradusir para a linguagem dos homens tudo quanto sinto por ti de amor purissimo e de enlevos melindrosos. E este livro seria uma formosa *Iliada*, do que ha na terra de mais doiradas esperanças, do que ha no céo de mais angelicamente venturoso;—

—Assim eu t'o offerecera.

Mas se eu não posso tanto—guarda ao menos para lembrança minha este livro, sobre que derramaste algumas lagrimas de sympathia.

E possas tu em lendo esta minha obra para o futuro, quando a minha voz não responder a tua voz, por me ter eu partido para longes terras—encontrar n'ella alguma coisa que te diga—que eu te amava como Patkull á Romhor, e que o meu amor, como o d'elle, só acabará com a minha vida.

—Novembro de 1843.—

ACTO I.

PERSONAGENS.

PATKULL—gentilhomem da Livônia.

PAIKEL—Alchimista.

NAMRY ROMHOR—noiva de Patkull.

BERTHA—namorada de Paikel.

WOLF—pagem.

UM CRIADO.

ACTO I.

Uma sala em casa de Namry Romhor—uma portá no fundo—portas lateraes—
mobilia da época.

SCENA PRIMÉIRA.

NAMRY ROMHOR sentada ao pé de uma meza—e BERTHA.

NAMRY.

Que horas são, Bertha?

BERTHA.

Ainda ha pouco anoiteceu, minha senhora.

NAMRY.

Ainda ha pouco ! pesado e triste corre agora o tempo, como um velho enfermo e lento! *Pausa.* Chove?

BERTHA.

Não, minha senhora, não; neva somente. Chegando-se á janella e correndo um pouco a cortina. Se quizesseis chegar a esta janella, verieis que magèstoso espectaculo não é prolongar os olhos por esta planicie, que se estende a perder de vista, toda prateada, e luzindo um pouco com a luz palida e vacilante da lua. . . tão bello. que praser não é ver estes flocos de neve, que vem descendo sobre a terra a lento e lento! quereis vir, senhora?

NAMRY como fallando consigo.

Houve um tempo em que a vida tambem para mim corria fagueira e leve.—Minhas noites eram cheias de sonhos d'innocencia e de ventura. . Meus dias tranquilllos e felizes.—Nada mais desejava—ou brisa ou tempestade sempre acharam meu coração venturoso e o praser que se me ria nos labios! E hoje?!... Quem me déra ver-me longe deste céu tristonho—d'estas nuvens carregadas—d'esta athmosphera de máu agouro.

BERTHA.

Perdoai, senhora—mas eu pensava que em parte nenhuma seria melhor a vida que na terra, em que a provamos. Tem encantos a terra, onde na infancia gravamos passos mal seguros—tem encantos os sitios, que nos recordam dias mais felizes, que todos nós gozamos—rico ou pobre—: o céu que nossos olhos primeiro encontraram; o sol que nos affagou no berço, como olho vigilante de Mãi; e a lingua que nós fallamos—e que outra lingua nunca pôde supprir!

NAMRY.

Assim pensei, Bertha, assim pensei, e quem então me dissesse que este seria o meu desejo d'hoje, certo que em mim não acharia credito. Mas eu já tenho sobrejos motivos para ser triste, para mais os desejar. Queria alguma coisa que me distrahissem! queria ver essa terra tão antiga, e que mais que as outras, dizem bella, onde reina contínua primavéra, onde o céu rutila sempre grande, onde a noite equivale aos nossos dias! queria ver essa terra! Nápoles, a cidade afortu-

nada, com seu vulcão fumegando noite e dia; com seu golpho tão risonho e pittoresco; Veneza, a cidade de encantos e prodigios, onde de contínuo se escuta ao longe o triste cantar dos gondoleiros, e a barca que passa silenciosamente com o seu fanal na proa, e o mascara de traje oriental, que se perde na arcadaria de um palaciõ inhabitado; talvez que então pensasse menos sobre mim, Bertha; e seria ainda uma fortuna.

BERTHA.

Sois infeliz?!

NAMBY.

Infeliz?! vês tu que daria meus titulos de não sei quantos avós—meu ducado que vale um reino—minhas terras, minhas joias—meu brasão—tudo o que me cêrca de adulações, de lisonjas, de galanteios—tudo—tudo—e até o meu nome, para que me chamasse simplesmente—Bertha. Foi meu nome quem me trouxe a desventura! Na tua classe não ha preconceitos de nomes, de brasões; não ha lei dura e inflexivel da vontade de um pai severo e orgulhoso. Não ha nada—nada, absolutamente nada; porque são menos os preconceitos, quanto mais se aproximam da terra, e alguns palmos abaixo nem uns!

BERTHA.

Mal peccado que já fiz tão negra experiencia e não desci de tão alto. Crede-me, senhora—amargo é o pão do infortunio e da sujeição. É viver para os outros e não para si.—Não é de mim que en fallo—amavel para com todos muito mais o foste para commigo—e tanto

que mais lagrimas me fez derramar a vossa bondade, que meu infortúnio. Mas soffrer insulto e reprehensões, sempre curvada e humilhada aos pés do mais rico.—Sempre de um para outro senhor—sem esperanças de melhor sorte, nem mingoadas—nem ao longe—muito ao longe—no extremo de uma vida de espinhos é de soffrer—oh! que é uma vida bem triste esta assim vivida!

NAMBY.

Tambem tu, Bertha? Reflectindo um pouco. Vem cá—senta-te bem perto de mim.... Estimo saber que és infeliz, Bertha; por egoismo? que importa? Todo este bulicio de praser e de alegria me pesa no coração—todo este arruido de passos, de vozes, todos estes cantos de amor e de esperanças, me desesperaram por que ja não tenho amor nem esperanças! Não me interrompas. . . afflige-me tudo isto que me cerca, que me parece respirar ledice e contentamento; e eu só no meio de tudo isto?! Estimo saber que és infeliz.—Eu precisava d'alguem que me pudesse comprehender: preciso desabafar o que trago no coração, e que me tortura todos os momentos da vida.—Felizmente que te encontrei!

Contar-me-has tuas penas e eu te confiarei as minhas.—Ao menos no infortunio seremos irmãs.

BERTHA com a mão sobre o coração.

É meu segredo; não me póde livrar dos desgostos porque tenho passado, mas póde poupar-mos novos.

NAMRY.

Não tens ainda em mim bastante confiança?! É que tu não sabes o que é guardar um segredo no mais fundo d'alma. Um segredo, que é o pensamento de todos os dias, de todos os instantes, que nos prende alma e coração—que nos mina e consome a existencia, que nos esmaga e a martirisa-o. Fallarei eu, Bertba; fallarei;—por que tenho necessidade de dizer o que encerra o meu pobre coração—fallarei, por que preciso de um peito sobre que possa derramar as lagrimas, que já não posso sorver. Escuta-me. Outra que não fosse eu daria graças á sua boa estrella por lhe ter deparado com o amor de Patkull.—É um homem patriota e nobre. Os reis se calaram na sua presença por que a sua vóz era de verdade e consciencia. Seus inimigos o temeram na guerra, porque o seu braço era de ferro e sua vontade inflexivel.—Os seus compatriotas o adoram por que sacrificou por elles seus bens, que um rei invejaria, e o seu futuro, que promettia ser tão brillante. E no exilio, na pobreza immerecida, no meio de quanto aviltamento lhe podia arremessar a Suecia, sempre se ouviu a sua voz que chamava os seus patricios á liberdade, mais forte que a destruição de reinos e monarchias—do que o barulho das armas de Carlos 12—Pedro 4º e do rei Augusto. E este homem trocou tudo por mim. Meu Pai, a quem elle mais que uma vez salvou a vida no meio dos combates me pediu no seu leito de morte, que lhe pagasse esta divida de reconhec-

mento e de amizade. E eu prometti—; Bertha; prometti por que já tinha dado bastantes desgostos a meu pobre pai, para lhe negar este ultimo pedido ao despedir-se da vida—por que não queria que o pobre velho sahisse do mundo desesperado, com a maldição a esvoaçar nos labios quando elle julgava grangear-me um nome e um apoio. .

E no entanto eu nunca amei este homem, que tanto me ama. Seus extremos me enfastiam; e na minha consciencia de lhe não poder dar amor em troca d'amor tamanho. Baixo.

Eu amo a outrem, Bertha; a outrem com quem vivi os primeiros annos da minha vida, a outrem com quem troquei amor e juramentos, a outrem com quem talvez me não cazasse ainda não havendo estes impedimentos, por que meu pai lhe negou a minha mão, e o chamou de cara um cavalleiro, que deslustrava a sua nobresa com essa arte diabolica de Alchymia. E elle calou-se—Paikel. .

BERTHA indo para se levantar.

Paikel ? !

NAMRY como admirada.

Paikel, sim, conheces-lo? . . . Encarando-a.

BERTHA sentando-se.

Nada; não, minha senhora; parecia-me que já tinha ouvido pronunciar esse nome; não sei por que me vem elle agora á memoria!

NAMRY observando-a.

Paikel calou-se. N'esse instante agradei sinceramén-

te essa delicadesa da parte d'elle: julguei então generosidade o que agora me vem em duvida de cobardia.

BERTHA.

Dizem-n'o valente!

NAMRY.

Elle desamparou-me, fugiu vergonhosamente sem mais se dar de mim!

BERTHA.

Presumio talvez que as palavras do pai não eram sem o consentimento da filha!

NAMRY.

Talvez! porem, quem tão breve se esquece de quem ama—quem assim a trahiú, tambem se esquecerá e trahirá o seu amigo.

BERTHA.

Elle é nobre.

NAMRY mais forte.

Elle jogaria o ducado de seu pai; venderia sua irmã se a tivesse; seu brazão, se alguma coisa lhe rendesse para as consumir nas suas diabolicas experiencias—é um infame!

BERTHA.

É um homem honrado.

NAMRY rindo-se.

Melhor o conheces que dizias—Bertha! e bastante te interessas por elle—vai—outro dia me contarás a tua historia. Bertha sahe. Olhando-a sahir. tambem o ama—minha criada, minha rival!... Assenta-se e fica pensativa.

Entra Patkull—manso—encosta-se á cadeira em que Namry está sentada.—Fica contemplando-a um pouco tristemente.

SCENA II.

PATKULL.

Sempre triste.

NAMRY *sobresaltada e levantando-se.*

Snr. Patkull!

-PATKULL.

Por que me tratas tu por senhor? Entre amantes que breve serão esposos—tu—é um delicioso tratamento, que alimenta o amor e a confiança.—Senta-te, Namry Elle tambem se assenta. Vinha eu com o peito cheio de prazer e de contentamento, vinha ancioso por te ver, vinha feliz e venturoso—ao passar da tua porta—quando te vi tão triste e pensativa, tambem eu me entristeci contigo, e pensei que o amor de teu esposo mal suppriria o deserto, que teu pai te deixou no coração!

NAMRY.

Meu pai era bom!

PATKULL.

Nem eu te crimino o soffrimento: elle era meu amigo! senti a sua morte como se fôra a de um irmão, como se fôra a morte de um pai—bem que elle me deixasse um legado a que mal se exaltariam as minhas esperanças nas minhas noites de amor e de insomnia. Deixou-me a tua mão, que eu não aceitaria por certo se julgasse que a devia somente á obediencia.

NAMRY.

És generoso, Patkull!

PATKULL.

Por que me fallas tu em generosidade? quem te pede agradecimentos? Nada faço por ti, que o não deva fazer.—Olha, por vezes uma idéa de amor e de egoismo me atravessa o pensamento. Eu quizera conhecer-te aldeã humilde e simples—só—com a tua pureza e formosura—e eu quizera ser o homem rico e poderoso por que tudo se curvasse ás tuas ordens, para que te pudesse transportar para um palacio de maravilha e de encantos, para que eu fizesse da tua vida um paraíso, e da minha alma um templo para a tua alma.

NAMRY.

Tens mais do que eu te posso merecer. Teu amor é o amor, com que se adora a Deos, e aos anjos; é de mais para uma mulher que é uma fragil creatura.

PATKULL.

Não é de mais para ti.—E com tudo eu te amo como n'este mundo se pode amar, como se ama a uma coisa pura e bella, como se ama uma flor encantadora, como se ama o azul de um céu e de um lago, como se ama o sol e as estrellas—como se ama um instrumento, que se escuta no silencio da noite—como se ama o perfume e a harmonia. Assim é que eu te amo—mais do que te posso dizer, mais do que te posso explicar—mais do que pode exprimir um pensamento, que

é teu; uma pulsação do peito, que é tua. Oh! que não possa exprimir a linguagem do coração o fallar rude e franco de um soldado, que só tem vivido no meio do estrepito e da carnagem vida de movimento e de guerra. Oh! que não possa minha alma estalar este involucro de lodo, e trazer-me lá dos céos a expressão do que eu sinto por ti?

Namry, tu verias então o que é o amor d'este homem já maduro e serio, e que até hoje tem conservado sua alma virgem de todo amor; e debalde teu pensamento se abismaria em sondar a profundidade d'esse seu sentir tão ardente, de que nem elle mesmo conhece a intensidade.

NAMRY.

Tu amas muito, Patkull! Esse teu amor me amedronta mais por ti que por mim.

Dizem que o pensamento do homem gravita sempre em torno de phantasmas e de illusões.

Pensa bem, Patkull. Talvez que n'um dia, mesmo antes do matrimonio, se perca o colorido d'essas tuas chimeras de amor;—depois d'elle poderás achar que a vida domestica e prosaica é muito fria e insufficiente para uma alma sedenta de emoções, como a tua—seria de perder a razão o accorder repentinamente d'esse sonho; e a culpa seria tua por que foste tu quem o forjaste.

PATKULL.

Como são feiticeiras essas tuas duvidas do coração? És o amor que o comprime, e tu julgas prudencia mi-

guar-lhe a força e a intensidade. Não—não é chimera ver-te assim tão nobre e tão bella respirando melancolia e suavidade em todos os teus movementos. Não; não é illusão o fogo tão puro e tão expressivo, que dimana dos teus olhos. Não; não é friesa, que eu receio de ti. Quando te vi tão sentida e penalizada com a perda de teu pai; quando vi com quanto apego ti-nhas ligado tua vida a vida delle; então senti quama-nha era a fonte de sensibilidade, que encerravas, quam forte e energico devia ser o teu amor, quando o ti-cesses—que cedo ou tarde despontaria; foi tambem então que comprehendí como a vida leve e graciosa se escoaria nas azas do tempo vivida a sós contigo e com o teu amor! Então amei: então comprehendí que havia outra felicidade que não o arruido de um campo de batalha: outra magia n'uma voz de ternura, que eu anciava, que no estrondo do canhão ou no estertor de moribundos, outra embriaguez, que não a da victoria: então comprehendí a vida que até ali mal podera decifrar: amei; e o tempo que d'antes se arrastava vagaroso e lento—hoje passa sobre mim mal apercebido e todo concentrado no amor; e a vida me parece mais radiante e mais afortunada—assim—do que vista através d'uma athmosphera de pó e de sangue; radiante e mais bella passada á sós contigo.

NAMRY.

Meu bom Patkull. Abraçando-o.

PATKULL.. Retendo-a nos braços—encerra-a um pouco, como extasiado.

Ainda ha pouco que eu teria nos labios um sorriso

de compaixão e incredulidade para aquelle que me dissesse a embriaguez com que enleia os sentidos do homem um som argentino de voz, que dos ouvidos resvala ao coração, uns olhos, que entornam em nossos olhos magico fluido de amor; uns braços, que nos cingem, que nos alteiam alem da terra, uns peitos que fogosos contra nós palpitam. Não—tal não crera; e hoje... sinto por ti o que se não diz no fallar dos homens, no cantar dos bardos; uma cousa que na terra não tem nome, e que os anjos nos céos, entre o côro dos astros talvez modulem nas suas liras d'ouro, quando á virgem-mãe levantam incensos de louvores.

NAMRY.

Patkull!

PATKULL.

Assim! chama-me sempre por meu nome: nunca o julguei tão lindo antes que a tua voz o pronunciasse. O teu. . . mesmo o teu—me parece despido de encantos em comparação d'esse nome, que me enamora, quando tu o pronuncias—Patkull?! não—não era assim que tu dizias—Patkull!! não—não era assim. Donde roubas tu essa harmonia, que só encontro em ti?—Donde a roubas?! *Pensando.* Namry, ás vezes me pergunto na minha consciencia se não é possivel que um anjo se transformasse em ser humano, conservando ainda resquícios da sua divindade; por que tu és meu bom anjo—Namry; paz do coração encontrei eu ao teu lado como no silencio de uma noite puramente bella.—

Então pesa-me do tempo já passado, não por feitos máos; o que fiz foi bom, foi justo; mas por te não haver conhecido Namry—por que a flor da minha mocidade desfolhei-a eu em tropeços e barrancos,—nas intrigas de gabinete e em lutas com reis, por que pouco tempo me resta para viver, por que em um dia meus cabellos apparecerão brancos como a neve, que embranquece o pincaro de um rochedo n'um dia—ao principiar do inverno; por que eu me tornarei velho e curvado com o peso dos annos e dos trabalhos, quando tu brilharás com todo o esplendor da tua belleza, com todo o fogo dos annos e da mocidade.

NAMRY.

Estás triste, Patkull? triste por que te afundaste em recordações do passado?! Meu amigo, quem de nós que alevantar o sudario desse morto não encontrará debaixo d'elle um pesar e um desacorsoamento?! quem de nós?! Temos todos nossos pezares; bem felizes quando nossos amigos os comprehendem e nos podem consolar! Eu soffri muito; derramei lagrimas tristes em silencio e no retiro; meu pesar—tinha—e no peito; cansei-me de soffrer sosinha, disse-o a alguem; não achei piedade nem sympathia; mas fui sobejamente recompensada; achei uma traição—innocente por que fui eu quem a provoquei. Breve seremos unidos, Patkull; talvez que a mulher saiba cumprir melhor os deveres de esposa, do que a amante a de namorada. Então esqueçamo-nos do que foi, e que em breve não tornará a voltar.

PATKULL.

Em bem que não voltará! Assim também se possessem abysmar no esquecimento recordações do que amargurou nossa vida, a memoria sempre viva dó que foi, e um brado continuo de vingança, que nos ferve n'alma e não passa do pensamento. Minha vida tem sido uma luta contra o soffrimento; um contraste de miseria e de grandesa. Namry, não me recordo nem de jogos, nem de passatempos da infancia, nem de parceiros de folguedos, nem de passeios á margem d'um regato, ou a corrida afanosa e innocente por um prado florido entre flôres e verdura atraz de uma borboleta, ou de outro insecto brilhante—de nada d'isto me recordo, porque nada d'isto desfructei. Um dia, quando me entendi, estava n'um logar escuro e frio; era uma prisão de estado; era funda a prisão, a terra lodosa e encharcada, e alguns mólhos de palha. Bem alto estava uma fresta, por onde enfiava um raio baço do sol de inverno. Ao meu lado uma mulher que seria bella em outros tempos, porem que eu via descorada e miseravel com as faces fundas, e o cabello enchovalhado e solto. Alem, um homem — alto — magro — pallido — com os olhos vacilantes e lusentes, o cabello em desordem e braços crusados. Seu rosto mettia medo; ás vezes uma contração nervosa lhe abalava o corpo inteiro, então seus cabellos se eriçavam, e cahiam pouco depois como arvores que o vènto curva a seu bom grado; e os dentes rangiam e batiam com força como n'um accesso de febre. Era horrivel vel-o assim,

e com tudo tirante disso o dirias um espectro. Esse homem doido era meu pai, essa mulher morta, minha mãe e nada mais sei delles. E elles ambos me bradavam vingança porque morreram ambos de fome; e eu ainda os não vinguei! Á noite, em alguma marcha forçada e silenciosa eu tenho visto essa visão, que caminha sempre diante de mim.—Quando deitado na tenda—á espera da batalha, um pouco repousava—ainda via essa visão. Quando contigo, ainda me apparece a sombra de meu pai, que me pede contas do que fiz e do que poderia ter feito. Pois bem, Namry, eu direi como tú: esqueçamo-nos do que foi—esqueçamo-nos de tudo, seja nossa vida o amor—sejam nossos dias instantes de ventura—vivamos sós, só nós—E quando á noite me sentires ancioso e delirante com a fronte banhada em suor, e com o peito opprimido de um horrivel pesadelo—tú me chamarás, não é assim? E eu acordarei n'um paraíso, acordarei feliz quando vir teus olhos sobre meus olhos; e um sorriso nos teus labios, e tua mão, que me encha as bagas de suor.

NAMRY.

Patkull, meu amigo, porque te deixas levar destas ideias, que me aterrorisam? por que esses pensamentos de vingança? Não estás cansado de soffrer?—crê-me; é curta a vida para ser desperdiçada em odios e tormentos. Patkull, teu pai mesmo que agora resurgisse do sepulcro certo se doeria de ti—e te pedira o perdão d'aquelles, que o maltractaram, por que se os

martires se recordam nos céos do que na terra padeceram; tambem se esquecem dos que o fizeram padecer; Patkull—esquece-te d'isso.

PATKULL.

Eu já te disse, minha alma é tua; são teus meus pensamentos, minha vida é tua, abraçados.

SCENA III.

OS MESMOS e WOLF

WOLF.

Snr. Patkull?

PATKULL.

Entra, Wolf—entra—que novas trazes.

WOLF.

É chegado o estrangeiro, que me dissestes conduzisse aqui—Aqui está e vos aguarda.

PATKULL.

Dise-lhe que entre o pagem sahe. Namry, tinha-me esquecido de te prevenir disto, e com tudo era essa minha intenção quando te vim fallar. É um meu amigo. Diz que me traz noticias importantes, e que m as quisesse communicar em logar seguro.—Escolhi a tua casa; porque a minha, allora este pagem, está cheia de espões do rei Carlos.

NAMRY.

Escusas pedir, quando podes mandar.—Faz o que te aprouver—Patkull.

SCENA IV.

OS MESMOS E PAIKEL—vestido de jornada. Patkull vai receber-o, Paikel e Nanry parão encarando-se.

PATKULL.

Entra, meu amigo—entra sem receios—certo que não me esperavas achar de companhia.—Entrat! Que? dar-se-ha acaso que vos conheçais.

PAIKEL.

Sim—conheço-a, porem é possível que outro tanto não aconteça á senhora Duqueza. As pessoas indifferentes uzam deixar pouca impressão.

NAMBY.

Bem vindo sejais, Snr. Paikel.

PATKULL.

Melhor—estimo bem que a conheças, Paikel—estimo-o muito. Escusado será elogial-a; porque quem uma vez tractou com a Duqueza de Meckelembourg conhece quam insufficientes são as palavras para a retratar.—É minha mulher, Paikel.

PAIKEL.

Tua mulher?!

PATKULL.

Brevemente o será, e tão boa estreia foi a tua que assistirás aos desposorios do teu amigo—dar-me-has este prazer?

PAIKEL.

Sim, sim, mas primeiro deixa-me congratular com-

tigo pela tua boa fortuna; sê mais feliz do que eu; só a ti poderia eu dar parabens d'uma dita, que não pude gozar. *Com intenção.* Aceitareis meus parabens, senhora Duqueza?

NAMRY.

Por que não, Snr. Paikel? De tão bom grado os destes ao vosso amigo—tão francamente lhe cedestes uma fortuna, que poderia ser a vossa—dissestes—que seria faltar ao reconhecimento não vol-os aceitar—mil vezes obrigada, Snr. Paikel.

PATKULL.

Basta de civilidades. Paikel, serás tão amigo da esposa como o és do esposo: e certo que algumas vezes te acontecerá esquecer-te das tuas locubrações scientificas e do ouro que procuras, quando topares com um verdadeiro diamante.

PAIKEL.

Mas já te esqueceste, que tinha de te fallar?

PATKULL.

Pelo contrario, lembro-me tanto que já pedi esta casa a Namry; estaremos aqui mais a nossa vontade, e como querias, longe de suspeitas.

PAIKEL.

Bom será, porque é de segredo o que tenho de te communicar; e com tudo a senhora Duqueza poderá assistir á nossa pratica.

NAMRY.

Ainda quando eu vos pudesse ouvir, sem duvida que tereis muito que vos dizer, depois de tantos annos de

separação; assim estareis com mais franqueza. Se de alguma coisa careceres—chamarás, Patkull.

SCENA V.

PATKULL *vê-a sair.*

É um anjo, Paikel—esta mulher é um anjo de bondade e de candura.

PAIKEL.

Dize antes que é uma Armida—Aqui estás tu novo Reinaldo, no teu jardim de encantos—a descansar das fadigas da guerra no seio da molleza e da voluptuosidade. E mal peccado, que eu não tenho o espelho onde possas ver quanto cahiste de tão alto que estavas.

PATKULL.

Tenho-o eu, Paikel; tenho no coração alegria e contentamento—tenho n'alma tranquillidade e descanso—tenho o amor que me embelesa todos os momentos da vida; sou feliz, e quem fosse meu amigo não me quizera ver desgraçado.

PAIKEL.

É certo quanto me tinham dito!. . . e na minha consciencia, eu que te conhecia de bem p rto, apellidei calumniam quanto de ti me diziam.

PATKULL.

Fizeste mal. O que ha no mundo tão seguro e inabalavel por que nos possamos constituir seos garan-

tes? Não ha prudente que diga: deste pão não comerei: É uma palavra de verdade, entre todas as verdades que prega o Evangelho. A pouco tempo um rei desceu do throno ao cadafalso; e era um bom rei Carlos 1º A arvore gigante, que do cimo de um rochedo derrama a sombra até á profundez do valle, em alguns momentos baqueia em terra mais humilde, que os arbustos, que a cercavam.

Que muito?

PAIKEL.

Hã com tudo um povo que tẽ adora, e que pensa que o seu nome te faria estremecer na sepultura. Dize, Patkull, neste retiro não chegaram ainda aos teus ouvidos seus soffrimentos; não retumbou um grito desesperado—Não ouviste teos irmãos, que te chamavam em auxilio?

PATKULL.

Que mais querem de mim? Dei por elles quarenta annos da minha vida—sacrifiquei por elles meos bens e o meo repouso. Soffri por elles o degredo e traguei o negro pão de um mendigo: derramei por elles meu sangue no campo da batalha—que mais querem de mim?

PAIKEL.

Fizeste muito, Patkull, mas não tudo. Quererias tu perder quanto tens feito? Que importa se por um instante livraste o escravo da cholera de um senhor impiedoso, se o deixas na mesma escravidão, mais dura porque incitaste as iras do senhor.

PATKULL.

Que façam, como eu fiz.

PAIKEL.

Porem tu eras só; sem familia, qualquer lugar te offerecia uma patria; qualquer distracção um praser.

Quererias tu, que todos abandonassemos nossos lares, nossas terras; e só com nossas familias e miseria, fossemos pelo mundo como uma tribu errante de judeas, esmolando um asylo?

PATKULL.

Quem quer ser livre pelega: Paikel, esqueçamo'-nos d'elles.

PAIKEL.

E elles se não esquecem de ti, Patkull. Eu vi por mais de uma vez uma Livonia, que mal balbuciava o nome de sua mãe, pronunciar o teu, como se fôra um nome de familia. Eu vi por mais de uma vez o manco que soffria a tortura sem lamentações, nem lagrimas, invocar o teu nome, como se fôra o nome de Deus. Mais de uma vez o velho calvo de cans venerandas, e de rosto engilhado, de quem tinham recrutado a filha para o leito de um Boiardo, e o filho para vir morrer nas guerras da Polonia, pronunciar teu nome como se por si só fôra uma viagem.—Patkull, um homem, que um povo venera tanto, é um homem grande. Mas o que despreza tantas preces, não merece tanto amor.

PATKULL.

Por mais de uma vez tambem eu chamei por elles.

Chamei-os para a victoria e liberdade; disse-lhes: toreis armas e munições; forragens e mantimentos para uma—para mil campanhas; e elles ficaram frios e gelados, como se eu fallasse a um cadaver.—Não me falles n'elles, Paikel, esse povo é um povo de covardes.

PAIKEL.

Tu mesmo o disseste: não ha prudente que diga: deste pão não comerei. Tu, que eras um lidador valente, cançaste—tu que eras um bom patriota, renegaste a tua patria, e a não teres dado tantas provas de ambas, os nossos vindouros poderiam pôr em duvida a tua coragem e o teu patriotismo. Não falles pois de coragem e patriotismo, que mal viste experimentada.

PATKULL.

E que resultaria de me empenhar de novo em coisas de máo agoiro?

PAIKEL.

A gloria.

PATKULL.

Foi a illusão dos meus primeiros amores; e por ella sacrifiquei minha vingança, que me devera ser sagrada. Sabes tu, Paikel, o que lucrei dos meus quarenta annos, com que a julgava sobejamente recompensada,—o nome de egoista.—Assim me chamaram uma caterva de escrivinhadores que formigam em todos os tempos e por toda a parte.—Disseram que se eu soffria era por amor de mim! Almas pequenas, que não comprehendiam o sacrificio de um ao bem viver de muitos:

Satyricos incoherentes e absurdos que me viam pôr em desleixo meus haveres e me chamaram—egoista! Quizesse eu permanecer tranquillo expectador da escravidão dos meus! pudesse eu crusar os braços em vez de manejar espada ou pena, dignidades e honras, e favores cahiriam sobre mim como uma chuva de inverno. Oh! quam diversamente me julgava meu gracioso soberano Carlos XI—!

- PAIKEL.

E é de Carlos XI que data o teu favor no entusiasmo dos teus irmãos. Certo que toda a Livonia extremeceu, como se ainda fosse a hora do seu livramento, quando te escutou conciso e forte expondo as regalias dos teus compatriotas que a Suecia abocanhava como um povo de Ilotas. O oppressor mesmo não pôde negar um bravo de entusiasmo e admiração aos 19 annos de tão leal representante.

PATKULL

E ainda se não tinha apagado o murmurio, que a minha voz fizera alevantar, quando um pregoeiro pelas ruas de Stokolm declarava Patkull—réu de lesa-majestade condemnado a ter as mãos cortadas; e o carasco quebrava publicamente sobre um cepo meu braço tão nobre—e queimava os artigos do meu mandato tão applaudido! E tudo isto pará que? Hoje os Livonios dormem tranquillos na sua ignominia e o fel da calumnia se derramou sobre o meu nome. Paikel, o homem pôde resistir a perigos e a embaraços, porem não resiste á calumnia.

PAIKEL.

O homem virtuoso geme da cegueira dos outros homens. Se a calúnia lhe enegrece uma virtude—outra virtude que responda aos gritos da sua satânica victoria.—Ha uma cousa grande—Pakull—a virtude—ha uma cousa santa—o dever:—De ambas ellas nasce a gloria que dura mais que a inveja.—E ao homem que pesa suas acções no fôro da consciencia— pouco se lhe deve dar do maldizer dos perversos.

PATKULL.

Deixemo-nos d'isso, Paikel!

PAIKEL.

Pelo contrario, fallemos nisto!

PATKULL.

Mas que queres tu que eu faça?

PAIKEL.

Salva-os.

PATKULL.

Salva-os?! Lindas palavras, Paikel, lindas palavras de tragedia, que parecem dizer alguma coisa e não dizem nada--- salva-os?! Com impaciência.. Julgas-me tu algum Deus, para que ao meu aceno se faça um mundo ou rebente agua de um rochedo.—Tua idade indica mais experiencia, Paikel!

PAIKEL.

Salva-os; por que os podes salvar.

PATKULL pensativo.

Como?

PAIKEL.

E quererias tu fazel-o?!
.....

PATKULL.

Não é verdade que isto é uma simples conversação entre amigos?

PAIKEL.

Um dia será pesado na balança da justiça eterna, não o bem que fizemos, mas o bem que poderíamos ter feito—Queres tu salvar tens irmãos?

PATKULL.

Se a minha vida a mim só pertencesse de bom grado a dera ao primeiro que m'a pedisse. De sangue e bens fui sempre largo—Mas vês tu? eu prometti a um homem no acto mais solemne da vida—o da morte—defender sua filha, que eu amo, que sem elle ficou orphã, e ficaria viuva sem mim. Dei-lhe a minha palavra de cavalheiro a elle e a ella, e deixal-a penhorada, seria justificar a sentença de Carlos XII quando mandou ao carrasco espedaçar as minhas armas em praça publica.

PAIKEL.

Dou-te a minha palavra que não ha risco nem perigo—terás o poder de um rei: queres tu salvar teus irmãos?

PATKULL.

Falla.

PAIKEL.

A Dieta de Varsovia declarou vago o trono da Polonia; e por vontade de Carlos XII elegeu rei a Jaques Sobieski a quem devia pertencer o trono, se o trono da Polonia fosse heriditario. Jaques Sobieski e o principe

Constantino aguardavam com impaciencia o mensageiro, que lhe trouxesse novas da sua eleição. Um dia, quando caçavam nas visinhanças de Breslau—sahiram de emboscada 50 cavalleiros saxonios que os prendirão.—O chefe dos cavalleiros fui eu—tinhamos cavallos folgados e demuda; e assim os conduzi a Leipsick antes que em Breslau corresse a noticia de sua prisão. A Diéta não o póde declarar incapaz de reinar porque ainda hontem o elegeu—não o podem destituir, porque nem lhe podem forjar culpas. Outra Dieta poderia revogar aquella—porem a pertinacia e inflexibilidade do rei Carlos não o deixarão mudar de proposito. E o reino ficará sempre nas mãos do rei Augusto. Talvez que Augusto pretenda fazer as pazes, porque a sua Saxonia tambem pára nas mãos do vencedor. Fleming assim m'o deu a entender; e eu o creio. O Rei da Suecia tem já parte do seu acampamento dentro do imperio; presume-se que pretende desthronar tambem a casa d'Austria. Neste caso uma paz com a Russia torna-se necessaria; no turbilhão de tantos e tamanhos interesses a Livonia pouco avulta. Talvez por estes tratados se firme a sua liberdade, se houver um politico experto e diligente que a defenda; serás tú.—Se falhar a politica—80:000 homens cobrem as fronteiras da Livonia—poderás pôr uma contradição a Carlos 12; e será desfeito o tractado com a Russia. E então ver-te-has generalissimo do Grão Czar—80:000 guerreiros cobrem a Polonia palmo á palmo, e se vivos não a podermos defender, nossos cadaveres for-

marão uma muralha mais impenetravel, que as da China.

PATKULL.

Muito bem, Paikel, e agora tenho de me ir apresentar á Carlos XI como ministro da Livonia?

PAIKEL.

Não; irás á Dresde ter com Augusto—como plenipotenciario do Tzar Pedro—Imperador de todas as Russias.

PATKULL.

E as provas?!

PAIKEL.

Ei-las—É o diploma sellado com as armas do Imperio, e do proprio punho do Imperador.

PATKULL.

Vamos: será o derradeiro esforço! Far-me-has tu um favor?

PAIKEL.

Falla.

PATKULL.

Ficarás aqui com Romhør.

PAIKEL.

Patkull.

PATKULL.

É um favor, meu amigo, porem que eu só de ti acceitaria.

PAIKEL.

És generoso.

PATKULL.

Generoso?! tu brincas? Se o que ora vou fazer,

fosse por ti—seria falta de generosidade pedir como um salario do serviço não prestado, mas ainda assim eu te pediria o mesmo favor, que em iguaes circumstancias tambem t'o faria.

PAIKEL.

Talvez que não!

PATKULL.

Não m'o queres fazer?

PAIKEL.

Não te posso dizer que não; mas se houvesse outro meio.

PATKULL.

Já te disse que só de ti a fiava.

PAIKEL.

Fico.

PATKULL.

Obrigado, meu amigo tocando uma campainha. Entra um pagem.
Que é do meu pagem?

O PAGEM.

Aqui está!

PATKULL.

Dize-lhe que o chamo continuando.—O pagem sahe. Não me posso despedir della, Paikel, que certo não partira—levo rasgado o coração por ter de a deixar, dize-lhe o porque parti—que não ha perigos, que não ha riscos, que breve serei della. Entra Wolf. Wolf, eu parto, não sei quando serei de volta, tu aqui ficarás.

WOLF.

Porque me não levais, Senhor?

PATKULL.

Fica, Wolf; para nós ambos é melhor que fiques.— Ficarás com a Senhora Duqueza, e se alguma novidade occorrer—que me seja importante saber—algum infortunio—alguma fatalidade virás ter commigo á Dresde.—Traz o meu manto.

WOLF.

Neva muito, Senhor; algum temporal estará proximo a rebentar, porque relampeja para o norte, e a noite tornou-se escura e feia.

PATKULL.

Não importa, bom pagem. O pagem sabe. Elle a Paikel Presinto alguma desgraça, Paikel.

PAIKEL.

Não será nada: são saudades que levas, e que min-guarão a distancia e o nojo da jornada. Entra pagem, põe o manto.

PATKULL.

Adeus Wolf—abraça teu amo. Wolf chega-se, e elle o abraça. Adeus Paikel. Estende-lhe a mão.

PAIKEL vê-o sair—fica um pouco a olhar para a porta que se tem fechado, olha para a camara de Romhor—dá dous passos para ella apertando as mãos contra os peitos:

E eu fico.

ACTO II.

PERSONAGENS.

NAMRY ROMHOR.

BERTHA.

PAIKEL.

WOLF.

UM PAGEM.

A Scena se passa no Ducado de Mœckelembourg.

ACTO II.

A mesma sala que a do acto primeiro.

SCENA I.

PAIKEL *entra.*

Ainda a não pude ver um só instante—hontem passei o dia silencioso e tristonho a espera de mensagem della. e esperei debalde: hoje me recusou ella uma entrevista pretextando encommodo.
hei de fallar-lhe. *Toca a campainha.* Abusar asssim da confiança de um amigo, da sua cordialidade e franquesa, è uma infamia.—Mas por que me roubou elle o coração de Namry—porque se veio interpor no meu caminho? *Entra o pagem.* Que me queres?

O PAGEM.

Pensei que ereis vós quem chamaveis! *Indo para sahir.*
Perdoai?!

PAIKEL.

Sim fui eu: dize-me—poderei fallar á Senhora Duqueza?

O PAGEM.

Dizem que amanheceu doente.

PAIKEL.

Quanto o ama! *A parte* E tu pagem podes-lhe fallar?

O PAGEM.

Nada. Senhor, não.

PAIKEL.

Quem então?

O PAGEM.

A sua dama, Senhor.

PAIKEL.

E ella? . . . !

O PAGEM.

Está tambem doente.

PAIKEL.

Por Deus que é muita molestia n'um dia. Pagem, faze o que quizeres, avem-te-lá como poderes —has-de fazer chegar aos ouvidos da Senhora Duqueza, que eu tenho que lhe dizer da parte do Senhor Patkult, e que talvez d'aquí á uma hora tenha já partido. *Faz-lhe signal com a mão que saia.* Vai bem diverso o tempo de quando a todos os instantes me esperavam, apezar de estranha vigilancia, Namry?!—e que tenho eu com a mulher que já me deixou de amar? *Entra Wolf.*

WOLF.

Senhor Paikel! Senhor Paikel!

PAIKEL.

Que tens tu, pagem?

WOLF.

Noticias de meu amo, mandou-as ainda de caminho, e que a esta hora estaria em Dresde!

PAIKEL.

Tu amas muito teu amo, Wolf!

WOLF.

Elle tambem me ama muito!! Ainda pequeno fiquei sem pai, nem mãe; passou elle acaso por Casimir onde era meu tio carcereiro da prisão do rei. Elle viu-me e como meu tio de pouco me poderia servir, ce-deu-me ao Senhor Patkull que disse me havia de fazer feliz. Meu bom tio se despediu de mim chorando, porque me amava muito o bom Sally! Depois d'esse tempo tenho sempre vivido com elle: se soubesseis quanto é meu amigo!! quanto o amo.....

PAIKEL.

Tens razão, Wolf, ama-o muito e não terás de que te arrepender. Elle é um amigo que não atraiçoa, o seu amigo, sua palavra é santa e pura. Tu és novo, Wolf, na tua idade ainda ha reconhecimento para um sorriso, e amor para o mimo, que nos mostram. Entra a Duqueza um pouco pallida e vagarosa. Vai, bom pagem, logo mais fallaremos.

SCENA II.

NAMRY, ROMHOR e PAIKEL.

NAMRY.

Mandastes-me dizer Senhor que tinheis recados para mim da parte do vosso amigo!

PAIKEL.

E a não ser isso, não é verdade que nem se quer

uma vez, vos dignaríeis de mostrar-vos ao vosso hospede?

NAMRY.

Ninguém vos mandou aceitar a sua hospedagem, Senhor.

PAIKEL.

Foi a única desculpa que me não veio á mente. Paikkull rir-se-hia, se eu lha dêsse; e eu talvez que outro tanto fizesse ao sensato que a sonhasse!

NAMRY.

Nem era mister que lhe dêsseis precisamente esta: bastava recusar. Um pretexto de negocio ou de interesse nunca falta ao homem; é um motivo, que todos comprehendem!

PAIKEL.

Todos! Senhora!! É certo que não darieis credito ao homem que vos dissesse: interesse e gloria tenho eu sacrificado para seguir a illusão de um tempo que já passou, memorias de amor correspondido, sonhos ditosos da infancia, que o acordar dos annos dissiparam na mulher, que então me amava.

NAMRY.

Senhor Paikel!

PAIKEL.

Quando elle vos dissesse; soube que estavas presa em novo enleio, e esta certesa não deu quebranto ao meu amor, não o acreditareis porque não é do interesse do homem o aviltar-se?

NAMRY.

Sim.

PAIKEL.

Não o acreditarieis quando elle vos dissesse, sacrificuei o meu repouso; vaguei noite e dia ao vento e á chuva—aos raios do sol e ao frio do inverno para demorar aõ menos por um dia um casamento, que se hia concluir, e roubar-me para todo sempre esperanças de ventura tão mimosa, que a existencia me doiravam!

NAMRY.

Paikel!

PAIKEL.

Se elle vos dissesse eu tenho um amigo; amava-o como se elle fôra meu irmão, como a mim proprio: Estivesse eu a resar sobre o tumulto de meu pai—iria para elle quando a sua voz me chamasse. Estivesse eu a morrer de fome e de sêde—dar-lhe-hia o unico pedaço de pão que me podesse aliviar a fome—dar-lhe-hia a sêde. d'agua que me podesse humedecer as fauces! Eu amava; e para ver a mulher que amava manchei a minha honra, e trahi a amisade! tambem o não acreditarieis, porque honra e amisade valem mais que o ouro, mais que o sangue!

NAMRY.

Se Patkull vos ouvisse!!

PAIKEL.

Foi por isso que o mandei para longe. Mas em troco de um momento, que seria de delicias para elle e nada mais para mim que absyntho e fel, dei-lhe honras e consideração. Eu bem sabia que elle tinha no

coração uma corda inteira, que vibraria a todo o momento, como uma harpa vaporosa; bem sabia eu que o nome da Livonia ainda era para elle mais que um nome. Vali-me dessa virtude—e em recompensa do amor lhe dei a gloria!

Ha homens bem afortunados neste mundo; quando ad desgraça como um céu gravido de tempestades páira sobre elles, então lhe sorri a fortuna mais brilhante, como o raiar de um sol de primavera.

NAMRY.

Porque fallaes assim, Senhor?

PAIKEL.

Porque? Porque eu não sou desses homens, e no entanto pouco me bastava para o ser. Porém minhas palavras são um enigma, que pareceis não comprehender!... Quem o dissera! Se algum veneravel astrologo lêsse nos astros tão incrível horoscopo, certo que eu me rira da sua sciencia, e deixaria o velho ausentar-se impune, condoido de tanta loucura! Hoje não me entendeis, Namry—minhas palavras ferem os vossos ouvidos como se foram um monumento de pedra, que m'as repercutisse em echo; minha presença vos scandalisa; e para mim até deslembrastes a polidez com que trataes a todos.

NAMRY.

Quereis perder-me, senhor?

PAIKEL.

Senhor! sempre Senhor! A pouco resumes a tua civilidade, Namry.. Quero-te contar uma historia.

Havia um Duque. não sei onde! poderoso e nobre era o Duque—cheio d'altivez e d'orgulho—porém severo guardador da sua palavra—um pobre cavalleiro amava a filha do Duque, julgando haver na filha tanta religião de palavra, como no pai: Tal não era. Amavam-se ambos; porém de que vale o amor quando reina o interesse! Por interesse o Duque negou sua filha ao cavalleiro, e a filha chorou porque nesse tempo também o amava. Depois. . . familiarisou-se com a sua sorte; pouco a pouco abraçou as opiniões do pae—e re-negou o amante, como o pae tinha rejeitado o amigo, É bem verdade o que dizeis, senhora: o interesse é um motivo, que todos comprehendem!

NAMRY.

Não mais—senhor.—Promessas da infancia, dicta-as a imprudencia—hoje o dever se oppõe a ellas—Eu não vos iria pedir contas do que houvesseis feito; não m'as vinde também pedir—a mim.

PAIKEL.

Não vos peço contas—samente como talvez seja a ultima vez que nos veremos—conto-vos uma historia—cousas de que me pareceis experta—Eu vos dizia, Namry, que a filha do Duque e o cavalleiro se amavam. Não se tractavam como nós por senhor: esse véo grosseiro de civilidade que não diz nem amor, nem gratidão porque indistinctamente se confere a todos; tractavam-se por tu. A filha do Duque. . . não me acorda o seu nome—chamal-a-hemos Namry—Namry essa moça innocente e pura, que a não acharieis mais.

O Cavalleiro pensava, que difficultosamente a possuiria; e em um dia pensando nisto, chamava-lhe a senhora Duqueza—então a pobre moça chorava e soluçava, que não havia acabar com taes soluços porque se julgava menos amada.

NAMRY.

Por piedade!

PAIKEL.

Como ella se enganava a si propria! creatura innocente? Como a fé do seu coração se debateria em um cahos de sombras e de trevas, se lhe dissessem então que ella um dia não comprehenderia as palavras d'aquelle de quem até advinhava os pensamentos! um acaso mal apercebido—um volver d'olhos insignificante—uma flôr colhida ha pouco—e lançada no meio d'uma leiva de flôres—uma pégada simples no meio de uma alameda-- tudo tinha um nome—uma significação—uma lembrança.

Acreditareis isto, Namry!

NAMRY.

Quereis perder-me?!

PAIKEL.

Perder-vós, senhora! brincaes commigo! Perder-vos --a mulher sisuda e grave que lançou o esquecimento sobre o passado, como se lança uma mortallia sobre as feições decompostas de um cadaver—a mulher que tem tão gravados na sua consciencia seus deveres d'hoje—que nem se lembra dos de hontem!. Perder-vos?! Se outra pessoa me dissesse estas palavras

no meio do rumor e do giro de regosijo e festa, sem duvida que eu as acceitara como uma delicada galantaria.

NAMRY.

E no emtanto tu bem vês que eu luto commigo mesma para não ceder—Não sabes que horrivel seria atraiçoar assim: eu, o esposo tão amante—tu, o amigo tão sincero.

Tem piedade de mim!

PAIKEL.

E o que pediria a victima, a quem o carrasco martyrisasse a golpes de mal afiada segure? Em breve te cingirão os braços do teu esposo, e té esquecerás do malfadado que se irá por terras de estranhos com a a dor no coração—e as lagrimas nos olhos. E o que pediria eu, Namry?

Ainda ha pouco appareceste diante de mim com as sobranceiras carregadas de increpações, e me enderessaste palavras de amargor e de cholera, que eu duvidei por um instante, se eu era verdadeiramente Paikel—e tu verdadeiramente Namry Romhor—e se ambos nós nos tinhamos amado em outros tempos.

NAMRY.

Por Deus, Paikel—que queres tu—que eu faça?

PAIKEL.

Nada, Namry; não quero nada. E se tu soubesses?. Quando soube que já me não amavas—quando mais não pude duvidar—fiquei—estupido e frio como uma rocha batida pelas vagas—Depois mil pensamentos

remoinharam em minha alma; eu me julguei doido, e a cabeça se me estalava com dores. Quiz te ver ainda uma vez porque visse se eras tão bella como d'antes, do que eu duvidava. Trazia mil cousas para te dizer—mil palavras de furor e desespero—d'injurias e d'insultos—E tudo se acabou quando te avistei.—Se estivessemos sós, eu me lançaria a teus pés para te pedir perdão de ter desconfiado de ti—E hoje mesmo, ainda o faria se me não viesses gelar a voz nos labios com tua voz fria e grave.

NAMRY.

Meu Deus, meu Deus!

PAIKEL.

Uma palavra só e eu me retiro para sempre: Namry, por nosso amor tão formoso d'outras eras—pelo amor que hoje tens se te não acordas do pobre homem que te adorava com todas as veras do seu coração, Namry, já me não amas?

NAMRY.

Porque m'ò perguntas, Paikel?

PAIKEL.

Por Deus—eu t'ò supplico—Dize-me uma palavra só—e eu me irei, Namry; e nem mais ouvirás fallar de mim se noticias minhas te importunam—não me amas?

NAMRY.

Mas seria fazer-te uma confissão!

PAIKEL.

E é o que te peço—Livra-me desta duvida, que me

esmaga o coração: Dize-me que sim ou que não—pouco será para ti dizeres uma palavra—só—nada mais que uma palavra—por que me não posso persuadir que em tão pouco tempo te esquecesses de tudo. Livra-me desta incerteza que me endoidece—por quem és—e eu te beijarei as mãos e os pés—e o sitio em que pisas—dar-te-hei minha vida se m'a pedires, e bem direi o teu nome.

NAMRY.

Basta! basta! meu amigo abraçando-o.

PAIKEL.

Apertando-a nos braços. Meu amigo!

NAMRY.

Deixa-me chorar—deixa-me chorar de prazer nos teus braços, meu Paikel, custava-me tanto ver-te sofrer! abraçados.

PAIKEL.

Eu bem sabia que tu eras sempre a minha Namry—e que o meu coração não me enganava. Ella tem a cabeça nos hombros d'elle.

NAMRY.

Vem gente!

PAIKEL.

Não é ninguém—deixa-te estar sobre o meu coração—deixa-me ver o teu rosto—ha tanto tempo que o não via—precisava tanto de ti! precisava tanto do teu amor! Abre-se a porta e apparece Bertha.

NAMRY.

Oh! foge.

SCENA III.

Paikel tem as costas para a porta da esquerda do espectador, por onde entrou Bertha—Bertha traz um véo e pára um pouco á porta. Paikel, que ficou a olhar para o sitio por onde desapareceu Namry, olha repentinamente para traz — e dá com Bertha.

PAIKEL e BERTHA.

BERTHA.

Muito sinto de vos ter surpreendido, Senhor!

PAIKEL.

Como deveis saber, a casa não é minha—tendes direito de entrar nella, e disto nada estranho.—Mas como agora me parece que tendes de me fallar—dar-me-hia por mui feliz se em alguma cousa vos pudesse ser agradável.

BERTHA.

Obrigadissimo, Senhor—porem não vim para vos pedir favores.

PAIKEL.

Não tendes que me agradecer, a não ser a minha boa vontade; e a pesar de tudo ser-me-ha permitido pedir-vos um favor com tanta franquesa com quanta recusaste o meu prestimo.

BERTHA.

Podeis pedir, Senhor—porem desde já tende a certeza de que não vol-o faço.

PAIKEL.

E porque, Senhora.

BERTHA.

Porque nada me poderia pedir Paikel, que eu lh'o podesse fazer.

PAIKEL.

Oh! mas parece que já nos conhecemos.

BERTHA.

Tendes tido o cuidado de escrever o vosso nome por tanto logar immundo e sordido que não é muito que eu vos conheça.

PAIKEL.

Perdoai, Senhora—porem para ter tido o meu nome em taes logares—seria preciso ter-vos abaixado até elles.

BERTHA.

Vós o dizeis, Senhor! descobre-se.

PAIKEL.

Bertha!!!

BERTHA:

Já me conheceis, Senhor? julguei que já vos terieis esquecido das minhas feições como já vos esqueceste da minha voz. Ora pois agora que me conheceis—dizei-me: não é verdade que já descí bem baixo, aos mais infimos degrãos da sociedade—aos logares mais torpes e obscenos? dizei-me!

PAIKEL.

Que vieste aqui fazer, Bertha?

BERTHA.

Essa pergunta deveria ser a minha; mas... responder-vos hei: inquiri a vossa consciencia, se ainda a

tendes, e ella vos dirá o que aqui vim fazer.—Pesai as vossas intenções, Senhor, e concluireis depois que por amor de vós e por amor de mim—livrei-vos de ser um infame seductor por mais uma vez—e um amigo ingrato e refalsado, se já o não fostes.

PAIKEL.

Quem te disse que eu a queria seduzir, Bertha?

BERTHA.

Digo-t'ó eu, Paikel—porque conheço-te mais a ti do que a mim propria. Digo-t'ó eu, porque sei que o farias de bom grado sem te dares da mulher, que des-honravas—sem te dares, nem da sua honra, nem da tua, porque essa pobre mulher tambem te ama. E finalmente, Paikel, digo-t'ó eu porque conheço os teus projectos.

PAIKEL.

Bertha, sempre é bem feliz uma mulher com ser fraca, porque póde impunemente com o que lhe vem á phantasia atirar á cara de um homem, e insultalo como lhe apraz.

BERTHA.

É o que eu disse, Paikel—é bem feliz a mulher; dize, não te parece que é bem feliz quando compra, como eu comprei, a liberdade de um homem; e quando o insulta, como ora faço? Dir-te-hei mais, Paikel: quem diz o que não sente, Paikel, mente—quem emprega manhas e artificios para enganar a uma mulher—é um embusteiro:—e quem depois de a ter humilhado a abandona, sem se lhe dar do seu futuro é um covarde—um infame.

Oh! como eu sou bem feliz em te poder lançar em rosto todas estas baixesas, que farião córar o mais vil laçao, e que te não pôde fazer subir a côr ás faces!

PAIKEL.

Já vejo que de proposito vieste para me insultar.

BERTHA.

Já vos disse para o que vim—livrar-vos, de uma infamia e facilitar-vos a reparação d'outra.

PAIKEL.

Dizei—bem vedes que estou benevolo e tranquillo, e que ouvirei paciente de uma senhora tão pollida a negra relação dos meus delictos—sentai-vos!

BERTHA.

Obrigada, Senhor.

PAIKEL.

Então—fallai—breve—por que me arreceio de que a minha impaciencia affugente a minha civilidade—e neste caso—sentiria não vos poder escutar até ao fim.

BERTHA.

Como quizerdes!

PAIKEL. Gesto de impaciencia.

Tratarei de vos interrogar, Bertha, a ver se mais depressa nos aviamos. Tereis a bondade de me informar dos meus projectos?

BERTHA.

Seria inutil—porém eu vo-los direi—para vos diminuir a vaidade de pensardes que ninguem aventa as

vossas intenções.—Não foi por amor da Livonia ou pela gloria do vosso amigo—que o fizestes sair d'aqui: precisaveis de estar só para melhor levar ao cabo a vossa empresa— e viestes com a mascara na cara— e o fingimento nos labios atraçoar o vosso amigo, se me não interposesse entre vós ambos, mais forte do que a innocencia de Rombor, mais vigilante do que a credulidade de Patkull.

PAIKEL.

E sem duvida terei tramado contra elle alguma horrivel embuscada!

BERTHA.

Que duvida?!

PAIKEL.

Oh! meu Deus!

BERTHA.

Tremo por alguém, Paikel, quando te surris para elle—quando lhe enderessas palavras seductoras, quando espontaneamente o obsequias.—Armastes ao teu amigo alguma horrivel emboscada—tu o disseste.

PAIKEL.

Bertha, Deus te livre de amigos que assim pensem de ti.

BERTHA.

Deus me perdoe, se me engano; porque já me tens dado razões sobejas para duvidar do bem que pareces fazer.

PAIKEL.

E não recejas que pensem mal de ti, quando pensas mal de todos?

BERTHA.

Não. Porque ainda conheço corações innocentes e virtuosos. Somente agora não sou tão facil de enganar, como já o fui em outros tempos: tu bem o sabes, Paikel.

PAIKEL.

Bertha, porque havemos de estar assim a estomagar-nos cruelmente um ao outro.—Eu bem sei que tu tens rasão—muita rasão—para me tratares com tanta duresa: eu mesmo me condemno porque baixamente me portei contigo—portei-me como um peão, como um servo.—Eu bem o sei, Bertha. Ainda que eu me lançasse de joelhos a teus pés, não me quererias perdoar, e com tudo nunca te deixei de amar, Bertha: ainda hoje te amo; ainda te amo como sempre; como no dia em que tu abandonaste teus pais, teus lares, para seguires o simples cavalleiro Paikel—que nada mais tinha para te offerecer que o seu amor.

BERTHA.

Já uma vez me enganastes!

PAIKEL.

Não! nunca te enganei porque o teu amor ficou sempre commigo.—Crês tu que um homem possa esquecer momentos tão deleitosos, como os que eu passei ao teu lado? Esquecel-os-has tu Bertha? Não, não os esquecerás porque tambem eu me não esqueci delles.

Quando o amor é tão ardente e tão profundo como o nosso, Bertha, dura por toda a vida, e o coração não pôde amar duas vezes por igual modo.

BERTHA.

Mas tu amas a esta mulher, Paikel.

PAIKEL.

Não o creias. É uma distração,—uma illusão—um passa-tempo, porém nunca será o amor. Se tu me amaçses ainda?! Tu verias se o meu coração se tem invillecido—Bertha, ainda podíamos ser felizes como no tempo, em que eu te dizia: eu te amo.—E tu me abraçavas, e com teus lahios, que se surrião, derramavas sobre os meus um prazer indisivel, ineffavel—que nunca igual experimentei.

BERTHA.

Fallas tu verdade, Paikel?

PAIKEL.

Meu Deus, meu Deus—como te poderei eu persuadir? Dize o que queres tu que eu diga ou faça, para que me possas acreditar.—Eu o farei, Bertha—eu o direi—oh! se eu pudesse dizer tudo quanto sinto por ti!—tudo quanto me enche o coração, e que eu mal posso traduzir—tu me perdoarias—Bertha, tu me amarias.

BERTHA.

E esta mulher?

PAIKEL.

Já te disse que a não amo—não amo senão a ti, minha Bertha.—Queres tu? Deixemos esta casa—esta terra—iremos nós ambos, nós sosinhos para longe—para muito longe—para a nossa casinha d'Olitta, Bertha; e alli acharemos o prazer que alli deixamos, que alli nos surria e o nosso amor tão puro e tão terno.

Tu bem sabes o amor, que eu tenho á sciencia—o amor da gloria, que me não podias fazer esquecer.— Pois bem—Bertha—deixar-me hei das minhas esperiencias, que tanto te assustavam, e nem me ouvirás fallar de Alkimia ou de pedra philosophal.—Queres tu? Oh meu Deus, não terás tu unicamente direito ao coração.—Já me não amas, Bertha?

BERTHA.

Paikel.

PAIKEL.

Fujamos d'aqui, meu anjo, meu amor; Bertha pegando-lhe nas mãos iremos para onde te aprouver—sempre amantes—sempre unidos, na vida como na morte—Bertha?!

BERTHA.

Seria verdadeiramente horrivel que me enganasses segunda vez—Paikel!—Eu conheço que é possível—que um dia o farás talvez.—Não importa, Paikel:—eu tambem te amo.

Vai para o abraçar—elle pega-lhe nas mãos, e recúa, para que ella o não abrace e ella cahe de joelhos.

PAIKEL a rir-se.

Sóis bem difficil de enganar, Bertha!

BERTHA com a cara escondida no seio.

Desgraçada que eu sou!

PAIKEL.

Desgraçada que tu és, Bertha.—Vês tu que eu poderia fazer de ti tudo quanto me aprouvesse.—Vês tu que estás a meus pés como se foras a criminosa.—Vês

tu que eu sei que ainda me amas, e que rejeitei o teu abraço, como rejeitei o teu amor.

BERTHA tapando os olhos.

Paikel!

PAIKEL.

Desgraçada mulher, chamaste-me vil—infame—cobarde—chamaste-me que sei—eu. E conclues dizendo—eu te amo: por Deus que é incrível o teu amor! amares qualidades tão infames?

BERTHA.

Tem piedade de mim!

PAIKEL.

Não mereces nem amor, nem piedade; mas terei compaixão de ti, se vir que as tuas faces ainda se não esqueceram de corar.

BERTHA levantando-se resoluta.

Só esta vez, Senhor.—Não vos fallarei d'agora porque não terei palavras para vos dizer quanto foi baixo e vergonhoso o modo porque me haveis tratado—: Paikel—eu era rica e nova—tinha pais que me amavam, teria mil amantes se os quizesse, e tudo abandonei por amor de ti.—É da tua honra salvar a mulher que deixaste em tal abandono—queres salvar-me?

PAIKEL.

Não.

BERTHA.

Paikel, medita bem—tu me deshonoraste, humilhaste-me aos olhos de minha propria mãe—tu me seduziste no tempo, em que me chamavas bella.—Esse tem-

po passou bem o sei, mas foi o teu amor fatal quem me poz a pallidez nas faces, e o desespero no coração.—Fatigado com o meu amor me lançaste no mundo com a fronte cingida de vergonha e de oprobrio—Paikel!—queres tu salvar-me desta vergonha e deste oprobrio?

PAIKEL.

Não.

BERTHA.

Se não por amor de mim ao menos por amor de ti. Já sabes como eu amo—vê se me saberei vingar.—Não te illudas.—Não creias mais em amor da minha parte porque o acabaste de assassinar.—Mas terrível é a vingança da mulher que nada respeita, e tu nada me deixaste de sagrado.—Não queres?

PAIKEL.

Não.

BERTHA.

Paikel, ainda uma vez.

PAIKEL.

Não, mil vezes não.

BERTHA.

Nada mais tenho que vos dizer, Senhor! Paikel encara-a um pouco com ar de triumpho e sac.

Como pude eu amar a este homem, meu Deus. Paikel?! Paikel?! Oh! que em breve te arrependerás. Ella pensa um pouco.—Apparece Wolf. Estou vingada! Wolf.

SCENA VI.

WOLF e BERTHA.

WOLF.

Que tens tu?

BERTHA.

Não me disseste que o Senhor Patkull te ordenara de o ir avisar se por aqui acontecesse alguma fatalidade?

WOLF.

Disse sim, mas que tens tu?

BERTHA.

Nada Wol—tens de ir ter com teu amo.

WOLF.

Eu!

BERTHA.

Tu, Wolf—porque lhe aconteceu uma desgraça.

WOLF.

Uma desgraça—Bertha?

BERTHA.

Sim—Wolf—Partirás agora mesmo, sem dizer nada a ninguém e dirás ao Senhor Patkull que Romhor o não ama.

WOLF.

Que?

BERTHA.

Que ama outrem.

WOLF.

Ella?

BERTHA.

E que Paikel é o seu rival.

Cae o pano.

ACTO III.

—

QUADRO I.

PERSONAGENS.

NAMRY ROMHOR.

PAIKEL.

BERTHA.

UM MENSAGEIRO.

UMA CREADA.

ACTO III.

A mesma sala que a do acto segundo.

SCENA I.

NAMRY ROMHOR vestida de preto.

Patkull?! meu Deus, porque o prenderião? É uma coisa inaudita, absurda, impossivel—um embaixador de um alliado—um amigo d'Augusto!!

CREADA entrando.

Senhora, acaba de chegar um mensageiro que vos pretende fallar.

NAMRY.

Que entre já—não te demores a creada sac. Ao menos agora saberei alguma coisa com mais certesa. Entra mensageiro.

O MENSAGEIRO. Ajoelha-se e beija-lhe a mão.

Saúde e contentamento á Senhora Duqueza.

NAMRY.

Deus te dê saude e contentamento e eu te darei o que me pedires, e o que eu te poder dar se me trouxeres noticias de paz e contentamento.

O MENSAGEIRO.

Nem de paz, nem de contentamento.—São novas de mau agouro, Senhora.—É pesado ouvi-las e triste o ter de as dizer.

NAMRY.

Falla sem receio? É verdade que Patkull foi preso?

O MENSAGEIRO.

Sim, Senhora Duquesa.

NAMRY.

Está já morto?

O MENSAGEIRO.

Condemnado á morte.

NAMRY.

Condemnado á morte? Sabes tu o que dizes, homem! condemnado a morte!! e porque? sabes tu porque?

O MENSAGEIRO.

Não o sei e ninguém o sabe com certeza.—Elle mesmo é quem o disse— quando o prenderam: o Rei Augusto não lhe quiz fallar, e elle está na prisão de Roenigstads.

NAMRY.

E o Rei Augusto?

O MENSAGEIRO.

Está por ora em Dresde.

NAMRY.

Sabes um caminho seguro e breve.

O MENSAGEIRO.

Poderei lá estar em duas jornadas.

NAMRY.

Descança que partiremos ambos.

O MENSAGEIRO.

Vós Senhora?

NAMRY.

Descança, e não haja demora na partida—vai—elle sae.

SCENA II.

NAMRY.

Dizem que o rei Augusto é um bom rei—eu lhe irei fallar.—Dizem que é desgraçado? tanto melhor, que mais de pressa se condoerá de mim—e mandará soltar o pobre Patkull—que o serviu tantas vezes—de conselhos—e com o seu braço—Patkull? Por muito tempo me tenho esquecido d'elle! Pobre homem—que tanto me amava.

Entra Bertha.

SCENA III.

Bertha ajoelha-se aos pés de Ronahor.

NAMRY.

Que fazes tu, Bertha?

BERTHA.

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY.

Sou eu que te fallo Bertha? não me conheces?

BERTHA.

Vosso perdão, Senhora.

NAMRY.

Ora vamos! que me poderás ter tu feito, para que me venhas assim pedir perdão? Levanta-te e eu também te pedirei perdão porque te chamei minha amiga e por muito tempo me tenho esquecido de ti... e não só de ti, minha amiga!—vamos.

BERTHA.

Não vos mereço tanta bondade.

NAMRY.

Estás-me a inquietar seriamente—que tens tu Bertha?

BERTHA.

Remorso do que fiz, Senhora.

NAMRY.

E é cousa que eu te possa perdoar? como me poderias fazer mal?

BERTHA.

Eu o fiz, Senhora.

NAMRY.

Olha—Bertha—talvez que fosse melhor que deixas-
ses para outra vez, o que agora tens para me dizer,
porque tenho deveres a cumprir que me chamam lon-
ge daqui.—Mas não te posso deixar assim, Bertha—
falla se o teu perdão depende de mim, estás perdoa-
da—não tenhas vergonha nem receios, porque bem
sabes que eu sou tua amiga.

BERTHA.

Eu amava, Senhora.

NAMRY.

Bem o sei.

BERTHA.

Oh! como haveis de me odiar!

NAMRY.

Sê breve.

BERTHA.

Ao vosso amigo.

NAMRY.

Bem o sei.

BERTHA.

Como! sabeis! encarando-a e levantando-sê.

NAMRY.

Sim—era só o que me querias dizer? Estavas com tanto misterio para nada.

BERTHA.

Não era só isto.

NAMRY.

Então acaba.

BERTHA.

A minha historia é longa.

NAMRY.

Queres matar-me de impaciencia!

BERTHA.

Sabeis quem sou eu?

NAMRY.

Filha não sei d'onde—educada por caridade de não sei quem:—e depois.

BERTHA.

Não Senhora.—Nasci feliz e rica.—Meus pais me amavam—e faziam o que lhes eu pedisse.—Nunca.

contei com piedade—porque nunca suppuz carecer della.—Então me appareceu Paikel—e disse que me amava—eu o acreditei em quanto não fui trahida. Finalmente deixou-me só e abandonada.

NAMRY.

Que te importa! Cré-me, Bertha, por mais forte que seja o amor nunca dura por toda a vida.—Esquece-te delle.

BERTHA.

Fugi com elle—e por elle abandonei tudo quanto neste mundo me era mais caro. Abandonei meus pais e minha fortuna—e depois elle pretextou uma viagem e partiu—nem mais ouvi fallar delle.

NAMRY.

Fallas de Paikel—Bertha?

BERTHA.

Sosinha e fraca não tinha meios para ganhar a vida. Lembrei-me de meus pais—mas eu não queria entrar em casa com a vergonha no rosto—e manchar os últimos instantes de quem me tinha cercado a meninice de tanto amor e carinhos.—Não—eu queria antes morrer do que encontrar meus olhos com os olhos de meu pai—que morreu de vergonha. Procurei uma occupação e não encontrei.—Seria longo dizer-vos os transees que passei—o que eu soffri de baixesa—de insultos e de orgulho—de homens e mulheres—chorei lagrimas de desespero quando nem uma esperança me restava sobre a terra—por acaso encontrei vosso pai, e desde esse momento vos tenho servido.

NAMRY.

Fallaste a Paikel?

BERTHA.

Foi generoso em demasia—ajuntou o insulto ao abandono.—Tentei tudo para o commover, mas nada achei do que eu buscava.—Foi então que para me vingar delle—revelei tudo a Wolf—que já partiu para ir ter com seu amo—e para lhe contar o vosso amor.

NAMRY.

Eu o mereci. . . ! porque me abaixei a amar esse homem.—Os homens! Os homens?!—Não chores, Bertha—o teu nuncio de máo agouro não dará essas novas porque certamente não poderá fallar com Patkull—que queres tu fazer?

BERTHA.

Vingar-me.

NAMRY.

Vingar-te! E que ganharás tu com isso?

BERTHA.

A vingança.

NAMRY.

E podes tu gozál-a?

BERTHA.

Talvez.

NAMRY.

Eu verei se podemos arranjar uma reparação: vai—faze saber a Paikel que lhe pretendo fallar.—Bertha sae. Quem nos dirá a nós outras pobres mulheres o que se passa no coração de um homem.—Só palavras tem

nos labios — palavras que mentem — olhos que mentem, que dizem virtude quando a consciencia diz crime. Os homens! onde haverá mais falsidade? elles que são mais fortes! empregarem assim mentira! perpetrarem assim vilesas!

Entra o mensageiro.

SCENA IV.

O MENSAGEIRO.

Aqui estou, Senhora Duquesa.

NAMRY.

Estás prompto?

O MENSAGEIRO.

Às ordens da Senhora Duquesa.

NAMRY.

E a carruagem?

O MENSAGEIRO.

Tambem prompta.

NAMRY.

Vai — brevemente serei contigo *elle sac.*

Vejamos se posso tirar uma boa acção do que a consciencia me exprobrava como um crime — certo que o farei. — Paikel ama-me, ajuda ha pouco m'o disse. — O amor nada pôde recusar, dizem. — Oh! eu o farei!!

Entra Paikel.

SCENA V.

PAIKEL.

E o que não farias tu—Namry,—Tudo quanto cabe nas forças de um homem elle o faria se a tua voz o dissesse—se teus olhos lh'ò pedissem, se teus labios lhe surrissem!

NAMRY.

Eu te esperava. Paikel.

PAIKEL.

E eu Namry! eu aqui vinha a teus pés verificar tamanha dita, porque acabo de conhecer que realmente me amas—que não podes estar sem mim, como eu não posso estar sem ti.—É como no outro tempo—em que te ouvia dizer-me de continuo; vem—como agora Namry—eu vinha cheio de prazer e de contentamento—para te ver, como agora—para como agora te dizer: eu te amo, Namry.

NAMRY.

Paikel, não é verdade que a mentira deslustra a honra de cavalleiro?

PAIKEL.

Namry—o homem que mente é um máo christão—o cavalleiro que mente é indigno de calçar esporas de ouro—e de lidar em justas e torneios com o seu nome de guerra.—Pela fê de um christão e pela honra de um cavalleiro—Namry—eu te amo.

NAMRY.

Não te recordas, Paikel, de ter dado a tua palavra a outra—de lhe teres empenhado a tua honra—como ora acabas de fazer por meu respeito?

PAIKEL.

Negar-l'ò, fôra mentir:—Namry—não ha um homem da minha idade que derramando um olhar sobre o passado não encontre nelle um remorso para a sua consciencia.—Isso que dizes—Namry—eu o fiz—e talvez mais do que uma vez.—Mas—um cavalleiro que mal fez concede reparação leal e franca a quem quer que lh'a peça.—Eu sou cavalleiro, e que o não fosse, Namry—ser-me-hia penoso ter a consciencia de não merecer o teu amor.—Alto soa o meu nome.—Quem se der por offendido que venha ter commigo—e certo que voltará contente e satisfeito.—Tenho mais honra que dinheiro—mas o sangue e fazendas de Paikel, serão de sobra para o mais sedento e ambicioso.

NAMRY.

E quando forem dividas que se não pagam nem com dinheiro, nem com o sangue?

PAIKEL.

Que Deus se condoa de mim—porque tudo lhe poderia dar—e lhe daria tudo, menos o meu amor que não é meu.

NAMRY.

Eu cria que o amor era sujeito ao dever.

PAIKEL.

Cres tu—Namry!

NAMRY.

Creio que o cavalleiro que é o mais forte deve dar exemplo á mulher que é mais fraca.

PAIKEL.

E porque nos vês invergar coiraca e saia de guerra— porque nos vês cobertos d' aço e ferro—d' aço e ferro julgas tu que temos os corações?

NAMRY.

Julgo-os demasiadamente sensiveis, a serem como o teu.—Mas dize? Quando uma mulher póde fazer callar o seu amor porque não poderá um cavalleiro acabar com elle?

PAIKEL.

Porque elle se esquece de tudo para pensar nella, e ella se lembra de tudo para o esquecer a elle.

NAMRY.

Paikel, como se appellida entre vós outros um cavalleiro, que falta a sua palavra?

PAIKEL.

Um felão.

NAMRY.

E tu queres ser um cavalleiro felão?

PAIKEL.

Serei gesto de despreso de Namry serei, Namry, e só por teu respeito.—Ainda quando o harauto me negasse a entrada na liça dos combates por esta acção—quando todos me reprehendessem, não o deverias tu fazer, Namry—porque é por ti que eu o faço.

Mas não será eterna a exprobração—quando eu mos-

trar um dia o que era o meu amor de hoje—o meu amor de sempre:—meus paes dirão cheios d'assombro—só o amor de Paikel podia vencer a sua honra.

NAMRY.

Já que te esqueces de tudo para só te lembrares de mim—quero corresponder-te por igual modo.

Tambem me esquecerei de mim para só pensar em ti.—Tratemos da tua honra, Paikel.

PAIKEL.

E desde quando te importas com ella?

NAMRY.

Desde que della te esqueceste.—Ha uma mulher a quem chamo minha amiga—Paikel—bem sabes quanto perden por teu respeito—bem sabes—porque a conheces ha mais tempo do que eu:—e por que ella mesma t'o disse antes que m'o dissesse a mim.

É a primeira cousa que te peço—Paikel—repara o mal que fizeste, e eu serei contente de mim mesma por ver que amava um homem, que merecia ser amado.

PAIKEL.

Não posso.

NAMRY.

E porque?

PAIKEL.

Porque a sua familia não é nobre.

NAMRY.

Devias ver isso quando a deshonoraste.

PAIKEL.

Mas estas alianças, bem o sabes, tem pouco uso entre nós.

NAMRY.

Tambem entre vós outros é de pouco uso deixar penhorada a sua palavra.

PAIKEL.

Bem o sei.—Mas eu não amo a essa mulher. Inda ha pouco me veio ella injuriar face á face—chamou-me nomes de desprezo e de injuria, que eu me envergonharia de os repetir. Tivesse ella um parente, que cingisse uma espada—e a esta hora ella não teria este parente. Não fosse vilania assassinal—a esta hora não terias mais amiga.

NAMRY.

Ella te defendeu em minha presença como eu talvez o não fizesse agora—eram palavras de ciúme—que não mancham porque são filhas do amor.

PAIKEL.

A vingança de que um para o outro eramos capazes, nós a temos praticado—Insulto por insulto: somos pagos.

NAMRY.

Estás pago—e ella punida—muito bem, Paikel.—Já não restam lembranças de reciprocos insultos—nada mais terás que objectar.

PAIKEL.

Nem ella que me pedir.

NAMRY.

Deixemos-nos de rasões, Paikel—por esse modo

não posso lutar contigo. Porque me não fazes tu o que eu te peço?

PAIKEL.

Porque eu te amo, Namry—porque te amo de todo o meu coração.

NAMBY.

Oh!—Mas seria eu verdadeiramente pobre—roubar a fortuna da minha creada—pensas em tal, Paikel.

PAIKEL.

Da tua creada?

NAMRY.

Da minha amiga—como também tu ao teu amigo. Já bastante erramos—é preciso que ao menos uma vez na vida andemos por caminho seguro e plano. Temos hoje mais que fazer do que o papel de amantes.—Tu és o cavalleiro Paikel—que tens um brasão illustre, um dragão lavrado em synople que despedaça uma serpente.—Tens por devisa o valor pela virtude. E eu sou a Duquesa de Mecklembourg.—Lembremos-nos do que somos, e façamos o que devemos.

PAIKEL.

Pede-me tudo quanto quizeres—Namry—tudo, é eu farei tudo—mas não me peças que te deixe de amar, porque de certo o não podéra fazer. Eu daria quanto tenho de mais precioso a quem me reduzisse o meu amor á tempera do teu—é um amor brando e facil que se turva como a mais pequena nuvem, que mostra mil aspectos, como as azas da borboleta adejando ao sol.

NAMRY.

Não m'ó queres fazer?

PAIKEL.

Não posso.

NAMRY.

Paikel—meu pai dizia que um nobre que se debruça sobre uma mesa para ter um livro ou pergaminho—era da nação efeminada dos francezes, que hoje não conta um cavalleiro: que um cavalleiro que se compraz em rabiscar papel, em vez de manejar a espada descahia da sua nobresa—que um cavalleiro que consome dias e noites em busca d'oiro, tinha o genio de um vilão.

PAIKEL.

Teu pai nasceu 200 annos depois de que deveria ter vivido.

NAMRY.

Meu pai era um Duque honrado e nobre—se elle te dissesse—farei isto; podias dormir descansado como debaixo da folha da sua espada, porque elle cumpriria a sua promessa sem que fosse mister lembrar-lh'a.

PAIKEL.

Tu me enganaste, Namry—quando me disseste que me amavas.

NAMRY.

Era eu que me enganava a mim propria. Deves confessar que não posso satisfazer a tudo quanto por mim tens feito.

PAIKEL.

talvez.

NAMRY.

Talvez!! Bem—será mais uma divida, Paikel—que eu te não poderei pagar.—Salva a honra de Bertha—e eu me esquecerei de tudo.

PAIKEL a rir-se.

Esquecer-te-has de tudo? ! como és generosa..

NAMRY.

E mais do que mereceis, Sur., sois um infame.

PAIKEL.

Namry!

NAMRY.

Agradeço-vos amor tão alto. Porem tenho orgulho sobejo para me contentar com os restos d'outra, e não deixei de ser nobre para me casar com um assassino. Dêstes a vossa palavra a vossa amante, de que ella seria a vossa esposa—e ella, porque fiou de vós, serve hoje para ganhar a vida. Dêstes vossa palavra ao vosso amigo—e porque elle acreditou na vossa palavra, vai ser assassinado.

PAIKEL.

Patkull? Fallas de Patkull?

NAMRY.

Ide a Römstadtz e lá o vereis subir ao castafalso que para elle mandastes apparelhar.

PAIKEL.

Eu o salvarei, Namry, eu parto já sem demora.

NAMRY.

Fazeis bem, Senhor—porque se elle entrar uma vez nesta casa, não lhe seria gostoso o encontrar-vos nella;

e quando elle não viesse—não me seria vossa presença muito para desejar.

PAIKEL, sabindo.

Fleming!! Fleming!! Tu m'o pagarás, Fleming!

NAMRY.

Hypocrita.

QUADRO II.

PERSONAGENS.

FLEMING.

O REI AUGUSTO

NAMRY.

QUADRO II.

Uma sala de palácio em Dresde, uma mesa e cadeiras.

SCENA I.

O REI AUGUSTO e FLEMING.

AUGUSTO.

O que ha de novo, Fleming?

FLEMING.

Sabêrá Vossa Magestade. . .

AUGUSTO.

Já não sou Magestade.

FLEMING.

Saberá vossa alteza que é chegado o correio que foi de vossa parte dar a Estanisláo os parabens da sua elevação ao vosso throno da Polonia.

AUGUSTO.

Maldito seja elle. Que mais.

FLEMING.

O correio de Carlos XII espera a vossa decisão quanto aos artigos, que deveis assignar para o tratado de paz.

AUGUSTO.

Lê-os—Fleming—lê-os de novo que me quero falar de minha vergonha—lê-os.

FLEMING lendo.

Darei paz a Augusto—rei que foi da Polonia—debaixo das condições seguintes, que serão cumpridas á risca sem alteração alguma:

1.º O Rei Augusto renunciará ao throno da Polonia—reconhecerá Estanislão por seu legitimo rei—e prometterá jámais pretender elevar-se ao throno, mesmo depois da morte de Estanislão.

2.º Renunciará a toda alliança com nações estrangeiras—principalmente com a Russia.

3.º Mandará para o meu campo os principes Sobieski—com uma guarda de honra e todos os prisioneiros, que me houver feito.

4.º e ultimo. Entregar-me-ha todos os desertores que passaram do meu serviço—e expressamente João Reginoh, Patkull--e dará amnestia a todos que passaram do seu para o meu serviço.

AUGUSTO.

Só?

FLEMING.

Nada mais se contém neste rascunho, que nos mandou o conde Piper.

AUGUSTO.

Acceto.—O Rei Carlos é um rei magnanimo e generoso. Porque me não mandou ir elle á sua presença descalço com as insignias reaes, com uma corda

nos rios, e o *knout* nas mãos.—Por Deus que eu lhe iria beijar os pés para invilecer e abaixar esta maldita Polonia, já tão vil e tão baixa—Polonia!—Povo de escravos orgulhosos—povo de covardes—povo lançado no meio da Europa para ser vendido ao que mais dá e que mais promete—Polonia!—Folga e ri satisfeita na tua prostituição—enche o céu com fogos de vista e gritos d'alegria—illumina teus palacios e habitações de escravos—alegra-te, que em breve gemerás afflicta sob o azorrague da infamia.

FLEMING.

Rei Augusto!

AUGUSTO.

Não me falles, Fleming—não—não me falles—ou dá que eu veja esta Polonia ardendo em fogo, como Sodomia ou Gomorrha—Carlos XII! quem me dera ter vida para te ver um dia miseravel e mendigo, roído de ambições e de remorsos!—Não—não serás o unico conquistador que avistarás o destino dos teus.—Porque não lutei até esse tempo?

FLEMING.

Perdirieis vosso ducado como perdestes a Polonia.

AUGUSTO.

E que me importa a mim um ducado, ou a Polonia? Entra um soldado.

O SOLDADO.

O Principe de Mensicoff deseja fallar a Vossa Magestade.

AUGUSTO.

Não lhe posso fallar.

O SOLDADO.

Vem para vos fallar a respeito de Patkull.

AUGUSTO.

Não ouviste. Pausa por algum tempo. Fleming, que é feitor de Patkull?

FLEMING.

Foi conduzido de Keenigstadt para Casimir, e deve hoje ser entregue aos soldados de Carlos XII, segundo a convenção.

AUGUSTO.

O Cezar quiz saber o que eu fiz do seu plenipotenciario—e tem razão—que lhe hei de eu dizer? Elle era o meu unico alliado, o unico verdadeiro amigo!

FLEMING.

Mas ganhastes a vossa Saxonia.

AUGUSTO.

Mas perdi a honra, Fleming.—Se eu tivesse ainda em meu poder esse homem, a quem agradeço tão mal—oh! não sei de certo se o entregaria ainda quando me rendesse o centuplo, do que ora me rende.

FLEMING.

E farieis mal.

AUGUSTO.

És um bom politico, Fleming—porem tens uma alma bem pequena.—Tens occasião de te vingar de um inimigo e pouco te importa que elle seja desgraçado.—Eu estimaria mais que o defendesses.

FLEMING.

Nem que elle fosse meu irmão—pediria eu por elle quando se trata dos interesses de vossa Magestade.

AUGUSTO.

Escusas lisonjas—vês que sou um rei sem throno ou Magestade; um poder sem alçada.

FLEMING.

Não é lisonja, Senhor--quando vos digo que a-rebellião é um crime—e que um rei nunca deve proteger um rebelde.—Um duque hespanhol jurou ao seu rei que faria queimar seu palacio, se o Duque de Bombonde se demorasse nelle por espaço de uma hora, porque o Duque se tinha rebelado contra o seu rei—Francisco I.—E o rei louvou a nobresa do vassallo.—Ora Patakull é um rebelde—era um dever real punil-o—vós o fizestes, Senhor. E nem vos fica menos airoso que a sua morte vos renda um ducado—que já era vosso, e para mim, o que chamais uma vingança, que nunca tencionei tomar.

AUGUSTO.

Seja como dizes. Faz-lhe signal com a mão que saia. Ouvém-se passos. Já devêm ser seis horas, para que me pediu uma audiencia a Duqueza de Meklembourg?—Que me pretenderá!!—Veremos.—Algum capricho de Senhora?! Que importa?!—Não negarei um favor ao descer do throno á filha de quem era meu amigo, antes que alguém sonhasse que Augusto seria rei um dia.

Um dia!... o que é um dia?—às vezes se passam elles serenos e mansos sem que nem ao menos a sombra de um acontecimento escureça alguma parte delle.—Outras vezes a vida pende do resultado de um dia, e a alma tem a vista pregada nõ que vai acontecer, que

lhe trará ventura ou desventura.—É um lago tranquillo e manso, representando o azul do céu e das nuvens. São ondas negras e revoltas, que se embatem, que se cruzam, que se repellem mal ditas da esperança.—E a vida ahi está como no aspecto fagueiro ou terrivel da superficie do lago.—Somente a alma guarda mais constantemente para todo o resto da sua existencia n'este mundo, o que por ella passou uma vez.—O pezar dura eterno como o seixo lançado na corrente.—E o prazer tambem lá permanece, e por vezes se nos accorda feiticeiro e saudoso—como a imagem da donzella que uma vez topámos acaso n'um passeio solitario, e que desaparece para mais não voltar.

SCENA VI.

Batem.—Elle pára como despertado de seus pensamentos—e de repente vâ á porta—abre-a e entra Namry Romhor.

NAMRY.

Senhor!

AUGUSTO.

Que pretendeis, Senhora?

NAMRY.

Fallar ao rei Augusto.

AUGUSTO.

Sou eu.

NAMRY.

Vós? *como consigo* Parecia-me que a presença de um rei deveria de ser terrivel e magestosa.

AUGUSTO.

Nada disso—nem magestosa nem terrível—porem benevolente quando a vida de um rei se fita n'um perfil gracioso e bello de formosura como a vossa.

NAMRY.

Não mereço que sejais homem para vos abaixar até mim.

AUGUSTO.

Tambem nós somos homens:—tambem! com differença de que o coração de um rei parece ter mais força para a dôr e maior espaço para conter lagrimas, que se não podem deslizar impunes pelas faces do monarcha—mas eu já não sou monarcha—não, já o não sou!—Podeis fallar sem receios.—O Rei Augusto morreu—mas ainda vive o amigo de vosso pai, Senhora Duquesa.

NAMRY.

Não contava com mais esse titulo para me apresentar diante de vós, rei Augusto.—É um bom agouro da minha boa fortuna.—Recordei-me de que meu pai vos chamava justo e bom—e eu vim ter com vosco fiado na justiça e na bondade que meu pai tanto exaltava.

AUGUSTO.

Não prasa a Deus que eu desminta conceito para mim tão lisongeiro—podeis fallar, Senhora Duquesa.

NAMRY.

Meu Deus! não sei porque mê acanho tanto para vos pedir o que tenho de vos pedir.

AUGUSTO.

Quereis muito *a sorrir-se.*

NAMRY.

Muito ! muito.

AUGUSTO.

Oh ! tanto melhor—certo que eu não quizera tão sómente conceder á filha do meu velho amigo o que outro qualquer tambem podesse.—Já não sou rei, Senhora Duquesa, mas ainda me não esqueci de o ser.

NAMRY.

Confio nisso,—e é por isso que vos venho pedir a liberdade de Patkull.

AUGUSTO.

Patkull ? Patkull ! que vós importa esse homem ?

NAMRY.

Peço-vos uma graça, Senhor.

AUGUSTO.

Patkull ! vejamos, Senhora Duquesa.—Eu vos quizera servir—pedi-me qualquer cousa possível, e eu vol-a farei.—A minha Saxonia é bastante vasta—escolhei uma cidade—uma villa—um castello—e eu vol-o darei.—Vede de Leipsik—de Blauzou—de Ziltan a Plauen—escolhei o que quizerdes.—Vistes vós Altenbourg mollemente deitada a margem do seu rio como uma ottomana voluptuosa ? Gera—a cidade do commercio e da riqueza.—Leipsik—a cidade das artes e das sciencias—e Plauen—campeando no cimo de uma rocha como um guerreiro nocturno, que vigia firmado na sua espada.—Plauen austera e forte como

um castello esquecido do perpassar dos annos, vi-
giando a Austria, sombrio e grave—tudo—tudo o que
vos aprouver e não vos ireis queixosa do rei Augusto,
que foi amigo de vosso pai.

NAMRY.

Não, Senhor—pela melhor das vossas cidades não
vos viera eu importunar—venho pedir-vos a vida de
um homem que não mereceu perdê-la.

AUGUSTO.

Quem vos disse que elle o não tinha merecido?

NAMRY.

Era vosso, todo vosso—d'alma e coração—elle vos
aconselhou como amigo—e vos serviu como escravo.

AUGUSTO.

Era um rebelde!

NAMRY.

Não a vós que só podeis punil-o por vos haver bem
servido.—Perdoai se vos fallo assim.—Durante o ca-
minho tão breve da minha vida, não pude ainda
aprender como se falla aos reis—peço-vos a vida des-
se homem—que meu pai me deu por esposo—meu
pai que era amigo de vós ambos. Certo que se o po-
bre velhõ ainda existisse, elle se curvaria diante de
vós, Senhor—para que lhe dèsseis a vida do esposo
de sua filha—e o rei Augusto não seria surdo às vo-
zes do infortunio.—Senhor, é a vida do meu esposo
que vos peço, que vos peço de joelhos—que vos peço
pelo que ha de mais santo, pelo que tendes mais pre-
cioso e mais caro.

AUGUSTO.

Levantai-vos, Senhora—bem me custa ver-vos assim a chorar sem poder enchugar vossas lagrimas!

NAMRY.

Porque o não podeis, Senhor—é vossa a prisão—é vosso o carcereiro—os soldados que o guardam, são vossos; os ferros que o prendem são vossos.—Uma palavra só, e elle será livre e feliz—e eu agradecida e contente, e vós satisfeito com a ventura que fazeis nascer.—Como é bello ser rei para fazer o bem,—livre e grandemente—para ter palavras que dão vida e alegria. Meu Deus, como poderia eu resistir a quem me pedisse a vida de uma creatura?

AUGUSTO.

Pedi outra cousa; Senhora Duqueza.

NAMRY.

Nada mais, Senhor, nada mais que a vida do meu esposo e sereis para mim como um Deus.—Que mal vos pôde elle fazer? elle que vos amava tanto.—Que mal vós pôde fazer—ver-nos alegres e felizes—quando vos devermos alegria e felicidade?

AUGUSTO.

Não alcançareis nada, Senhora Duqueza:—quanto vos podia dar, eu vol-o offereci—nada mais tenho que vos sirva.

NAMRY.

Senhor, como vos hei de eu fallar para vos mostrar que me podeis fazer o que vos peço, que m'o deveis fazer—Senhor.—Senhor não vos incommoda acaso

ver em roda de vosso throno um rio de sangue.—Vós me pareceis tão bom, rei Augusto.—Podereis acaso pensar tranquillamente de que ás tantas horas um homem será de menos—e isto porque vós o quizestes—porque vós o mandastes—Senhor.—Tende piedade de mim.

AUGUSTO.

Elle tem de ser entregue a Carlos XII.

NAMRY.

Por Deus, Senhor—por Deus—não façaes tal—sabeis vós que é um verdadeiro assassinato—que elle o mataria sem compaixão nem piedade—esse homem de sangue e de carnagem—vós o não fareis, rei Augusto—Carlos XII tambem é vosso inimigo cruel, que vos tem perseguido e ultrajado vergonhosamente.—Quereis condescender com elle, rei Augusto—quereis dar-lhe o vosso amigo em recompensa de vos haver roubado a vossa Polónia.—Vós o não fareis.—E depois não podeis sem deshonra tocar na cabeça de um embaixador.—Tencionaes fazel-o, Rei Augusto?

AUGUSTO.

Já vos disse que elle era um rebelde.

NAMRY.

Rei Augusto, o que ides fazer era de mais para deshonrar um homem.—É uma cousa verdadeiramente baixa—um rei ser constrangido por outro rei como um escravo—dous reis que se ligam para perder um homem.—Não é isto uma cousa vil e infame?!

AUGUSTO.

Duqueza, não falleis de rasões que mal podeis comprehendêr.

NAMRY.

Nada mais vos direi indo para sahir.

AUGUSTO.

Vejamos, Duqueza, ainda uma vez—pedi-me uma cousa qualquer que seja e eu vol-a farei—não, eu não quisera que vos fosseis descontente commigo.

NAMRY.

Deus Guarde a V. M. *são.*

SCENA II.

AUGUSTO *depois de um momento de silencio.*

Acaso um dia se levantará a vóz da posteridade para dizer que o rei Augusto foi um traidor e um covarde—traidor!—traidor e covarde! Fleming?

FLEMING.

Senhor!

AUGUSTO.

Quero que Patkull viva.

FLEMING.

Mandae pedir a sua graça a Carlos XII.

AUGUSTO.

São 6 horas.—As 9: um correio póde estar em Korigst—e Patkull será livre.

FLEMING.

Às 8 horas já deverá estar em poder de Carlos XII.

AUGUSTO.

É já tarde— cahindo n'uma cadeira.

ACTO IV

PERSONAGENS.

PATKULL.

SALTZ.

WOLF.

PAIKEL.

ACTO IV.

Um cárcere escuro com uma grade de ferro—uma mesa antiga e velha—
uma cadeira.

SCENA I.

PATKULL.

Como é triste uma prisão—como este silencio é cheio de pavor e de tristesa.—Aqui estou—eu, só—eu, sepultado—eu, sem vida quando carecia tanto d’alguem que me fallasse, de alguem que eu escutasse a cada instante—de alguem que me enchesse o coração de socego e de harmonias.—Nada, nada sinto em torno de mim mais do que o silencio, como o de um cemiterio, que me gela o sangue nas veias—que me enoi-tece a phantasia—só por vezes o coração me arqueja e pula—como que acordasse—ainda em vida—ao der-radeiro som da pedra que lhe esmaga a vida.—Meu Deus!—Morrer assim seria passar a eternidade tran-sido e desesperado.—Morrer! porque tantas vezes penso nisto?—não tenho eu tão vivo o sentir que bas-taria para viver mil annos?—como é possivel morrer com tanto amor. E no entanto foi o meu primeiro

pensamento quando me vi preso—meu primeiro pensamento quando passei o umbral desta porta.—O ultimo quando só me deixaram—quando se fechou aquella porta—quando o som de passos se foi sumindo longe—mais longe—por entre as abobodas dos corredores—mais longe como uma chimera. —Morrer—*andando—pára—cruza os braços no coração* morrer agora! -- Vamos, que me aproveita sonhar torturas e tormentos?

Muitas vezes fatigado d'alma e corpo succumbi ao cansaço e dormi.—Negras imagens esvoaçaram por minha alma perseguida por uma ideia—meu coração gemia amargurado sob terrivel pesadelo, e as bagas de suor corriam por todo o corpo.—Despertava emfim, Eu via a lua, que enfeitava o azul dos ceos de Italia, a terra bella e perfumada—e o mar que vinha preguiçoso beijar os pés de Napoles.—O Vesuvio além cuspidendo o fumo como sombrio penacho de guerreiro—porque não haverá tambem—quando os olhos vigiam—deses pesadellos do espirito, horriveis em sonho—mas fagueiros—mas bellos na realidade.—Oh! quem me dera respirar o ar fresco e puro que agora lá por fóra adeja e sussurra na folhagem *chegando-se á janella.*—Quantas vezes não vi eu a lua branquear este céu—vinha então espalliar n'este silencio da noite tão amigo—pouco do que eu sentia.—Era a noite tão bella como agora—talvez menos—porem não tinha diante de mim estas grades de ferro, que me offendem a vista.—Nanny—meu amor—minha alma—meu anjo tão puro e tão bello, se na terra existem anjos—quem me dera ver-te

como sempre—formosa e pensativa—como um anjo na terra se lembra de melhor patria. Namry—Oh! podesse eu quebrar estes ferros—e ir d'aqui lançar-me nos teus braços—Namry—podesse eu ver-te uma vez se quer, uma vez nesta vida e na outra a eternidade.—Vem Namry—vem—eu serei calado e mudo bebendo a vida dos teus labios—bebendo o amor dos teus olhos.—Vem, cantar-me-has essa cantiga tão singela que tanto me aprazia ouvir-te.—Essa toada dos campos de amor e de ternura da mulher tão extremosa—longe de quem ama.—Oh! quantas vezes a terás soluçado involuntariamente—desde que eu te deixei de ver—e eu dera a vida para ouvi-la—dera tudo menos o meu amor? ! Fica mudo e pensativo.—Entra Saltz.

SCENA II.

O MESMO e SALTZ.

SALTZ.

Como ides, senhor.

PATKULL.

Bem, Saltz—muito bem—melhor do que eu esperava passar n'uma prisão,

SALTZ.

Certo—bom senhor—que não estareis aqui tão bem como no vosso palacio de Livonia—sempre é uma prisão—uma cousa bem feia e bem lugubre, que até me entristece a mim que não sou nem preso, nem con-

demnado.—Não posso dar um passo sem surpreender lagrimas que vacilam nas palpebras—ou desespero insano de quem nada espera.—Nos corredores por onde passo—através das muralhas dos carcerees transundam suspiros e agonias—vozes, que se lamentam—que se enfurecem—ou que choram truncadas e sem força—que é dor do coração ouvi-las tão sentidas.—Quando me deito, choro por esta pobre gente com quem tenho por dever de parecer rigoroso—e quando acordo sinto o rojar de grilhões do que vela toda a noite nas trévas e suspiros.

PATKULL.

Bom Saltz.

SALTZ.

Bom—senhor—bom—mais do que devo e menos do que m'ò exige a consciencia.—Eu vim para este inferno com a alma pura—sem remorsos, sem pesares. Alegre e satisfeito dormia e acordava feliz, por que vivia, por que sentia a vida—e hoje—bem vedes que vos intristeço em vez de vos consolar, como eu tanto desejara—por que me parece que é máo quem se emprega neste officio—e tenho pesar de tanta vida que se perde—de tanta alma arrancada do corpo com violencia.

PATKULL.

Teu emprego é triste, Saltz.

SALTZ.

E quando ás vezes tomamos amor a um preso—por que o conhecemos generoso e bom—quando o amamos

como se fôra um parente—uma parte da nossa alma—e sabemos que hade morrer—que tem de morrer ás mãos do carrasco em dous dias—em duas horas! e não ter força para o salvar, quando daríamos a vida por elle?!—é triste, bom senhor—é triste para quem pensa—para quem sente;—para o que morre—algumas horas—e para o que vive a vida inteira!—

PATKULL.

Tens razão, Saltz—Talvez que eu te poupe esse dis-sabor—que tanto te penalisa.

SALTZ.

E quem pôde contar com a vida?

PATKULL.

O coração, Saltz—ha esperanças, que não mentem, ha illusões, que são esperanças—Ha convicções—de que nos não podemos separar d'uma creatura máo grado a violencia—Tenho essa esperança—essa convicção profunda—Deixal-a?—não vês tu qué é impossível.

SALTZ.

E o que ha impossível para Deus, senhor?

PATKULL.

A injustiça— a crueldade— a falta de misericórdia— tudo o que obsta ao amor e á fé— tudo, porque Deus é o amor—é a vida, Saltz—é a esperança.

SALTZ.

Deus vos oiça—que lh'ò peço de todo o meu coração— porque vós sois bom, senhor—Careceis de alguma cousa?

PATKULL.

Não Saltz, deixa-me só.

SALTZ.

E se alguém vos quizesse fallar?

PATKULL.

Quem se lembra. . . Wolf!

SCENA III.

Wolf corre para elle—vai para lhe beijar a mão—Elle o impede—e o abraça.

PATKULL.

Wolf já me esquecia de ti, bom pagem—bem hajas. tu que tão gostosamente me vieste surprehender?

WOLF.

Não tanto como pensaes—meu bom amo.

PATKULL Encarando-o.

Pois não vieste só para ver teu pobre amo—que gemia aqui sósinho—Tirante uma pessoa, Wolf, eras a quem mais desejava ver—Não me trazes novas d'alguem?

WOLF.

Tristes novas, senhor.

PATKULL.

De quem, Wolf?

WOLF.

Da Duqueza.

PATKULL.

Morreo a Duqueza?

WOLF.

Vive.

PATKULL.

Está doente? falla Wolf-- está doente, talvez próxima a morrer?! porque m'ò não disseste mais cedo— que já agora estariamos em caminho.

WOLF.

Está boa.

PATKULL.

Oh! pôdes então fallar, meu amigo.

WOLF.

Meu tio!

PATKULL.

Deixa-nos por um pouco, Saltz.

SALTZ.

Não quereis ficar só?!

PATKULL.

Não, Saltz-- não -- quero primeiro ouvir teu sobrinho—e quando voltares, por ventura que me encontrarás mais venturoso, do que o condemnado a quem annuncias salvação.

SALTZ.

Deus o queira.

PATKULL.

Pobre velho que já não vê na vida um raio de esperança—Pensa. Que me dizias tu, Wolf?

WOLF.

Meu bom amo lançando-se nos braços d'elle.

PATKULL.

Que tens tu?

WOLF.

Nada, senhor, nada.

PATKULL.

Porque choras, pagem!

WOLF.

Eu não quizera mortificar-vos, senhor.

PATKULL.

Dize—Wolf—porque assim choras—o que te aconteceu, não vês que esse teu silencio me afflige?

WOLF.

Porque me deixastes vós n'aquella casa, senhor, quando eu vos pedia que me trouxesses comvosco?

PATKULL.

Que? fizeram-te mal?

WOLF.

Senhor—não, mas não veria eu tanta traição.

PATKULL.

Contra quem, Wolf?

WOLF.

Contra vós, senhor—contra vós mesmo.

PATKULL.

Vamos, Wolf, endoideceste depois que me soubeste preso.

WOLF.

Contra vós, e era o vosso amigo!

PATKULL.

Paikel!

WOLF.

E a vossa noiva.

PATKULL.

Namry!—porque me exalto! um delirio de creança.

WOLF,

Foi Bertlia quem m'o disse.

PATKULL.

Mentio, Wolf.

WOLF.

E eu que o vi?

PATKULL.

Viste! que viste tu! Porque me appareces aqui?—quem te chamou, Wolf?—Infame! sabes tu que eu, prêso como estou, posso fazer saltar sobre estas paredes teu sangue e cerebro? que eu te poderia estalar a vida, calcando aos pés teu corpo? Tanta mentira em tanta juventude! . . .

WOLF.

Eu vi chorando E disseram-me que Paikel vos mandára aqui para o cadafalso.

PATKULL.

Paikel—oh! sim, foi elle quem instou commigo para que aceitasse este maldito emprego: foi elle quem mendigou por mim esta maldita embaixada—foi elle . . . pára de repente—encara seriamente Wolf—vá serio para Wolf—pega-lhe nas mãos. Wolf—um malvado pôde se aproveitar da tua innocencia e fazer-te perpetrar um crime—uma violencia—Podem ainda illudir-te com esperanças de riquezas—de palacios—de jogos—de prazer, que fariam cahir um anjo.—Wolf—dár-te-hei riquezas, como nunca podeste imaginar—riquezas, com que podes comprar prazer e venturas—riquezas, que te assegurem um futuro real e brillante—Mas affirma que isso que dis-

seste é uma mentira—uma calúnia, que alguém te suggerio—Dize Wolf—! bem sabes que sou teu amigo! porque me querias tu enganar?

WOLF.

Disse a verdade.

PATKULL. Com violencia—apertando-lhe os braços com força.

Disseste uma mentira.

WOLF.

Ai! que me mataes.

PATKULL. Atirando-o para longe.

Criança—Oh! que não sejas um homem!—Maldito sejas tu—mataste-me a fé—e o coração—mataste-me o que eu tinha de mais sagrado e inestimavel—ingrato que assim pagas quanto hei feito por ti—vai-te—vai-te—e nem mais te eu veja—mensageiro do inferno. Wolf saca. Elle
 cae sobre uma cadeira. Põe as mãos nos olhos e fica mudo. Namry—
 eu te amava tanto—Paikel levantando-se e gritando furiosamente.
 Paikel—Oh! não ter eu um instante só de liberdade—um momento—um nada!!—Infame rindo. Que mal fiz a esta gente, para que assim me martyrisem—eu os amava tanto!! Meu coração era della—meu sangue era delle—de ambos elles minha vida! Que mal lhes pude fazer.
 Pensa. Wolf era um bom pagem—naquelle idade não se fingem lagrimas—e a mentira não roça os labios da innocencia.—Bertha tinha ciumes.—O ciume vê muito, vê longe.—É certo! Porque deixou Paikel seu negro Laboratorio—porque?—quando o demonio deixa as trevas não é para vir no jardim do paraiso alliciar a creatura innocente? Não me disse elle que já se conhe-

ciam!—E porque me pediu elle um lugar secreto para a conferencia senão porque sabia que seria em casa d'ella? Que empenho tinha de me ver segunda vez envolvido neste vortice de guerras e de interesses, senão para se ver só com ella!

Ouve-se o rangir de uma fechadura, que se abre.—Patkull senta-se e vira as costas para a porta.

SCENA IV.

Entra Paikel em trajes de creado do carcere com um cesto.

PAIKEL.

Aqui tendes comida—

PATKULL.

Esta bom.

PAIKEL.

Quereis alguma cousa?

PATKULL.

Não; podes-te ir.

PAIKEL.

Como sois triste!

PATKULL.

Está bem!! está bem!! podes-te ir.

PAIKEL.

Não vos lembra d'algum?

PATKULL estremece—olha repentinamente para elle.

Oh! lembrava-me de ti—

PAIKEL.

E não me esperavas?

PATKULL.

Sim, eu te esperava.

PAIKEL chegando-se para elle—e ostendendo-lhe a mão,—Patkull recúa.

Bem me custou chegar a ti:—e quasi que a tua e a minha esperança seriam baldadas?

PATKULL.

Mas eu te esperava.

PAIKEL.

E tinhas razão, esperavas um amigo.

PATKULL.

Não, mas a ti—Paikel.—A victima que morre tem dores, que regosijam o coração do sacrificador—o coração tem tormentos, que são como delicioso manjar de vingança—e olhos d'homem que vertem lagrimas, tem magico atrativo para o homem que as faz verter.—Perder occasião de espreitar dores—lagrimas e tormentos—oh! era suppor-te bem pouco exquisito de gosto—tu viestes—eu te esperava.

PAIKEL.

Vim para te salvar.

PATKULL.

Oh! melhor—melhor ainda.—Quem morre—morre uma vez—já se não sente—era pouco.—Era mais horrível ter vida—sentir a morte a cada hora, a cada instante—a cada instante dores peiores que a morte—que desesperam, que enlouquecem.—É mais delectavel! mais bello! tens razão de me queres salvar—Paikel.

PAIKEL.

Não te posso entender! Patkull.—Depois fallarás á tua vontade—dir-me-has o que quizeres—o que te aprouver dizer—mas heide primeiro salvar-te—porque eu dei a minha palavra que voltarias são e salvo.

PATKULL.

«És um homem de palavra, Paikel!»

PAIKEL.

Salvar-te-hei, Patkull.—Algumas horas mais e será noite.—Brevemente os soldados de Carlos XII tomarão conta deste castello.

PATKULL.

Bem o sei.

PAIKEL.

No meio desta mudança poderás passar desaperebido—levarás esta farda de lacaio, que me poude conduzir até aqui—e que de certo te porá fóra, incolme e salvo.

PATKULL.

E irei ter com Namry, não é assim, Paikel.

PAIKEL.

Irás onde quizeres, Patkull.

PATKULL.

Dir-lhe-hei. «Paikel é um amigo nobre e honrado: conduzio-me á borda do meu precipicio, atirou-me nelle e depois como lhe sobreviesse um resto de compaixão, estendeo a mão a quem já não tinha esperanças de vida—e que endoudecera de as ter.

PAIKEL.

Dir-lhe-has de mim o que quizeres, depois de te haver salvado—Patkull,

PATKULL.

E concluirei, dizendo: vosso amante é um homem grande e generoso.—Podeis ser orgulhosa de ter um amante assim.

PAIKEL.

E quem te disse que eu a amava?

PATKULL.

Porque me aferrolhastes n'uma prisão? Porque me mandastes talvez me apparelhar um cadafalso?

PAIKEL.

Patkull, quando instei contigo para que aceitasses este maldito emprego—por minha alma que não havia uma sombra de risco ou de perigo.—Eu dei-te a minha palavra, e serás salvo.

PATKULL.

Obrigado.

PAIKEL.

Não ha tempo para nos mostrar-mos arrenegados.—Patkull dentro de algumas horas já a tua evasão será impossivel. Troquemos trajas—tu serás o moço do carcereiro—e eu serei o preso

PATKULL.

Não—vale mais que eu fique.

PAIKEL.

Patkull—salva-te—salva-te porque o podes fazer por amor de ti, senão por amor de mim—salva-te por Deus.—Oh! tu não sabes como eternamente me pesaria sobre o coração a lembrança, de que fui eu o que a meu amigo matei de morte afrontosa e de tormentos.

PATKULL.

Estranha compaixão !! E não sabias tu que eu a amava—Paikél ?

PAIKEL.

Por Deus—não nos demoremos com vagares imprudentes—Patkull—fui culpado—fui criminoso—fui vil—fui infame—fui máo amigo—o que tu quizeres—Mas salva-te por amor della—Patkull—e por amor de mim mesmo.—Não me acreditarias agora por mais que t'ò eu dissesse.—Mas salva-te—salva-te por amor dessa nossa amisade tão antiga—tão extrema—tão sincera—salva-te—Patkull—e um dia terás piedade do teu pobre amigo, que comprou bem caro o extravio de um momento—salva-te.

PATKULL.

Porque me não deixas acabar em paz !

PAIKEL.

Patkull—porque és tu tão severo ? Meu amigo. Oh ! deixa-me chamar-te por este nome tão suave, que tantas vezes me deo alivio e prazer !—Meu amigo, se soubesses quanto tenho soffrido para chegar até tua presença. . . . Dormi ao frio e ao relento sobre a terra—com a cabeça sobre uma pedra defronte deste castello—a pensar no meio de salvar-te—via lá de fóra a tua sombra que me intercortava a luz de espaço a espaço, e eu chorava por ti—e só por ti—meu amigo—Oh ! por Deus te peço—foge e deixa-me aqui sosinho—deixa-me—mas salva-te.

PATKULL.

E elles te matarão !

PAIKEL.

Oh! que me importa a morte? Morrer, Patkull, morrer por tí, era a ventura derradeira, que me seria dado desfructar sobre a terra.—Nada tenho, nada me resta—não—nada—nem quem vá orar sobre minha sepultura—nem que possa sentir escurecida a vista com lagrimas, vendo pender do infame cadafalso os restos do infeliz Paikel.—Oh! Dá-me este prazer, Patkull—bem sei que não t'o mereço—que nada te posso pedir.—Porem tu podes ainda contar com o amor, com a gloria, com a fortuna.

PATKULL.

Crês tu?

PAIKEL.

Morra quem ja não sente uma esperanza, para quem morreo a vida e coração—para quem nada mais sente do que o infortunio.

PATKULL.

Ficarei, Paikel.

PAIKEL.

Barbaramente me punes, Patkull—foge—foge, meu amigo—eu t'o supplico de joelhos, e com lagrimas pelo que mais veneras n'este mundo—pelo que tens no oitro de esperanças—d'amor.

PATKULL.

Não,—Paikel,—para que viver—estou cansado de lutar, cansado de soffrer—cansado de quanto me surria.—Deixa-me pois.—Levanta-te, Paikel—quem sabe se não ha uma força no mundo—que impelle os ho-

mens para um fim—forçosamente—irresistivelmente—
Cumprio-se o nosso fado.—Não tens culpa talvez fos-
te instrumento e não causa do que me está prepara-
do—seja como for—bem vêes que não te culpo—não
te crimino—nada te peço—porem vai-te e sê feliz—
se o puderes.

PAIKEL.

* Então morrerrei contigo.

PATKULL.

Para que?—Que importa um nada depois da vida que
morrámos sós—ou acompanhados de mil homens? Ouve-
se estrepitos de soldados.

PAIKEL.

Foge, Patkull, em quanto é tempo, foge.—D'aqui a
nada seria inutil o arrependimento—serão inuteis quei-
xas, rogos, prantos.—Foge.—Tu amas, Patkull—tu és
amado ardentemente—como só tu merecias sel-o.—
Foge ao menos por amor della—e nem terás que te-
mer um rival que, antes de muito pouco, já não exis-
tirá.—Foge por Deus. Ja sinto o rumor dos soldados
que se aproximam—os soldados de Carlos XII—do teu
inimigo—do matador de teu pai—de tua familia, que
daria sua corôa para te haver ás mãos. Entra Bertha—co-
berta de preto—a porta fica aberta e elle continua. Vive ao menos
para tua vingança.

SCENA V.

Os mesmos e BERTHA.

BERTHA á parte

Bem me comprehendem.

PATKULL.

Meu Pai! *Continua.* Por muito tempo me tenho esquecido do muito que os vi soffrer—vamos, Paikel vingarei meu Pai, que morreo n'um cadafalso—minha mãi, que morreu de miseria n'um calabouço immundo. Agarra na mão de Paikel—com força e vai a voltar-se. Fugamos.

BERTHA.

Ainda não, senhor!

PATUKLL.

Meu Deus. *Apparecem os soldados á porta.—Ella descobre-se e aponta para Paikel.*

BERTHA.

Bem vêdes que é um traidor predeei-o.

Cahe o panno.

ACTO V.

PERSONAGENS.

PATKULL.

NAMRY.

UM PADRE.

SOLDADOS

ACTO V

O mesmo carcere—e mesmo arranjo de scena.

SCENA I.

PATKULL.

Meu pobre coração?! eu, mesmo eu te desconheço—o que viste tão coitado não são lagrimas—é fel—é sangue!—Meus amores tão lindos, que são delles?! Que é da amizade tão grande que encerravas?! De tão nobre sentir o que te resta, meu pobre coração?! Eu amava!! amava o meu amigo, a minha amante—e elle vendeo-me—e ella meu Deus—e ella?! era della meu sangue, meu coração—minha alma—era della o pensamento—o prazer—a tristeza—tudo—só por ella vivia—só por ella e para ella.—Que lhes fiz eu?! Paikel?! que de vezes me chamaste teu amigo—mentias tu então?! porque me trahiste, meu Paikel—porque? Oh! que se me dessem um reino—e agora mesmo, se me dessem a liberdade—se alguém no mundo me podesse dar o engano de outros tempos—a illusão e brilhantismo do primeiro amor...., para que te eu

trahisse—talvez—talvez que o não fizera—e tu?! Mas eu me calarei sobre ti—pobre amigo que te perdeste e me perdeste contigo.—Não inquietarei tua sombra, Paikel. Os homens te mandaram para Deus—morreste.—Não, não serei eu que porei na balança da justiça eterna traição tão feia e má.

Não serei eu—bem que tudo me roubaste—o amor e a vida—o amor que era o meu paraíso—que era meu thesouro—thesouro de avarento—thesouro inexgotavel de venturas, que ella enfeitava.—E a vida só para a gastar com ella—só com ella—aos pés della—para a vêr sempre com um sorriso nos labios, ou com lagrimas nos olhos—Namry—bella estrella—pharol tão meigo de esperanças—bello anjo de luz—tambem tu me podeste trahir—Namry?! a mim que te amava tanto. Oh! que só por ti me peza deixar a vida—que serás tu sem mim?! Agora que eu já sinto a morte esvoaçando sobre a minha cabeça—não me pesa deixar a vida—mas pesa-me deixar-te a ti que eras meus amores.—Mas porque choro assim? Não—não saberá ella que a chorei no agonisar da vida—não saberá que talvez de mim se rira orgulhosa! Ella a escarnecer-me—a rir-se sobre o meu sepulchro—a insultar-me no cadafalso—no cavalete, quando me ralo com dôres! Que mais me poderás tu fazer!! Dir-me-has talvez que me não amavas.—Demais o sei? Meu Deus! Meu Deus cahe sobre a cadeira.

Porque me esqueci eu de meus pais? certo que a morte seria então bella, chorada por todo um povo.—E que me importa um povo! !

Loucuras que eu afaguei no entrar da vida—chimeras que se me esvaem no entrar da morte.

Louco o homem neste mundo que diz na sua consciencia: eu salvarei tal povo.

Louco o homem que diz: eu tenho um amigo—que é meu sangue—meu corpo.—Louco o homem que diz: eu tenho uma amante pura é bella como um anjo—uma mulher que é minha alma—louco porque o povo está embriagado na sua vilania—porque o amigo é falso—porque a mulher é vibora.—Oh! não ter alguns dias mais para assistir tranquillo ao espectáculo de tanta baixesa—queria me rir do que se julga um libertador—do que conta com a fé do amigo—e com o amor da amante.—E que mais merecemos nós do que desprezo ou riso—credulos como somos?

Não—mais vale morrer. Depois de tantas esperanças só nos resta a morte em ultima recompensa.—Quem me dêra morrer—morrer com dores, que me façam esquecer o muito do que eu soffro! Morrer, que talvez debaixo da lousa fria d'um sepulchro não pulse o coração.

SCENA II.

Abre-se a porta. Apparece um padre.

O PADRE.

Senhor.

PATKULL.

Bemvindo sejas, meu padre.

O PADRE.

Como ides?!

PATKULL.

Mal—muito mal—porem sinto que serei melhor quando me houverdes fallado—porque se para outro podiam ser fataes vossas palavras—serão para mim de contentamento.

O PADRE.

Presumpções do que vive sempre falham, meu filho, as esperanças mentem, quando se não espera a morte.

PATKULL.

Eu a espero, meu padre.

O PADRE.

Que esperais?

PATKULL.

Sim, meu Padre—espero a morte—espero-a breve—desejo-a como se poderia desejar a vida.—E que Deus me perdoe esta esperança se resume um peccado.

O PADRE.

Muito me aprás encontrar-vos neste estado—o que soffre encontra a graça do Senhor, que só consola áquelles, que o mundo não pôde consolar.—Porem se não tendes apego á vida, tambem a não aborreceis que o aborrecimento é máo conselheiro—como vós tambem soffri, tambem vaguei no mundo ás tontas, e em bem que o conheci—são mil caminhos enganosos, orlados de flores—banhados de perfumes—onde com tu-

do crescem cardos e os espinhos brotam; e a ovelha mansa, que se desgarrá do rebanho do Senhor—deixa nos cardos e nos espinhos a maior porção de lã tão alva e fina, e não encontra o pasto que deseja— Somos todos nós como a ovelha imprudente—e porque não trilhamos a senda da verdade—aborrecemos tudo, ~~bem~~ que de tudo não tenhamos sciencia.

Que merece a vida—sonho mais ou menos longo—alegre ou triste—é como o fumo que um leve sopro do vento espalha nos ares.

PATKULL.

Como fallaes bem, meu Padre.

O PADRE.

Talvez vos peze deixar a vida pelo que deixaes com ella!

Quem não sente o amor na vida? quem não sente a amizade?—E o amor e a amizade são oiropéis quando não manam do Senhor. Bem felizes aquelles, que morrem enganados!—Talvez amastes—mas o que não sabeis é que a humanidade é fragil, e os affectos, moveções como a grympa do campanario.

PATKULL.

Tendes rasão.

O PADRE.

De tudo vos deveis esquecer, para que o Senhor seja comvosco.—Em breve tereis de apparecer na presença de Deus—segundo o cret dos homens.—Trabalhai pois para que a morte vos não encontre desprevidido—porque lhe não podeis dizer pára—Preparai-vos.

PATKULL.

Preparado me achaes.

O PADRE.

Talvez não tanto como será mister; dir-vos-hei, por que não fraqueieis quando carecerdes de toda a vossa coragem:—vossa morte tem de ser horrivel.

PATKULL.

Como quizerem.

O PADRE.

Cheia de ignominia.

PATKULL.

Seja.

O PADRE.

E de tormentos.

PATKULL.

Seja tambem.

O PADRE.

Serão vossos escriptos queimados.

PATKULL.

Já o foram.

O PADRE.

Vosso brazão espedaçado pelo carrasco.

PATKULL.

O mais nobre talvez que elle terá espedaçado.

O PADRE.

Sereis depois rodado.

PATKULL.

Que seja breve.

O PADRE.

Não! querem-vos paciente por muito tempo—ainda em vida tereis a cabeça despedaçada.

PATKULL.

Em bem! que eu já desesperava de morrer.

O PADRE.

Sereis depois esquartejado e vossos membros pendurados nos quatro pontos da cidade.—Tal é a sentença de Carlos XII.

PATKULL.

Carlos XII—Carlos XII.—Oh! porque me fallais nesse homem? já que tanto me tenho esquecido ao menos me podereis deixar morrer sem ouvir pronunciar o seu nome.

O PADRE.

Tal odio ás bordas do sepulchro!!

PATKULL.

Meu padre, dizei-me: Não é verdade que o filho tem dever de defender a vida do pai?

O PADRE.

É um dever recíproco de um para com outro, e do homem para o homem.

PATKULL.

Não terá elle direito de vingar sua morte?

O PADRE.

Não—que a vingança é do que nega a providencia.

PATKULL.

Crede-o vós? Oh! é porque não sabeis como meus pais morreram de miseria—por culpa de um homem.

O PADRE.

Bem sei vossa historia.

PATKULL.

E acreditaes que elle me perdoará nos céos de o ter esquecido por tanto tempo?

O PADRE.

Porque não?

PATKULL.

Oh! sim, porque não? um pai não se esquece de seu filho—e de mais tenho eu soffrido para impetrar o seu perdão—soffri muito talvez, porque de tudo me esqueci para me lembrar só da gloria e do amor,—Oh! meu padre que se a vida é fonte de venturas, não o foi para mim—que só achei tropeços e calamidades.—E hoje, quando me lanço na historia do passado—não encontro um quadro feliz em toda a existencia—que não tenha o acre dô desengano.—Busquei o amor é a gloria.—E o amor traiu-me e enegreceo os ultimos instantes da vida que a gloria me faz perder no cadafalso e na vergonha.

O PADRE.

Consolai-vos que o soffrer é dos homens—não se vos dê do passado—melhor para vós se elle foi aspero e terrivel, porque o não chorareis no passar da inquietação da vida para o socego do tumulo.

PATKULL.

Não serei eu quem a chore!

O PADRE.

Estais preparado?

PATKULL.

Já vol-o disse.

O PADRE.

Então—a Deus, meu filho.

PATKULL.

A Deus, meu Padre.

O PADRE pega-lhe nas mãos.

Bem me custa separar-me de vós—muito—mas não quiz Deus que o homem visse a dor do seu semelhante, sem que despontasse em seus olhos uma lagrima de sympathy.

PATKULL abraçando-o.

Bom padre.

O PADRE.

A Deus, meu filho. Vai-se.

SCENA III.

PATKULL.

Bom padre—como se compadecem de mim? E se elle soubesse o que encerra este meu peito, se elle o soubesse? Oh! não derramaria lagrimas, não—porque lagrimas não bastam para o que soffro!! E eu morro sozinho e abandonado na morte, como na vida—Namry!! sempre este nome; ao menos prasa a Deus que della me não recorde n'outra vida.—Oh! se ainda

a pudesse ver uma vez?! Bem sei que foi falsa, que me enganou: não virá, não.—Que lhe importa Patkull, que morre, e se alguém chora, certo que não é por mim.

SCENA IV.

PATKULL e NAMRY.

Patkull sentado com as mãos na cabeça.

NAMRY. Entra vai correndo para elle.—Patkull. Elle desperta—encara-a—fica assentado—e ella pára.

Sou eu—não me conheces, Patkull—elles me concederam este momento, para que te eu visse antes da tua morte!! não me conheces?!

PATKULL.

Namry — abraça-a, beija-a muitas vezes tardaste tanto!...

NAMRY.

Quiz ver se te salvava.

PATKULL.

E elles disseram que tu não me amavas—Namry—e eu acreditei-os—sim—tu m'o perdoarás—tão boa que tu és—tu te lembraste do pobre homem, que morria, Namry—oh! bem dita sejas tu—e possas ter na hora da tua morte a felicidade que me fazes experimentar—meu anjo!

NAMRY.

Porque te não pude eu apreciar de mais tempo?

PATKULL.

Tu me amas.

NAMRY.

Não mereço o teu amor.

PATKULL.

Oh! dizes bem—não respondas—Namry—não me respondas, que me seria cruel tua resposta: Deixa-me acreditar que vieste aqui por amor e não por piedade.—Deixa-me acreditar que foi mentira o que me disseram de ti—deixa-me acreditar—para que morra consolado.

NAMRY.

Porque te matam tão cedo!

PATKULL.

Não é cedo, é tarde.—Eu quisera morrer aqui nos teus braços deixando no teu peito meu ultimo suspiro, e gravando na memoria o teu nome intercortado, que acabar não poderia.

NAMRY.

Porque morres agora—ah! se podesses viver—se podesses viver—Patkull, se o podesses—então talvez que eu fizesse esquecer a minha ingratidão d'outros tempos e o faria: Dar te hia amor—não como o teu que não podera—mas alma e coração—eu t'os daria e o que fosse em meu poder fazer-te—para te alegrar a vida e o pensamento—eu o faria por gratidão, por amor e por mim mesma, Patkull!

PATKULL.

Não vês que eu choro?!

NAMRY.

Choras a vida que é tanto para ser chorada—quando como a tua se empregou em obras de merecimento e de virtude.

PATKULL.

Não—não choro a vida.—Muitas vezes me vi no campo da batalha—vi a morte pairar sobre mim em nuvens de fumo e de pó, calquei meus companheiros inda quentes—e não chorei—não choraria a vida—não—mas choro por te deixar—e conheço todavia que o devo fazer porque a minha Namry de hoje talvez que amanhã a não encontre.

NAMRY.

Sempre eu—sempre a tua Namry—Patkull.—Tua Namry—desgraçada—que eternamente será viuva sem nunca ter sido esposa. Tambem me não peza de ficar só—que te não merecera—mas preza-me deixar-te, Patkull.

PATKULL.

Namry.

NAMRY.

Meu Patkull!

PATKULL.

Namry—vive feliz e venturosa—que eu morro—morro com saudades tuas—e serei feliz se depois da morte acudirem lembranças do passado por saber que me choravas depois de morto—por ter visto que choravas a minha morte.

NAMRY.

Meu bom Patkull.

PATKULL.

Namry—olha, eu tenho um pagem--tu o conheces, talvez que ha pouco com palavras mal pensadas offendesse o meu pobre pagem.—Toma-o para te servir--
 Namry—que é fiel e honrado—muito me amava e é uma divida que pagarás por mim.

NAMRY Nos braços dello—chora. --

SCENA V.

SOLDADOS e os MESMOS.

SOLDADO.

Temos ordem de vos levar d'aqui.

NAMRY.

Já! Já! meu Patkull.

PATKULL.

Coragem, Namry!

NAMRY.

Oh! eu teria coragem—mas que ao menos por um momento mais me deixassem contigo!

PATKULL.

Tem de ser já.

NAMRY.

Oh! como sois cruel—Patkull!--meu Patkull --meu amigo tu não me deixarás, não—eu morreria sem ti.

PATKULL.

Namry—meu amor!--meu anjo—deixa-me partir abraçando-a e beijando-a.

O SOLDADO.

Diziam-nos que creis valente?

PATKULL.

Não vos mentiram.

O SOLDADO.

E chorais!

PATKULL.

São lagrimas nascidas de um coração que ama—
nunca as derramei no travado das pelejas, nem ora
me opprime e acabrunha o aspecto da morte!.

O SOLDADO.

Apressai-vos. O tempo urge!

PATKULL abraçando Namry.

Adeus! Namry! arrancando-se dos braços della.

NAMRY.

Meu Patkull! Ah! Caho, Patkull retira-se entre os soldados.

(Caha o panno.)

FIM DO DRAMA.

BEATRIZ CENCI

DRAMA EM 5 ACTOS.

1844—1845.

ACTO I.

PERSONAGENS.

BEATRIZ CENCI.

LUCRECIA PETRONI.

FRANCISCO CENCI.

PAULO.

*A scena se passa no castello de Rocca Petrella no anno de 1598—entre Napoles
e Roma.*

ACTO I.

Uma sala modestamente mobilada.—Porta no fundo—portas lateraes—uma ottomana.

SCENA I.

D. FRANCISCO serio e preocupado—PAULO.

D. FRANCISCO.

E tu viste-o, Paulo?

PAULO.

Como vos vejo, Senhor Cenci.

D. FRANCISCO.

E elle estava. . . .

PAULO.

Do lado do castello, que dá sobre o parque;—mesmo por-baixo das janellas da Senhora D. Beatriz.

D. FRANCISCO.

Era algum homem. . . alto. . . reforçado.

PAULO.

Não era nem alto, nem baixo—nem gordo nem magro;—era um homem como todos os homens, porem cantava tão doce!

D. FRANCISCO.

E o que cantava elle?

PAULO.

Não pude perceber toda a letra; apenas uma palavra aqui, outra ali:—Meu amor,—minha vida, prisioneira que me prendes.

D. FRANCISCO *vivamente.*

Pois elle chamou-a prisioneira?

PAULO.

E mais do que uma vez, Senhor Cavalheiro.

D. FRANCISCO *negligentemente.*

E tu que fizeste?

PAULO.

Acordei toda vossa gente, porem quer elle percebesse a rasão porque se sumira a luz do meu quarto,—quer por outro qualquer motivo—desappareceu tambem—não sei por onde.

D. FRANCISCO.

Foste imprudente.—Em casos taes um punhal bem comprido e bem fino, que fere silenciosamente, vale mais do que a multidão afanada que não sabe faser senão tumulto.

PAULO.

Foi tambem esse o meu pensamento, porem depois pensei que o vulto deveria vir armado, e que seria então muito possivel ficardes com um fiel servo de menos, sem que para nada vos prestasse a sua morte.

D. FRANCISCO.

És um servo zeloso e deligente! Em verdade não

sei como te pagarei o desmarcado amor que tens a tua vida.

PAULO.

Senhor!

D. FRANCISCO.

Basta! bem sei que para casos taes não devo contar contigo.—Dize-me, como vinha elle vestido?

PAULO.

Todo de preto; e trazia no chapeo uma pluma branca, mas, branca que parecia neve.

D. FRANCISCO.

Dava mais nos olhos!—Seguiste-lhe as pégadas?

PAULO.

Levava a direcção da porta falsa, porem não posso dizer com certeza por onde sahio, porque a relva cortou-me o rasto.

D. FRANCISCO.

E não viste—fóra dos muros—se havia signal de passadas, e para onde se dirigiam?

PAULO.

Não tive essa feliz lembrança,—porem bem deve de saber V. Exc. que a alma bronca do villão não pode rivalisar com a do engenhoso cavalheiro.

D. FRANCISCO.

Paulo, tens sempre uma lisonja que dizer, quando não cumpres com a tua obrigação. Que! Um desses milhares de ociosos de que abunda a nossa desgraçada Italia, e Roma principalmente,—uma dessas infididades de mariposas que voam com todo o vento para

todas as flores, tem o arrojo, o atrevimento de vir dar serenatas a minha filha, que eu amo, que eu estimo,—isto no meu Palacio—dentro do meu proprio parque—por tres dias—por tres dias consecutivos, e só no terceiro alguem ha que me revele um segredo de importancia tal!—É muito!—E quando eu pergunto quem era o vulto, respondem-me que para o saber omittiram uma das principaes circumstancias, porque não eram cavalleiros, porque tinham alma de villão!—Alma de villão tendes vós, Senhor Paulo,—de villão cobarde—de villão que afaça quando não morde.—Não sois vós o meu modomo?—Não sois vós responsavel pelo que acontecer neste palacio?—e assim é que vigiais? Se um trosso de bandidos penetrar aqui durante a noite, e roubar as minhas alfaias, não é certo que na manhã do dia seguinte me vireis perguntar: Que fizestes vós das vossas alfaias?—Não é certo que pode um *bravo* penetrar no meu aposento, e assassinar-me no meu leito, passando por cima de vós outros, que dormis tranquillos na minha antecamara? Dizei!

PAULO humildemente.

Meu Senhor, como dizieis, para chegar ao vosso leito seria preciso passar primeiro por sobre os corpos de nós outros, que dormimos na vossa antecamara.

D. FRANCISCO.

Serieis degraços para que mais facilmente me chegassem ao coração;—bem o sei.

PAULO.

Sois injusto, Senhor cavalleiro.

D. FRANCISCO.

Calai-vos!

PAULO.

Sois injusto. Um descuido do vosso servo não lhe merecia tão duras reprehensões; e alguns annos de serviços—leaes, senão grandes me deveram salvar d'injuriosas suspeitas.

D. FRANCISCO *sentando-se.*

Bem sei que é fiel.—Esquece essas palavras inconsistentes!—esquece-as, e não fallemos mais dellas.—Mas sempre é certo que eu sinto despeito de não poder saber quem é esse vulto.

PAULO.

Nós o conheceremos Senhor; elle voltará! É preciso ter muita coragem para desafiar a vossa cholera, e o alarma não foi tão grande que o intimidasse.

D. FRANCISCO.

Oxalá que assim seja! Sabes tu que eu contaria no numero das minhas maiores desgraças o não encontrar-me com esse vulto,—que seria um dos meus mais altos prazeres insultal-o—martylisal-o—matal-o! Talvez que eu sentisse alguma cousa, e eu preciso de sentir, porque tenho medo do deserto do meu coração, que é a morte, porem a morte dentro em nós mesmos—a mortê gelada, hidionda, monstruosa, paralytia d'alma, que se ergue incommensuravel—indifinivel, como um phantasma de terror! Comprehendes tu isto?

PAULO.

Oh! não, Senhor!—Ser triste no meio de tanta pros-

peridade é insultar a Deus, e desafiar a ventura. Sois de toda a Italia o cavalheiro mais rico, e o mais magnifico.

D. FRANCISCO.

Não me falles das minhas riquezas.

PAULO.

Sois o mais feliz esposo.

D. FRANCISCO.

Não me falles de minha mulher!

PAULO.

Sois o pae mais afortunado. . .

D. FRANCISCO.

Não me falles de meus filhos! *levantando-se.* Meus filhos! eu os aborreço! eu os aborreço do fundo do coração. Indignos! Indignos! que todas as manhras vi-nham espreitar no meu rosto signaes de abatimento e de velhice, maldizendo a minha robustez, que lhes impedia de colherem mais de prompto os meus haveres!—Cobardes! Ingratos, que denunciaram seu pai á santa Sede!—Tão cobardes! tão ingratos como esse velho avarento a quem vós outros chamais Santo Padre;—mesmo esse velho que esquadrinha pretextos para me obrigar a comprar a sua justiça, os despedio vergonhosamente da sua presença! Oh! que feliz que eu sou com os meus filhos! D. Lucrecia Petroni, minha esposa, é estéril; nenhum filho se quer me tem dado para malograr as esperanças desses que de mim dependem, que vivem de mim, e que talvez a estas horas já tenham encommendado a alguns desses intelli-

gentíssimos alkimistas da Italia algum filtro salutar que poupe ao seu velho Pae os incomodos da velhice! E tu me fallas de riquezas, de mulher e de filhos! de riquezas com que eu não posso comprar uma sensação,—de mulher que não satisfaz um desejo,—de filhos que só me dão desgostos. Que feliz que eu sou!

PAULO.

Vós assim o entendeis, senhor cavalheiro, e de vós é que se tracta; todavia me parece a mim que eu seria o homem mais feliz do mundo se podesse dar festas e saráus como os que haveis dado, todas estas noites passadas. Não exultais de prazer com vos sentirdes tão poderoso e magnífico?

D. FRANCISCO.

Tu não me comprehendes, Paulo; não, não me comprehendes. Mas que te importa?—Quero hoje um saráu mais brilhante e mais esplendido do que todos os que me tens visto dar até agora. Esta noite quero luzes por toda a parte,—e por toda a parte dança, musica, brilhantismo e perfumes. Mais baixo. Quero fascinar alguém.

PAULO.

E assim será, senhor.

D. FRANCISCO.

Vai; cuida diligentemente do que julgares necessario;—não poupes nem oiro nem trabalho.

PAULO.

Farei como mandais.

D. FRANCISCO.

Vai. Paulo vai a retirar-se. Ah!... escuta. Vê tambem se

descobres rastos do sujeito de quem fallamos. Dar-me-has parte—logo—logo—do menor vestigio, da menor circumstancia que poderes descobrir. Lá me acharás no meu gabinete ou aqui. Vai. Paulo sabe: D. Francisco pensativo. Beatriz. . . minha filha! Oh! por que foi ella a unica mulher que eu encontrei na minha vida, tão formosa, tão pura e tão candidamente innocente? Por que me abraso eu todo quando penso nella? Minha filha! E que me importa? sabe.

SCENA II.

Entra D. LUCRECIA e BEATRIZ firmando-se no braço della.

D. LUCRECIA.

Entra,—entra, minha filha!

BEATRIZ.

Ah! estou cansada!

D. LUCRECIA.

Como estás pallida!—Pareces enferma,—sentes alguma coisa?

BEATRIZ.

Sinto prazer,—muito prazer.

D. LUCRECIA.

Do que tens visto?

BEATRIZ.

Sim, do que tenho visto. Estas salas são grandes, sumptuosas, bem adornadas. . . Minha boa mãe, não é verdade que deve ser bem feliz quem vive neste palacio?

D. LUCRECIA.

E tu foste infeliz no teu desterro, minha filha?

BEATRIZ.

Oh! não.

D. LUCRECIA.

E que fazias tu?

BEATRIZ.

Eu scismava.

D. LUCRECIA.

Só?

BEATRIZ.

Só; scismava na minha boa mãe, que me deixava alli sosinha!

D. LUCRECIA.

E tinhas pena disso?

BEATRIZ.

Muita; chorei muitas vezes pensando que me abandonavas porque eras minha madrasta. Como eu era criança!! Pegando nas mãos de D. Lucrecia e encarando-a com amor. Não é certo que me amas como se eu fosse verdadeiramente tua filha, minha boa D. Lucrecia?

D. LUCRECIA beijando-a na testa.

Quero te servir de mãe, minha doce Beatriz, já que Deus não foi servido de me dar uma filha como tu.

BEATRIZ.

Eu bem advinhava que me tinhas amor.—Mas. . . porque me não visitavas tu, quando eu vivia sosinha? Ser-me-hia tão agradável ouvir a voz de alguém!

D. LUCRECIA.

E teu pae não te visitava?

BEATRIZ.

Elle, sim; porem n'aquelle tempo não me parecia ser tão bom como agora me parece. Tinha um não sei que na voz que me intimidava.

D. LUCRECIA.

E agora?

BEATRIZ.

Parece que me quer metter no coração, quando me falla; e demais não me deo elle a tua companhia, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Amas muito teu pae, Beatriz?

BEATRIZ.

Muito.

D. LUCRECIA.

Mas do que a Marsio?

BEATRIZ depois de ter pensado.

Que sei eu?

D. LUCRECIA.

Conheces Marsio?

BEATRIZ.

Não me disseste que era de uma das primeiras familias de Roma?—Ah! bem sentia eu no meu coração que elle era nobre e grande! *pausa*. Já lhe fallaste alguma vez, minha Mãe?

D. LUCRECIA.

Algumas.

BEATRIZ.

Tambem eu lhe queria fallar!—Não tem elle a voz doce e melodiosa como a tua?

D. LUCRECIA.

Não;—como a tua, Beatriz.

BEATRIZ.

Mesmo como a minha?

D. LUCRECIA.

Mesmo—não,—mais forte.

BEATRIZ.

Voz de homem!—Queria fallar-lhe. Deve ser tão valente quanto é bello.

D. LUCRECIA.

Já o viste?

BEATRIZ.

Muitas vezes.

D. LUCRECIA.

Muitas vezes!

BEATRIZ.

Todas as tardes—a todo o instante; já me escreveo; é elle quem todas as noites descanta por baixo das minhas janellas.

D. LUCRECIA.

Elle, Beatriz?!

BEATRIZ.

Sim—elle. De que te admiras?

D. LUCRECIA.

É preciso que lhe digas que não volte mais. *A parte*
Imprudente!

BEATRIZ.

E porque não queres que elle volte, minha mãe? Gosto tanto de o ouvir!

D. LUCRECIA.

Porque, Beatriz?—porque... teu pae o julgaria meu amante e o mataria.

BEATRIZ levantando-se.

A elle, minha mãe!—á Marsio! oh! não, não!...

D. LUCRECIA.

Sim, Beatriz, sim.

BEATRIZ.

Eu lhe direi que elle vem por minha causa,—que eu o amo.

D. LUCRECIA.

Dize antes a Marsio que não volte.

BEATRIZ.

Mas.. como lhe poderei eu fallar?!

D. LUCRECIA.

Elle virá ao meu aposento.

BEATRIZ.

Ao teu aposento, minha mãe! Como tu és boa!... Pois eu hei de ver Marsio! hei de fallar com elle!.. Oh! não!..

D. LUCRECIA.

Caprixosa! e porque não?

BEATRIZ.

Tu não vês que eu tremo! Como poderei eu pronunciar uma palavra diante delle?!—Não tenho força! não tenho força!

D. LUCRECIA.

E porque lhe não poderás fallar, minha filha?

BEATRIZ.

Tenho medo.

D. LUCRECIA *surrindo-se.*

Louca!—farás de conta que estás fallando commigo.

BEATRIZ.

Comtigo!—E tu julgas que eu lhe poderei fallar sem receio?

D. LUCRECIA.

► Não é elle o teu bom amigo?

BEATRIZ.

Sim, sim; eu lhe fallarei!—porem se elle me perguntar que tal foi a sua musica de hontem,—que lhe hei de eu responder?

D. LUCRECIA.

Não a ouviste?

BEATRIZ.

Não.

D. LUCRECIA.

Já dormias?

BEATRIZ

Não.

D. LUCRECIA.

Então que fazias tu?

BEATRIZ *confusa.*

Estava com meu pae.

D. LUCRECIA *vivamente.*

Com teu pae! . . . *reprimindo-se.* E o que te dizia elle?

BEATRIZ.

Nada; queria me ver dançar no baile.

D. LUCRECIA.

E tu dançaste?

BEATRIZ.

Não.

D. LUCRECIA.

E porque não?

BEATRIZ.

Porque te não vi lá;—e depois... tive vergonha.

D. LUCRECIA.

Vergonha! de que?

BEATRIZ.

De toda essa gente que lá andava. Estavam homens e mulheres meio vestidos; como os homens e as mulheres dos quadros de Guido.

D. LUCRECIA.

Fizeste bem. Nunca me verás com essa gente, e não te mistures com ella, em quanto lá me não vires também.

BEATRIZ depois de um momento de silêncio.

Porque ficaste tu séria? Estás mal commigo?

D. LUCRECIA.

Não; mas torno a recommendar-te,—não te mistures com essa gente! *pausa.* Teu pae que disse?

BEATRIZ.

Perguntou-me se eu gostava do baile.

D. LUCRECIA.

E tu?

BEATRIZ.

Oh! eu gostei muito! Minha mãe, fazes mal em não querer ver d'aquelles saráus; são coisa maravilhosa. Olha—eu estava á janella a espera de Marsio, quando

começou a tocar uma musica tão suave, tão doce como nunca igual a experimentei. Não sei se chorava! De repente abriu-se a minha porta e a musica tangeo estrepitosamente; o resplendor das luzes foi tão forte que me cegou, e ao mesmo tempo entrou pela minha camara um perfume tão vago, tão agradável, que não sei como não cahi de emoção. Então vi uma coisa magica, fascinadora.—Eram mil figuras vestidas de mil cores, carregadas de tremules, de joias, de brilhantes, que se moviam n'um circulo rapido e vertiginoso; eu tambem tinha vertigens! porem senti uma mão que prendia a minha mão, e uma voz que me parecia estar falando dentro dos meus ouvidos; Vem — vem!.

D. LUCRECIA.

E tu! E tu! minha filha!

BEATRIZ.

Eu cahi na cama sem sentidos, e tudo se sumio como por encantamento! Dize:—não te parece que meu pae deo aquella festa por amor de mim?

D. LUCRECIA.

Sim, foi por amor de ti; mas guarda-te de teu pae!

BEATRIZ.

De meu pae?!

SCENA III.

Os mesmos e D. FRANCISCO.

D. FRANCISCO.

Beatriz!

BEATRIZ lançando-se nos braços delle.

Ah! fallavamos de ti!

D. FRANCISCO.

De mim, meu amor?

BEATRIZ.

De ti meu pae. --Sabes o que me dizia D. Lucrecia?

D. FRANCISCO com voz tranquilla porem encarando D. Lucrecia com seyeridade.

Tua mãe fallava de mim, Beatriz?

BEATRIZ.

Sabes o que ella me dizia?

D. FRANCISCO sempre encarando a D. Lucrecia.

O que era?

BEATRIZ sorrindo-se.

Que me guardasse de ti!

D. FRANCISCO sorrindo-se para Beatriz.

Só?

BEATRIZ.

E que a tua festa de hontem, que a déste por amor de mim.

D. FRANCISCO.

E foi só por amor de ti, que a dei; não crêste no que ella te dizia?

BEATRIZ.

Sim; sim. Não és tu o meu bom pae!

D. FRANCISCO

Sim, teu pae que te ama, que te quer, e muito. Dize, Beatriz, já te esqueceste de que por muito tempo te deixei vegetar sosinha no meio de quatro paredes—

nessa idade em que o mundo nos parece tão bello, e nos offerece tantos attractivòs?

BEATRIZ abraçando-o.

Oh! nunca me lembrei de tal!

D. FRANCISCO retendo-a nos braços e encarando-a.

Creatura divina! Como tu és bella!! e como ao travez dos teus olhos tão puros, e do teu rosto tão formoso, se lê a tua alma ainda mais formosa e mais pura do que os teus olhos, e do que e teu rosto!—Tu amas-me, Beatriz.

BEATRIZ.

Muito, muito.

D. FRANCISCO.

Sim, quero que me ames muito, extremosamente, com todas as forças da tua alma, que eu preciso do teu amor. Beatriz, quero cercar todos os teus dias, todos os instantes da tua vida—de prazeres, de prodígios, de encantamentos; quero o teu somno macio como o teu halito; quero os teus sonhos fagueiros como o teu sorrísio, e doirados como o loiro das tuas tranças; e os teus dias... quero-os mais desejados, mais felizes do que as tuas noites. Vem—senta-te;—não me falles, não me digas nada—olha só para mim! Quero extasiar-me de te ver, quero—me rever na tua belleza,—quero ler os teus pensamentos nos teus olhos—nos teus olhos, que se riem com mais graça ainda do que os teus labios.

Pega-lhe nas mãos, e encara-a ternamente;—ficam mudos por um instante. D.

Lucrecia os contempla mudamente com os braços crusados. D. Francisco se levanta repentinamente. D. Lucrecia, apparecereis no meu sarán desta noite.

D. LUCRECIA.

Eu, senhor Cenci?!

D. FRANCISCO.

Vós, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA.

D. Francisco, vós sois meu esposo e meu senhor,—bem o sei;—porem pedi-me uma coisa honesta, se me quereis encontrar obediente.

D. FRANCISCO.

Por Deus, D. Lucrecia! Dou um saráu em minha casa, e quero que minha mulher compareça nelle.—Ao que nisto chamais deshonesto?

D. LUCRECIA.

A intenção, senhor cavalheiro.

D. FRANCISCO.

A intenção!—Ora vamos; estais hoje de genio presenteiro, e quereis divertir-vos commigo. Como vos aprouver.

D. LUCRECIA.

Fallo seriamente, senhor.

D. FRANCISCO.

Pois seriamente não me quereis conceder esta graça?

D. LUCRECIA.

Não, senhor Cenci. Eu tambem vos poderia dizer que de ha muito que me conheceis, e bem deveis de saber que o meu genio pouco se accomoda com o rumor dos saráus, e que nunca pude achar distração no meio de uma turba irreflectida, escutando lisonjas triviaes, que de as ouvir já as sei de cór.

D. FRANCISCO. sorrindo-se para Beatriz.

Minha Beatriz, deixa-me só com tua mãe.

BEATRIZ.

E ella demora-se muito ?

D. FRANCISCO.

Não —já te segue.

BEATRIZ abraçando a D. Lucrecia.

Então vem já ?

D. LUCRECIA beijando-a.

Vou já —vai descançada.

SCENA IV.

Os mesmos —menos BEATRIZ.

D. Francisco Cenci senta se negligentemente na Otomana.—D. Lucrecia—em pé de braços erusados—vivamente agitada, olha para o outro lado da scena.

D. FRANCISCO.

Agora que estamos sós, D. Lucrecia, quereis tomar o trabalho de me explicar a vossa repugnancia de comparecer n'um saráu, para o qual tão instantemente vos convidado ?

D. LUCRECIA.

E não a comprehendéis, D. Francisco ?

D. FRANCISCO.

Não vol-a perguntaria, se a comprehendesse.

D. LUCRECIA.

E quereis que vol-a diga ?

D. FRANCISCO.

É o que vos peço.

D. LUCRECIA.

É porque é uma infamia, D. Francisco, quererdes vós mesmo seduzir a vossa filha!

D. FRANCISCO com hilaridade.

Por minha alma, D. Lucrecia,—como tão negros pensamentos vos passam pela imaginação?

D. LUCRECIA.

Pelo que tendes feito, e pelo que pretendeis fazer.

D. FRANCISCO.

Pelo que tenho feito! pelo que pretendo fazer! Mas o que hei feito é dar saráus á minha filha;—o que pretendo fazer é distrahir-a simplesmente, é indemnisa-la desse tempo tão longo que ella passou erma e sosinha n'um recanto do meu palacio.

D. LUCRECIA.

E donde vos veio esse amor tão ardente que ha tão pouco sentis por Beatriz?

D. FRANCISCO.

Nunca amastes vossos páes, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Mas entre nós ha um grande intervallo. Amardes os vossos filhos—sentirdes o que todos sentem! é isto crível?! Se uma voz se alevantasse hoje para o apregoar, a metade de Italia a desmenteria com toda a força da sua convicção,—e a outra metade, que melhor vos conhecesse, pensaria no excesso, como eu penso.

D. FRANCISCO.

Meu amor, é preciso ter um coração muito depravado

para tão mal pensar dos outros;—não vos quero fazer tal injustiça. Vossas palavras sahem dos labios, mas não creio que partam do coração. Assim, conto com-vosco.

D. LUCRECIA.

Fazeis mal.

D. FRANCISCO.

D. Lucrecia, é preciso que uma vez sequer fallemos claro,—é preciso que nos entendamos. D. Lucrecia, casei-me com-vosco por me doer de vós;—ereis bella e quasi mendiga!—estendi-vos a mão protectora, como o faria a outra qualquer creatura nova e bella como o ereis então, ainda quando fosse dessas desgraçadas que se assentam nas escadarias do meu palacio, que ahí dormem e que vivem do alimento rejeitado por meus servos e por meus cães.

D. LUCRECIA.

Felismente, senhor, eu nunca me assentei nas escadarias do vosso palacio, e não mendiguei o titulo de vossa esposa;—muito antes que o vosso nome fosse conhecido, mesmo pelos barqueiros do Tibre, o meu nome de familia—o appellido—dos «Petroni» figurava dignamente entre os mais illustres do seu tempo.

D. FRANCISCO.

Ora vêde como são as coisas! Hoje o homem que vos encontra e que vos sauda não se recorda desse vosso nome de familia tão famigerado e tão antigo, mas cumprimenta-vos e perante vós se descobre porque usais do appellido do miseravel barqueiro. Dei-

xai-me pois acabar.—Do que ereis fiz o que sois,—isto é—de uma mulher sem fortuna e sem consideração fiz uma mulher poderosa e respeitada. Em troca de tudo isto só vos pedia um pouco de condescendência; não o quizeste;—muito bem, D. Lucrecia. Agora já me não contento com o pouco que vos pedia;—agora quero muito, quero obediencia cega—illimitada.—Entendeis ?

D. LUCRECIA.

Bem vos comprehendo, senhor.

D. FRANCISCO.

Conto comvosco !

D. LUCRECIA.

Fazeis mal.

D. FRANCISCO.

Estaes hoje insuportavel de embotado que tendes o vosso espirito: Não comprehendeis que depois do marido vem o senhor, e que depois do rogo vem a ordem ? E que fariéis então ?

D. LUCRECIA.

Desobedecería, como agora.

D. FRANCISCO.

Ah ! *apertando-lhe o braço e batendo com o pé no chão.* Sabeis o que está por baixo de nós, D. Lucrecia ?

D. LUCRECIA.

Um carcere.

D. FRANCISCO.

E sabeis que nesse carcere vos posso ter encerrada annos e annos—sem verdes nem céu nem terra, nem

sol nem lua;—que vos posso fazer expirar impenitente,—que vos posso prolongar a vida no meio de tormentos, e que depois de tudo isto ainda me resta dinheiro para comprar o silencio dos vossos ou a impunidade, do Santo Padre? Sabeis!.

SCENA V.

Os mesmos e PAULO.

PAULO.

Senhor D. Francisco!

D. FRANCISCO.

Que vens cá fazer?

PAULO.

Executar as ordens de V. Exc.

D. FRANCISCO.

Ah! Deixae-nos, D. Lucrecia; depois teremos occasião de reatar esta pratica que me parece tanto vos deleitava.

D. LUCRECIA.

Já vos disse que não, D. Francisco; fazei o que vos aprover.

SCENA VI.

D. FRANCISCO - PAULO.

D. FRANCISCO.

Então Paulo, sabes quem é o vulto?

PAULO.

É o senhor Marsio.

D. FRANCISCO.

Marsio! Oh! devo-te muito, meu Paulo! Arranca um
collar Recebe isto como principio de pagamento.

PAULO.

E elle está aqui!

D. FRANCISCO.

Aqui!—Insensato.—Onde está?

PAULO.

Na camara da senhora D. Lucrecia.

D. FRANCISCO.

De Lucrecia!—A primeira graça que me pedires,
bom Paulo—grande, bem grande—não peças pouco—
eu t'a farei.

.(Cabe o panno):

ACTO II.

PERSONAGENS.

LUCRECIA PETRONI.

BEATRIZ CENCI.

FRANCISCO CENCI.

MARSIO.

PAULO.

ACTO II.

Um aposento de mais luxo do que o do primeiro acto. —Portas lateraes.—
Portas no fundo.—Cadeiras.

SCENA I.

MARSIO e BEATRIZ

BEATRIZ.

É sabes tu, Marsio, que eu tinha medo de conversar contigo!

MARSIO

Medo! de que?

BEATRIZ.

Sei-o eu!.... Tinha medo; parecias-me um homem tão sério que eu me arreceiava de não estar contigo á minha vontade.

MARSIO.

Então, Beatriz, tambem eu me arreceio de que em breve te desgostes de mim, porque não posso ser jovial.

BEATRIZ.

Eu! porem eu gosto de ver-te assim, Marsio; gosto muito.

MARSIO.

Muito ?

BEATRIZ.

Muito. Pareces-me assim muito melhor do que quando vinhas cantar debaixo de minhas janellas. E que lindo que era o romance que me cantavas !

MARSIO.

Achaste-o lindo !

BEATRIZ.

Muito lindo.—Tens uma voz tão doce ! . . Oh ! depois que ouvi a tua voz tenho vergonha de me ouvir a mim mesma.

MARSIO.

Tua voz, Beatriz !—Tua voz é insinuante, como o teu rosto é divino ! Quando eu te avistei pela primeira vez, minha doce Beatriz, disse eu para commigo:—oh ! ouvi-a uma vez somente uma vez ! ouvir-lhe os accents de branda ternura, que o coração derrama nos labios, —e depois morrer ! Certo, minha doce Beatriz, que o instante em que me disseste —eu te amo—foi o melhor instante de me cravarem um punhal no coração !—Doce me seria viver contigo; só contigo: porem mais doce—Oh ! mil vezes mais doce—morrer aqui—a teu lado—em teus braços — deixando nos teus olhos a derradeira chamma dos meus olhos, e nos teus labios o derradeiro suspiro dos meus labios.

BEATRIZ.

Marsio, como tu és máo ! porque me fallas tu nessas coisas que me atemorizam, tu que és tão bello quando te surris para mim ?

MARSIO.

Oh! não cures dessas palavras loucas. Morrer! Quem fallou em morrer? Agora é que eu preciso de viver;— agora quero ser teu d'alma e coração!—agora quero ter uma longa vida para só pensar em ti, minha formosa Beatriz.—Um. . . .

BEATRIZ *esquivando-se.*

Marsio, como tu és bello! como tens gentil presença, meu Marsio!—Senta-te.—Deixa-me ver bem o teu rosto; ~~andava~~ andava sequiosa por t'ò ver bem de perto. *Encarando-o.* Como tu és bello! que negros que são teus cabellos! *concertando-os.* quero annelar-t'os bem annelados em roda da tua cabeça. . . Ah! não olhes para mim, que se me olhares. . . .

MARSIO.

Que se eu te olhar? . . .

BEATRIZ.

Não poderei ver senão teus olhos, meu gentil cavaheiro.

MARSIO.

Ah! não me falles assim que me enlouqueces! Beatriz, Beatriz, tambem eu te quero ver;—quero ver-te sempre; minha doce Beatriz.—Vem—senta-te—aqui— a meu lado. . . .

BEATRIZ.

Não, aqui a teus pés.

MARSIO.

Aos pés do teu escravo!

BEATRIZ.

Meu escravo e meu senhor.

MARSIO.

Teu senhor, meu anjo ! Oh ! que me fôra pouco um throno para pagar-te essas palavras tuas tão singelas, tão nuas que me vem direitas ao coração !

BEATRIZ.

E tu m'as quererias pagar ?

MARSIO.

Com o meu sangue, se o pudesse.

BEATRIZ.

Prodigio ! E o que te ficaria para me dares a mim ?

MARSIO.

Minha alma—para que fosses minha.

BEATRIZ.

E não sou eu tua ?

MARSIO.

Não és, não.—Eu quizera estar só contigo—todos os dias—a todo o instante—sem receios de que nos viessem interromper—sem receios de ser descoberto, quando viesse ter contigo, entrando por casa alheia como um ladrão nocturno. Eu quizera passar a minha vida contigo—a sós contigo—sempre contigo, ouvindo a tua voz, quando me fallasses, e quando estivesse calada, lendo os teus pensamentos angelicos no teu rosto d'anjo.

BEATRIZ.

Tambem quizera viver contigo; queria ver-te sempre e sempre—e que sempre me amasses como agora. Ah ! quanto eu seria feliz !

MARSIO.

E eu, Beatriz !

BEATRIZ.

Tambem tu, Marsio?

MARSIO.

Cruel!—Não és tu só meu prazer, minha só felicidade? Não és tu minha vida, meus pensamentos, minha alma?—e perguntas-me se eu viveria feliz contigo!—Viver contigo!—seria concentrar a vida n'um só instante de ventura e de enlevos,—seria começar a gosar o paraíso na terra,—seria receiar a morte, mesmo tendo a certeza de ir para os céos, onde meus paes me esperam, porque me não separasse de ti por um só instante!

BEATRIZ.

E meu pae, Marsio, e meu pae?

MARSIO.

Teu pae, que importa?

BEATRIZ.

Foi um dia de lucto para elle o dia em que minha irmã se casou!

MARSIO.

Não te ama elle?

BEATRIZ.

Oh! Muito.

MARSIO.

Então não tenhas receios, minha Beatriz.

BEATRIZ.

E tu crês, Marsio, que elle será tão teu amigo como eu?

MARSIO.

Creio que elle me dará a tua mão.

BEATRIZ.

Oh! ja não tenho receios!—Quem deixará de te amar, quando te conhecer tão bem, como eu te conheço? Meu pae será teu amigo;—e então,—então.

MARSIO apertando-a nos braços.

Então serás minha.

SCENA II.

OS mesmos e D. LUCRECIA.

Beatriz tem as costas voltadas para ella.

MARSIO soltando-a.

Tua mãe!

BEATRIZ nos braços de D. Lucrecia.

Ah! minha mãe, como eu sou feliz!

D. LUCRECIA.

Sempre o sejas, minha filha.—Cavalheiro...

MARSIO.

D. Lucrecia, tenho de vos pedir mil perdões de me achar em vossa casa sem licença vossa.

BEATRIZ.

Ah! Marsio, foi minha boa mãe quem me disse de vir aqui fallar comtigo!

MARSIO.

Vós, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Eu mesma, Senhor.

MARSIO.

Assim, a chave do parque—as instrucções que esta manhã recebi...

D. LUCRECIA.

Eram minhas.

MARSIO beijando-lhe a mão com transporte.

D. Lucrecia, D. Lucrecia,—tão grandes favores não se pagam com palavras! Se alguma vez carecerdes do humilde cavalleiro, a quem tão delicadamente hoje servistes, juro-vos pelas almas de meus páes, pelo amor de Beatriz—que podeis contar commigo.

D. LUCRECIA.

Sr. Marsio, dizer que esta resolução foi por mim tomada só com o intentô de vos obsequiar, seria mentir-vos; porem tambem não seria verdade dizer-vos que não foi para bem vosso.

MARSIO.

Foi para a minha felicidade.

D. LUCRECIA *surrindo-se.*

Não me entendeis, cavalleiro.—Beatriz, vê se o caminho por onde veio o Senhor Marsio, desde a porta do parque até aqui, está desempedido, para que elle possa retirar-se livremente.

BEATRIZ.

Já, minha mãe?

D. LUCRECIA.

Demasiada tem sido a demora. Beatriz sahe pela porta do fundo. D. Lucrecia segue-a com os olhos.

SCENA III.

MARSIO e D. LUCRECIA.

D. LUCRECIA.

Vedes aquella menina, Senhor Cavalheiro? *fecha a porta do fundo e volta.* Eu a estimo como a filha minha, e foi para bem della e tambem vosso. que vos fiz penetrar até aqui.—Deveis de presentir que eu não sou vossa inimiga.

MARSIO.

Bem o conheço, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA *sentando-se.*

Conversemos pois a seu respeito como dois bons amigos que somos e que havemos de ser.

MARSIO:

Como vos aprouver.

D. LUCRECIA.

Sentai-vos. Para nós ambos é necessario esta pratica bem que difficil e penosa.—Dizei-me, Senhor, Marsio, que pretendeis fazer?

MARSIO,

Eu, D. Lucrecia!

D. LUCRECIA.

Vós mesmo, Cavalleiro.—Bem vedes que a este principio é necessario um remate, qualquer que elle seja;— eu, por minha alma que vol-o desejo bom e feliz.

MARSIO.

E assim o espero; bem que isso dependa inteiramente da vontade do vosso nobre esposo.

D. LUCRECIA.

E pretendeis pedir-lhe a mão de Beatriz.

MARCIO.

Tal é o meu intento.

D. LUCRECIA.

Mal pensado, Marcio a encara maravilhado. Digo-vos que mal pensastes. Conheceis a D. Francisco?

MARSIO.

De vista.

D. LUCRECIA.

E não receais que lhe falte a vontade de dar sua filha a quem elle tão pouco conhece?

MARSIO.

Está nas mãos d'elle conhecer-me quando tiver vontade para isso. Eu sou o unico descendente de uma familia abastada e nobre. Meus paes me legaram o seu nome e a sua nobreza adquirida no tempo das grandes acções e dos feitos gloriosos: eu, se a não tenho augmentado, tambem não haverá quem diga que a deslusto.

D. LUCRECIA.

Bem conheço os vossos titulos, Senhor Marsio,—muitos são; porem este é um negocio de vontade, deveis por tanto consultar-vos e consultar os vosso amigos antes de vos submetterdes imprudentemente a serdes desattendido.

MARSIO.

E que posso eu receiar, se D. Francisco me tiver tão boa vontade como a tendes vós, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Monti era, como vós, nobre, rico e bem apessoado; tambem eu me interessava em que se effectuasse o seu casamento com a irmã de Beatriz, e com tudo para que se elle realisasse foi necessaria a intervenção da sancta Sede. Consultai-vos!—talvez que tomeis outra resolução,—ou talvez que mesmo para a tomar vos demoreis por algum tempo.

MARSIO.

Mas porque delongas?

D. LUCRECIA.

Porque. . . .—Nesta nossa desgraçada Italia muitos se armam voluntariamente Cavalleiros de Damas, que nem os viram, nem os conhecem. Quem sabe?—por ventura que evitarieis assim uma punhalada.

MARSIO.

D. Lucrecia, mil vezes obrigado pelo interesse que por mim tomais; pôrem como só da minha vida se trata tomarei, se m'ò permittirdes, conselho de mim mesmo. Levanta-se.

D. LUCRECIA.

Cavalleiro, sêde prudente. . . . Batem a porta. D. Lucrecia rudemente. Que me querem?

VOZ DE FORA.

O meu nobre amo pede a honra de ser admittido á vossa presença.

D. LUCRECIA.

Dize-lhe que o aguardo. Senhor Marsio, tende paciência, esperai-me aqui, Abrindo a porta da esquerda.

MARSIO.

Seria talvez imprudencia. . .

D. LUCRECIA.

Imprudencia seria mostrar-VOS apontando para a porta da direita dá para o aposento de D. Francisco para a do fundo esta para o interior do Castello. Para a da esquerda para o meu oratorio. Sêde breve.

MARSIO.

Vós mandais, D. Lucrecia. Vai-a entrar.

D. LUCRECIA retendo-o

Senhor Marsio, dai-me a vossa palavra que não procurareis ouvir nem se quer uma syllaba do que aqui se vai dizer.

MARSIO.

Eu vol-a dou.

D. LUCRECIA.

Que se alguma coisa ouvirdes, será como se nada ouvísseis.

MARSIO.

Já tendes a minha palavra.

D. LUCRECIA.

E eu me confio nella. Lucrecia fecha a porta sobre Marsio—vai abrir a do fundo, e dá de cara com D. Francisco,

SCENA IV.

D. FRANCISCO e D. LUCRECIA.

D. FRANCISCO.

Parece-me que escolhi mal a occasião de estar um pouco na vossa companhia—para mim sempre tão agradável.

D. LUCRECIA.

Sereis sempre bem vindo.

D. FRANCISCO.

Não sei se assim fallais por mera civilidade, e com tudo me deveis agradecimentos pela intenção. Estais sempre—tão solitaria—tão só—que eu o julgo, tendes algum secreto pesar, de que eu vos devo distrahir.

D. LUCRECIA.

Enganai-vos, porém eu vol-o agradeço.

D. FRANCISCO.

Talvez me engane, porem quem como eu, se não enganaria?—Mesmo nesta casa, que é vossa, evitaes a companhia de quem quer que seja, é toda vos centralis no vosso aposento, como n'uma clausura.

D. LUCRECIA.

D. Francisco, tomastes pouco trabalho para me fazer respeitar pelos vossos escravos, a mim que sou vossa mulher. Separo-me d'elles para que me não faltem ao respeito.

D. FRANCISCO.

Sois injusta, D. Lucrecia; não sois vós a minha es-

posa? e quem vos offendesse não me offenderia a mim também?

D. LUCRECIA.

Tarde o comprehendeis.

D. FRANCISCO.

Digo-vos que sois injusta; e todavia eu vos peço perdão, porque muito vos amo. Sentando-se. Sentai-vos D. Lucrecia. D. Lucrecia quer afastar a cadeira. Oh! deixai-as estar que bem estão. Certo que os que nellas se assentaram, se alguns foram, acharam em tal proximidade alguma razão de conveniencia, que nos não pôde prejudicar. Não vos parece?... Agora vejo que ainda vos não esquecesteis da insignificante altercação que ha pouco se originou entre nós. É-me também preciso pedir-vos perdão de tal!—humildemente vol-o peço. Bem sabeis que sou de genio arrebatado—que não sei condescender— que preciso de condescendencia. Como soubesse que estaveis só, vim ter convosco pensando que talvez me quizesseis agora conceder por bem o que ha pouco, tão brutalmente exigia.

D. LUCRECIA.

D. Francisco, eu não sou nenhuma mulher caprichosa; o que eu digo, e o que eu faço—é o que eu entendo que devo fazer e dizer.

D. FRANCISCO.

Ainda me enganei! E com tudo me parecia que para tal vos pedir seria a melhor occasião aquella em que vos entregasseis a amorosos pensamentos, ou em que delineasseis fagueiros projectos de illusões e de esperanças.

D. LUCRECIA.

Ha muito que esse tempo correó para mim. São extravagancias da juventude, que a nós outras pobres mulheres—cabe depositar na porta do templo, quando a alguem cedemos a nossa mão;—tanto peor para nós se a escolha foi desacertada.

D. FRANCISCO.

Em verdade são bem tristes pensamentos, principalmente se viestes, como penso, dos pés da vossa Madona. D. Lucrecia, nas vossas extravagancias da juventude, como as chamais, devieis de ter em alguma conta a obediencia que a mulher tem ao marido. Ao menos vos devia ficar esta idéa, que talvez fosse a unica que vos devesse ficar.

D. LUCRECIA.

E essa sempre a tive.

D. FRANCISCO.

Porem como a entendeis!

D. LUCRECIA.

Como a intendo; e dai graças a Deus que a encontrastes em mim tão ampla que em nenhuma outra Romana a encontrarieis. Vós ides de Napoles a Roma—desta a aquella cidade; n'uma e n'outra passais mezes e mezes, fazendo alarde dos vossos amores escandalosos, mostrando-vos orgulhoso de os ter, e desprezando a justiça de Deus e dos homens. O que vos tenho eu dito?

D. FRANCISCO.

É porque não sois ciosa, meu amor.

D. LUCRECIA.

Mil vezes vos tenho dito que estou bem longe de vos ter amor,—depois d'aquelle dia em que vos pedi reparação de um insulto que me fizera uma mulher da classe infima, e em que vós me espancastes porque essa mulher era vossa manceba. Dahi por diante para merecer igual tratamento do nobre Cavalheiro, meu esposo,—não me tem sido preciso pedir reparação dos insultos que por suas amasias me são feitos.

D. FRANCISCO.

É porque não sabeis lidar commigo, D. Lucrecia. Pouco me importam os vossos amores;—pouco me importa que tenhais um ou mil amantes; porem já que vos não mostrais agradecida das occasiões que procuro para vos distrahir,—ao menos quero que sejais condescendente: nada mais vos peço.

D. LUCRECIA.

Quanto quizerdes,—uma vez que me não torneis a fallar desse negregado saráu.

D. FRANCISCO.

E delle é que vos fallo.

D. LUCRECIA.

Fazeis mal.

D. FRANCISCO.

Porque D. Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Porque . . . porque . . . Já disse o que tinha para vos dizer.

D. FRANCISCO.

E persistis em tal resolução?

D. LUCRECIA.

Se persistirei, D. Francisco! É preciso que me reputéis coisa bem pouca, bem vil, para que me julgueis capaz de figurar nos vossos saráus, mesmo sem este motivo porque agora o não faço. Seria preciso que eu não soubesse corar para comparecer no meio dessa turba dehonesta e lubrica—escolhida d'entre os mais deshonestos e os mais concupicentes da classe *minimata*, a classe mais infima de Roma. Quereis por tal meio seduzir a vossa filha, que educastes longe do mundo, e que apezar de ingenua e candida extranha não ver sua madrasta nas festas de seu pae,—de não ver um rosto conhecido no meio de tantos desconhecidos; e me escolhestes para desempenhar tal papel revolvendo-me em tanta vergonha!—Por Deus, D. Francisco, se entre nós não ha nem amor, nem amizade, nem carinhos, nem condescendencia,—nem a protecção do mais forte, nem a solicitude do que mais ama, nem a sisudeza que deve reinar entre esposos, nem a delicadeza que deve de haver entre Dona e Cavalleiro;—se nada disto existe entre nós, não é isto rasão bastante para que eu segure vossa filha pela mão, para que a introduza no vosso quarto e para que a deite no vosso leito, que tambem é meu. Escolhei para tal emprego a quem vos aprouver, meu Senhor: mas a mim!... a mim!... tão vil vos pareço?

D. FRANCISCO.

Quem está no vosso oratorio, D. Lucrecia? D. Lucrecia estremece. D. Francisco levanta-se. Oh! que mulheres pud-

cas, honestas e virtuosas! que mulheres cheias de dignidade e de nobres sentimentos! Vós todos que as encontrais nas ruas ou nos passeios, humilhai-vos, cedei-lhes o logar mais nobre; se as encontrais nos Theatros ou nas Igrejas—curvai-vos, cumprimentai-as; se as encontrais em visitas e saráus, emmudecei-vos ou retirai-vos para que o orgulho da mulher nobre e virtuosa e sobranceira não parta dos seus olhos rutilantes a nivelar-vos com o solo.—Cumprimentai-as, curvai-vos, que não sabeis esconder os vossos amores, que preferis a franqueza á hypoerisia. Oh! que virtuosas esposas que vós sois! Tendes sempre a increpação nos labios, sempre palavras austeras que não partem do coração, e escondeis devotamente os vossos amantes dentro das vossas capellas! D. Lucrecia, mais rigidez nas accões e menos austeridade nas palavras.

D. LUCRECIA.

E quem vos disse que eu tinha alguém na minha capella?

D. FRANCISCO.

Podeis mentir.—Quem está naquelle aposento?

D. LUCRECIA.

Não vos mentirei, senhor.—Acreditai-me: não é meu amante.

D. FRANCISCO.

Pouco me importa que elle seja vosso amante ou que deixe de o ser. Quereis apparecer neste saráu?

D. LUCRECIA.

D. Francisco, pedi uma cousa que eu sem vergonha vos possa fazer.

D. FRANCISCO.

Vergonhosa mulher que vós sois! Recusais apparecer no festejo de vosso marido porque é deshonesto e indecoroso, e ficais orando aos pés da vossa Madona, porque alli tendes o amante cobarde que escondido vos aguarda!— Não quereis?— não é assim? Tambem não haverá nesta casa nem sarau, nem divertimentos; quero fazel-o apunhalar, e amanhã D. Lucrecia, quando eu vos houver accusado como adultera, já não será tempo de vos arreponderdes.

D. LUCRECIA.

Seria uma infamia, D. Francisco!

D. FRANCISCO.

Amanhã Roma dirá qual de nós é o infame.

D. LUCRECIA.

D. Francisco, esse homem não é meu amante; juro-vos que não é meu amante!

D. FRANCISCO.

Jurai quanto quizerdes! Porem que vos importa a morte desse homem?—Que coisa ha mais simples para uma Lucrecia do que justificar-se?—Vós vos justificareis e Roma folgará com a vossa innocencia. Eu, porem, como a um bom romano cumpre, me encarregarei do Tarquinio.—Paulo!

D. LUCRECIA.

D. Francisco!

D. FRANCISCO.

Persisti no vosso intento.

SCENA V.

OS mesmos e PAULO.

D. FRANCISCO.

Paulo. . . .

D. LUCRECIA.

Farei o que quizerdes, D. Francisco.

D. FRANCISCO *cortezmente.*

O vosso braço, minha senhora. D. Lucrecia dá-lhe o braço.
 A chave do vosso oratorio. D. Lucrecia dá-lhe a chave. D.
 Francisco voltando-se para Paulo. Naquelle oratorio está um ca-
 valheiro, nosso muito particular amigo. Com intenção. Não
 procures reconhecê-lo. Tu o deixarás são e salvo fóra
 dos muros deste Castello.

Cae o panno.

ACTO III.

PERSONAGENS.

D. LUCRECIA PETRONI.
BEATRIZ CENCI.
LOETITIA.
D. FRANCISCO CENCI.
O ABBADÉ OLYMPIO.
STENO.
STROZZI. }
MONTANO. } Cavalheiros.
LEONI. }
VISCONTI. }

Um pagem, Mascaras, Cavalheiros, Damas.

ACTO III.

Um toucador.—D. Lucrecia vestida de lucto, sem adereço nem joias: Lætitia tocando-a.

SCENA I.

LOETITIA.

Que feliz que foi a vossa escolha, minha Senhora! que bem que vos está este vestido de lucto, que eu julguei vestieis só por mera exquesitice!

D. LUCRECIA.

Loetitia, já voltou o pagem que eu mandei a Roma?

LOETITIA.

Já deve ter voltado.—Ah! como todas essas Donas do Sarão todas carregadas de brilhantes se morderão de inveja, quando apparecerdes no meio dellas, dando mate ás mais formosas, apesar do vosso modesto vestuario!

D. LUCRECIA.

Acaba com isso, Loetitia.

LOETITIA.

Prompta estais; porem se me quizerdes attender, apparecereis no baile quando elle estiver no seu auge.

e, pela Madona, o Sr. Cenci extranhará de vos ver tão bella.

D. LUCRECIA levantando-se.

Vê se o pagem está ahí.—A minha mascara.

LOETITIA.

Quereis por força acabar de uma vez com a vossa reputação! esconder um rosto como o vosso....

D. LUCRECIA.

Fallas muito Loetitia.

LOETITIA.

Vou já, minha Senhora. *sáe.*

SCENA II.

D. LUCRECIA.

Estou promptá! só me falta a mascara! Ah! sarás de meu marido, sarás infame! onde é preciso esconder o rosto, para que o sangue nos não rebente das faces a força de vergonha! E tenho de ali apparecer! eu! eu! levada para ali em triumpho para attestar a infamia de meu marido!

SCENA III.

D. LUCRECIA e LOETITIA.

LOETITIA.

Aqui tem V. Exc. a sua mascara.

D. LUCRECIA.

E o pagem?

LOETITIA.

Espera as ordens de V. Exc.

D. LUCRECIA.

Que entre; e excusas de voltar.

LOETITIA *curva-se.*

A parte. Senhor Jesus, nunca a vi de tão máo genio! *sáe.*

SCENA IV.

D. LUCRECIA e o PAGEM.

D. LUCRECIA.

Foste a Roma?

PAGEM.

Como V. Exc. me determinou.

D. LUCRECIA.

Fallaste ao Snr. Abbade Petroni?

PAGEM.

Dei-lhe a carta.

D. LUCRECIA.

E a resposta?

PAGEM.

Que V. Exc. podia ficar descançada, bem que alguns negocios de ponderação lhe aconselhassem a defirir tal jornada.

D. LUCRECIA.

Como elle vem, os seus negocios que o esperem.

Está bem, pagem, sê discreto. Faz-lhe com a mão signal que se retire.

SCENA V.

D. LUCRECIA.

Ah! D. Francisco! muitos punhaes de bravos se embotaram sem vos roçar o corpo;— muitas vezes despresastes a ira dos salteadores que insultaveis;— muitas vezes zombastes do velho que vos pedia contas de sua filha deshonorada. Mas o insulto que fareis a vossa filha, mas esta affronta que me faseis a mim. . . . por minha alma, tenho receio de que tarde vos arrependais de os ter feito! *sác.*

SCENA VI.

A scena pomposamente decorada; no meio arcos de flores, no fundo passeiam ou dançaõ Donas e Cavalheiros, ricamente vestidos. A musica toca brandamente e vai enfraquecendó-se pouco a pouco até parar.

STENO, STROZZI, LEONI, MONTANO.

STENO.

Vinde, vinde, cavalheiros;—requisiteemos este prazer; ouçamos a musica de longe, que certo nos parecerá mais doce

STROZZI.

E que me dizeis do Saráu, meus Senhores?—Não vai bello?

LEONI.

Sumptuoso.

MONTANO.

Magnifico.

STENO.

Quanto ao saráu nada ha que dizer,—são festas do nobre Cenci; ninguém sabia ganhar tão bem como o pae, como ninguém sabe despender tão magnificamente como o filho.

LEONI.

E que boa vida, aqui se passa! É a festa perpetua dos cinco sentidos! E quem tal diria vendo de fóra o severo frontespicio deste castello! É como um rosto de gigante.

SCENA VII.

OS mesmos e VISCONTI.

VISCONTI.

Bem dito, Sr. Leoni; é um feio rosto de gigante com um formoso coração de donzella.

STENO.

Bravissimo! Visconti.—Tão poetico estás que eu aposto vindes dos pés da bella improvisatriz Darini!!

VISCONTI.

Por minha alma, meus senhores, que nunca vi nem rosto mais lindo, nem genio mais ardente. Mas deixemos a Darini: de que se tratava?

LEONI.

Do sarão, Visconti:—Que diriam teus avós, os senhores de Millão e de Florença se presenciassem tão magestoso espectáculo?

VISCONTI.

Quem sabe, Leoni?—Talvez dissessem que para os dar não foram inúteis as suas lições de perto de dois seculos.

ALGUNS.

Bravissimo! bravissimo!

MONTANO.

Meus senhores, deixemo-nos de pratica vã;—que-reis saber uma galante anedocta?

VISCONTI.

A anedocta, senhor Montano.—Bem vedes que de-finhamos de curiosidade. *Fazem roda.*

MONTANO.

É muito simples.—Marsio...conheceis?

STROZZI.

Conhecemos.

MONTANO.

Pois bem, cavalheiros;—o Sr. Marsio que parecia de um génio serio e reflectido, que despresava as sere-natas e os amores. em que havia de dar?

STROZZI.

Deo em poeta!

MONTANO.

Não.

LEONI.

Em jesuita.

MONTANO.

Tambem não.

VISCONTI,

Ora!—difficil advinhação que nos propondes, Sr. Montano! Aposto eu, meus senhores, que o Sr. Marsio tornou-se improvisador para ser coroado no Capitolio, como ia acontecendo ao Tasso.

MONTANO.

Ainda não.

STROZZI

Não advinhamos, Sr. Montano;—contai-nos.

ALGUNS.

Contai-nos.

MONTANO.

O Sr. Marsio. dá serenatas. *Gargalhadas.*

STENO *rindo-se.*

Estás brincando, Montano!—Marsio dar serenatas!

MONTANO.

Por Jupiter, meus senhores, ouvistes a verdade. Todas as noites o Sr. Marsio descanta saudosamente no parque deste Castello.

VISCONTI.

Ganhaste, Montano, ganhaste! Por Bacho que improvisas bellamente.

MONTANO.

Tanto peor para vós se o não credes! O que vos posso dizer é que ninguem sabe se é em louvor da Ex^{ma} Sr.^a D. Lucrecia, ou da formosissima Sr.^a D. Beatriz.

VISCONTI

A proposito. Viste já, D. Beatriz?

MONTANO.

Não.

VISCONTI.

E tu?

STROZZI.

Não.

VISCONTI.

E tu?

LEONI.

Não.

VISCONTI.

Então ninguém a viu?

STENO.

Ninguém.

VISCONTI.

Pois, meus senhores, vi-a eu.

STROZZI.

És feliz, Visconti.

LEONI.

Onde a viste?

VISCONTI.

No saráu.

LEONI rindo-se.

Bravo, Visconti, podes rivalisar com Montano.

VISCONTI.

Fallo-vos verdade.—Juro-vos por S. Pedro, que, como sabeis, é a pedra de toque do reino celestial. É

um vulto negro, negro, todo negro que anda como um spectro aos encontros com um e com outro.

MONTANO.

Eu vi esse vulto meus senhores.

LEONI.

E eu tambem.

STENO.

E eu tambem.

STROZZI.

E eu tambem.

VISCONTI.

Vêde!—vós vistes e talvez o tocasseis, e não credes?! Em verdade sois mais difficeis do que o bema-venturado S. Thomé.

LEONI.

De vagar, Visconti. Quem te disse que esse vulto era a formosa Beatriz?

VISCONTI.

Verdade, verdade; não vos quero mentir. Dizem-me que é uma mulher pudica e vergonhosa, que fôra educada longe do mundo.—Conclui que fosse ella porque trazia a cara coberta.

MONTANO.

Bravo, Visconti!—Se fosse um homem talvez que ainda disseses que era a formosa Beatriz, que por disfarce trajava assim.

VISCONTI.

Sr. Montano, eu disse que era D. Beatriz, porque julguei ser ella; porem como agora me parece que por

acinte me contradizeis, assexero-vos que será bem temerario o que nisto me retrucar.

LEONI.

Bravo, Visconti, quero eu ser teu padrinho. Não se diga que nesta nossa Italia só ha tumulos e estatuas. Batei-vos, por Bacho; hei-de eu ser o padrinho.

STROZZI.

Visconti, e se o vulto não for Beatriz, ainda haverá duello entre vós?

VISCONTI.

Bater-me-hei tambem comvosco, Strozzi, porque duvidastes da minha palavra.

LEONI.

Bravo!—tu és Visconti; não ha que negar!—Mais um duello! mais um duello! Visconti, não fomos sempre amigos. Tomando-lhe a mão. E eu quero ser padrinho de ambos os teus duellos!

VISCONTI.

Serás, Leoni.

LEONI.

Por Deus, que és um Visconti! és um Visconti, que trazes uma espada em vez de uma garrafa de veneno como usavam teus avós.

VISCONTI.

Leoni!

LEONI.

Não te escandalises!—então era moda, hoje não;—eis o caso.

STENO.

Visconti, fallais arrogante!

VISCONTI.

Arrogante !!

STENO

Desafiar-me-heis outro dia;—por hoje ainda somos bons amigos.—Queria eu dizer-te, Visconti, que me deixasses fallar. Meus senhores, vou dar-vos uma nova ainda mais espantosa do que todas as que me haveis dado. O senhor abbade Petroni é nosso companheiro de folgado !

VISCONTI.

Serio, Steno?

STENO.

Serio; e demais bem o poderás reconhecer que elle, tambem como nós outros, traz a cara descuberta.

VISCONTI.

O abbade Petroni é um cobarde !—Dizem que ha dias regeitou um duello.

STROZZI.

E bem fez elle ! que por tal feito cahio de tal modo em graça para com S. Santidade, que contra todo o direito vai ser eleito Cardeal.

SCENA VIII.

OS mesmos, D. LUCRECIA mascarada atravessa a scena lentamente.

STENO, em voz baixa.

Eis o vulto.

VISCONTI.

É o mesmo.

LEONI.

Visconti, falla-lhe que é teu conhecido.

VISCONTI.

Não; eu disse que era D. Beatriz, e hade ser D. Beatriz.

STROZZI a Leoni.

Saibamos quem é.

MONTANO juntando-se aos dois.

Quem será?

LEONI.

Vejamos.—Bello mascara. D. Lucrecia volta-se para elle, Leoni recúa.

MONTANO.

Então, Leoni! tens medo?!

LEONI.

Ora, eu?! *adiantando-se.* Comparavamos este festejo ao jardim encantado de Armida; porem a vossa presença a não serdes o maior encantamento delle....

D. LUCRECIA

Comparaveis bem! Nem faltam papagaios que fallam. *Passa.*

MONTANO rindo-se.

Então, Leoni?

LEONI.

Oh! se fosse um homem... teriamos um duello de mais. Não quero que se diga que a Italia é uma terra de tumulos e de estatuas.

SCENA IX.

Os mesmos, D. FRANCISCO e BEATRIZ. Roda de convivas;
entre elles um homem todo negro, mas sem mascara, que fica de um lado
observando a scena; do-outro lado D. LUCRECIA.

VISCONTI.

D. Francisco, de ha muito que vos aguardamos; queriamos felicitar-vos pelo maravilhoso saráu com que nos brindais; porem agora, cavalheiro, só ouvireis queixas por vos terdes furtado aos nossos parabens e agradecimentos.

D. FRANCISCO.

Visconti, por ventura que me não deveis parabens nem agradecimentos.—Leoni, Strozzi, Montano,—todos vós meus jovens amigos eu vos agradeço a cortesia que tivestes para commigo aceitando o meu convite; porem como em pagamento da vossa condescendencia, tenho a honra de vos apresentar miuça filha—D. Beatriz.

MONTANO.

É uma honra que nos fazeis, D. Francisco, pela qual vos ficamos summamente agradecidos.—D. Beatriz se não mereço ser vosso cavalheiro, ao menos espero que tereis a bondade de me contar em o numero dos vossos humillissimos servos. *Beija-lhe a mão.*

BEATRIZ.

Sr. Montano,—parece-me que assim vos chamais,—os amigos de meu pae, que eu tenho em muito, não

serão meus servos senão meus amigos, quando me quizerem conceder esta graça.

VISCONTI.

D. Beatriz, a fama vos apregôa a mais formosa donzella de toda a Italia; e eu sou assaz feliz em poder asseverar de hoje em diante, que não desmereceis tal pregão, e que sendo a mais formosa não deixais de ser a mais discreta. Beija-lhe a mão.

D. FRANCISCO

Cavalheiros, desculpareis o acanhamento de minha filha; foi educada longe do mundo, e ainda não aprendeo o seu praticar.

STROZZI.

E bem fizestes vós, D. Francisco. A flor exquisita e delicada deve ser educada em um palacio de christal.

LEONI.

Comparaste mal, Strozzi;—D. Beatriz é italiana; e viva Deus, o ar puro da Italia cria flores mais bellas do que essas estrangeiras, que para vegetar carecem de tão assiduos cuidados nossos.

D. FRANCISCO.

Vinde, vinde, cavalheiros a dança vos espera.

VISCONTI.

Tendes par, D. Beatriz?

D. FRANCISCO sorrindo-se.

Já o tem.

VISCONTI.

Mal sabeis quanto o invejo?

D. FRANCISCO.

Cavalheiro, mal sabeis quanto me lisongeais.

VISCONTI.

A vós, D. Francisco?!

D. FRANCISCO.

A mim. Saheem.

SCENA X.

D. LUCRECIA se aproxima vivamente do vulto. Durante esta scena as luzes vão esmorecendo pouco a pouco. D. LUCRECIA e OLYMPIO PETRONI.

D. LUCRECIA.

Petroni!

PETRONI.

Lucrecia! D. Lucrecia descobre-se. Tenho-te procurado por toda a parte, e sem te conhecer muitas vezes tenho roçado por ti.

D. LUCRECIA.

Queria que os visses primeiro, Olympio.

PETRONI.

A quem?

D. LUCRECIA.

A D. Francisco e a Beatriz.—Que te parece Beatriz?

PETRONI.

Que me importa essa mulher?

D. LUCRECIA.

E se te importasses com ella?

PETRONI.

Eu a diria uma flor arraigada á cratera do Vesuvio !
mas. o que me queres ?

D. LUCRECIA.

E eu, Olympio; o que te pareço.

PETRONI.

O que me queres, Lucrecia ?

D. LUCRECIA.

Que te pareço, Olympio ?

PETRONI.

Lucrecia, parece-me bem mal que presencieis semelhantes espectaculos. Certamente não foi em casa do nosso velho pae que aprendeste a arrostar todo o cynismo e immoralidade que alli reina apontando para dentro e que em nada diferem dos saráus de Alexandre VI.— Porem pior me parece que tambem a mim me fizesses parte desta gente realmente mundana.— Que não dirá de mim S. Santidade ?

D. LUCRECIA.

Dirá que vieste para um negocio de familia, para vingar tua irmã.

PETRONI.

A ti, Lucrecia ? !

D. LUCRECIA.

A mim mesma. Sabes, Olympio ?—Fui constrangida a apparecer neste lupanar !

PETRONI.

E quem te pôde obrigar ? . . .

D. LUCRECIA.

Meu marido,

PETRONI.

Teu marido!—bem o conheço eu capaz de tal feito.

D. LUCRECIA.

E sabes para que, Olympio?—sabes? .sabes?... para que eu o ajudasse a deshonnar sua filha.

PETRONI.

Mulher, calumnias a teu marido!

D. LUCRECIA.

Não conheces a D. Francisco, Olympio? É verdade o que acabaste de ouvir;—é tão verdade como estar eu aqui,—tão verdade como haver este saráu,—tão verdade como ser elle um Cenci.

PETRONI.

E o que queres tu que eu faça?

D. LUCRECIA.

Que me vingues.

PETRONI.

E como, Lucrecia?

D. LUCRECIA.

Não és tu cavalheiro? Eu e tu, ambos nós, não nos appellidamos Petroni?

PETRONI.

Esqueces que eu sou um padre?

D. LUCRECIA.

Lembro me que és nobre. Sabes tu que ameaças arrotei antes de dar este passo?—Sabes tu por que trama horrivel fui obrigada a ceder?—Sabes tu que injurias vomitou elle contra o nosso nome, contra a nossa familia,—elle, um homem pervertido, um nobre

com nobreza comprada, elle, um Cenci?—Tu foste o auctor deste casamento, pois sabe;—ainda hoje me comparou elle com essas mulheres, que se assentam á porta do seu castello, mendigando uma esmola, e como a ellas, por caridade, me atirou com o seu nome. Olympio! Olympio! elle me tem dado o mesmo tratamento que daria a essas mendigas! *mais baixo.* Muitas vezes tenho eu sentido a sua mão contra o meu rosto!—tu não o sabias, que a ninguem o tenho dito;—não o sabias—não o podias imaginar. Pois agora que o sabes, Olympio, quero ser vingada.

PETRONI.

Lucrecia, eu te farei o que te poder fazer;—informarei a S. Santidade de tal proceder,---pedir-lhe-hei um divorcio em teu nome. .

D. LUCRECIA *ironicamente.*

Tens de lhe pedir o chapéo de cardeal!—pedir-lhe duas graças talvez fosse o meio de não obter nenhuma.

PETRONI.

Pensas bem *meditando.* Talvez fosse o meio de não obter nenhuma.

D. LUCRECIA *encarando-o.*

Que decides?

PETRONI.

Eu verei, Lucrecia, eu verei!

D. LUCRECIA.

Breve, Petroni: eu não posso esperar.

PETRONI *timidamente.*

Talvez que alguns dos meus amigos se quizesse encarregar desse negocio.

D. LUCRECIA.

Oh! és um cobarde! Queres alcançar o chapéo de cardeal por uma cobardia, e por cobardia não o queres perder. Petroni, o habito de que uzas tirou-te o sentir de um nobre! És verdadeiramente um padre! Que! . . . tratam-me como se eu fosse uma escrava;—insultam-me—insultam o teu nome,—e não te assoma o rubor ao rosto,—e fallas de divorcio,—e perguntas-me:—o que dirá S. Santidade?!—E o que diria meu pae? Ainda que velho e enfermo como eu o conheci, seria bem atrevido o que ousasse tocar em sua filha com um dedo,—seria bem atrevido o que o insultasse no seu nome!—e a qualquer chamado Petroni, que não soubesse por onde se pega n'uma espada, que para se vingar ainda ignobilmente de uma affronta precisa, hão do braço, porém das palavras de um terceiro. . . Por Deus que elle o desarmaria, que o despojaria das insignias de cavalleiro—e para ver se esse, quem quer que elle fosse, ainda tinha sangue nas veias, lhe açoitaria as faces com a prancha de uma espada, que não com a sua porque a não manchasse.

PETRONI.

Não pensas bem, Lucrecia. A nossa classe.

D. LUCRECIA.

É interesseira como todas as mãis e talvez mais que todas. Sr. Petroni, correi aos pés de S. Santidade que se pode esquecer do vosso pedido.

PETRONI.

És injusta, Lucrecia! . . .

D. LUCRECIA.

Correi! correi! Sr. Petroni! Já não sois meu irmão! Vós vos destes tão acrysoladamente as coisas do céo. que não se vos dá do que se passa na terra. Se ambicionais ser Cardeal, é porque achais celeste o titulo de Eminencia. Ide-vos, Senhor; ide-vos, e asseguro-vos que de todo o meu coração vos quizera ver papa, porque vos não chamasseis tambem Petroni.

PETRONI.

Lucrecia.

SCENA XI.

Entra Beatriz desgrenhada e correndo. A scena está quasi ás escuras.

BEATRIZ.

Minha mãe! . . . Minha mãe! Ah! (lançando-se nos braços della e escondendo o rosto.) estou perdida!

D. LUCRECIA.

Eu já o sabia! . . . Vinga-te.

BEATRIZ afastando-se.

Vingar-me!. vingar-me!. de meu pae?!! . . .

D. LUCRECIA.

Sim, de teu pae.—Ah! D. Francisco, tivestes o ar-rojo de me insultar e estupidamente adormeceis no vosso leito. Oh!. dormi, meu nobre esposo! —dormi tranquillo, que eu velarei solícita á vossa cabecera.

Cae o panno.

ACTO IV.

PERSONAGENS.



D. LUCRECIA PETRONI.

BEATRIZ CENCL.

D. FRANCISCO CENCL.

MAR-IO.

Um Pagem.

ACTO IV

O mesmo aposento do acto 2.^o O mesmo arranjo de scena. Beatriz deitada n'uma Otomana. D. Lucrecia sentada n'uma cadeira baixa junto della, a encara com solicitude. Beatriz parece despertar; tem ar languido e quebrado.

SCENA I.

D. LUCRECIA e BEATRIZ.

D. LUCRECIA.

Dormiste muito?

BEATRIZ.

Não—não dormi.

D. LUCRECIA.

Estás melhor?

BEATRIZ.

Estou boa.

D. LUCRECIA.

Estás muito pallida!—Hontem ninguem diria que posses parecer mais formosa, e hoje ninguem dirá que não pareces melhor do que hontem.

BEATRIZ.

Não me falles de mim.

D. LUCRECIA.

Fallar-te-hei de ti, que te não quero ver pallida, apesar de assim me pareceres bem formosa; não te quero ver esse ar de occulto sofrimento. Decide-te e não scismes tanto.

BEATRIZ.

Decidir-me!—a que?

D. LUCRECIA.

A vingares-te?

BEATRIZ. levantando-se sobre a ottomana.

Vingar-me, vingar-me! deixa-se cahir. Elle é meu pae!

D. LUCRECIA.

E meu marido, Beatriz.

BEATRIZ.

Deixa-me, deixa-me, D. Lucrecia!

D. LUCRECIA.

Queres ficar só?

BEATRIZ.

Ah, não, não!.. Que vida é a minha! não quero ninguém ao pé de mim, e não posso ficar sósinha;—não quero que me fallem, e não posso supportar meus pensamentos! Minha boa mãe, quão doce me seria morrer agora!

D. LUCRECIA.

Morrer—na tua idade!—Estas louca?

BEATRIZ.

Bem sinto que enlouqueço; sinto-me quebrada, sem animo e sem força, e todavia peuso: Ah! que vida cruel é esta do pensamento!

D. LUCRECIA.

Pensa em vingar-te.—É doce o pensamento da vingança, e depois della podemos desejar morrer.

BEATRIZ.

Não me falles assim!

D. LUCRECIA.

Já fallaste a Marsio, Beatriz?

BEATRIZ levantando-se com a mão no peito.

Ah! . . . que punhalada que me deste—aquí—aquí—no coração! Marsio! Marsio! cahindo de joelhos Por Deus, minha Mãe, não me falles nesse homem!—Esse nome me faz curtir dores que me martyrisam,—dores que me farão enlouquecer! Não me falles n'elle.

D. LUCRECIA.

Pobré filha, ainda não aprendeste a sofrer.

BEATRIZ levantando-se em delírio.

Marsio, meu bello Marsio, vem,—vem cantar-me o teu romance por baixo da minha janella,—eu te escuto;—quero ouvir a tua voz,—quero ver o teu vulto por entre as lorangeiras,—quero ver o teu branco penacho ondular ao sopro da yiração,—quero ver o teu rosto,—quero ouvir a tua voz—ver-te sempre, ouvir-te sempre!—A porta falsa está aberta!—sóbe! sóbe! eu te aguardo;—quero fallar contigo,—quero annelar os teus cabellos em volta da tua cabeça,—quero sentar-me a teus pés, Marsio, meu formoso Marsio, meu nobre, meu gentil Cavalheiro. Ah! como en te amo! Vai como para lançar-se nos braços de alguem e entra D. Francisco; ella recúa.

SCENA II.

OS mesmos e D. FRANCISCO.

BEATRIZ correndo a mão pela testa.

Meu pae!—Quem me trouxe aqui? O que dizia eu?

D. FRANCISCO.

Minha doce Beatriz ella recúa. Porque me foges tú?
 ella recúa ainda. Não dizias tu que me amavas?

BEATRIZ.

Ah! . . . cahe na Otomana.

D. FRANCISCO.

D. Lucrecia, muito estimo encontrar-vos.

D. LUCRECIA.

Olhai para vossa filha, D. Francisco.

D. FRANCISCO.

Os da minha familia costumam a morrer;—deixai-a.

D. LUCRECIA.

É o que costumais dizer de vossos filhos:—costumam a morrer!—Sois um pai clemente, senhor D. Francisco! Para os vossos filhos cubiçaes a deshonra ou a morte.

D. FRANCISCO.

Não vos fallo d'elles. Esta manhã foi apresentado a S. Santidade um requerimento, no qual se pedia um divorcio em vosso nome.

D. LUCRECIA.

Não foi com o meu consentimento.

D. FRANCISCO.

A verdade é que elle foi apresentado e que pára em meu poder.

D. LUCRECIA.

A verdade é que não foi com o meu consentimento.

D. FRANCISCO.

E poderei eu perguntar-vos quem é que toma tanto a peito os vossos negocios?

D. LUCRECIA.

Podeis, como eu vos posso responder:—Foi Olympio Petroni, meu presadissimo irmão, que se tivesse mulher e filha talvez fosse. tanto como vós sois.

D. FRANCISCO.

Sois demasiadamente orgulhosa, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA.

Pois admira que me conhecendo vós tão orgulhosa me julgueis capaz de negar um feito que eu haja praticado. Não pedi um divorcio, D. Francisco, por que mesmo pedido por mim me seria mais deshonoroso a mim do que a vós, — por que me seria preciso allegar factos pelos quaes a mais tempo en devera ter pedido, porque eu não quero que ninguém saiba que um homem baixo ousou tocar-me nas faces. Meu nobre irmão, com a sua resignação evangelica esqueceo-se do que eu lhe disse, e por misericordia talvez se quiz comprometter nós negocios de sua irmã.

D. FRANCISCO.

Fallaremos mais de largo sobre este assumpto. Deixai-nos, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA.

Pois quando vós aprouver .

D. FRANCISCO.

Nós nos veremos.

SCENA III.

D. Lucrecia sae. Beatriz levanta-se vivamente para sahir com ella. D. Francisco refendo a Beatriz.

D. FRANCISCO.

Deixa-te ficar, Beatriz; não estás boa, e precisas de descanso.

BEATRIZ cahindo na Otomana.

Precisava de estar só.

D. FRANCISCO.

Tua mãe aqui estava contigo, e então precisavas de companhia, e ha pouco fugias de mim, de mim que tanto te amo! Ah! quero reprehender-te, minha Beatriz! Beatriz encosta o rosto á mão, como se o escutasse. Porque assim te deixas levar pelos teus pensamentos?—Porque te deixas dominar por elles?—Estás triste—estás pallida—estás doente!—não te quero ver assim; quero ver-te jovial e risonha, quero ver-te como sempre te conheci,—sempre viva e engraçada, sempre com um leve sorriso nos labios, tendo sempre para me dizer uma palavra de ternura e de confiança com que tanto me agradavas! Quero ver-te como ainda erás hontem. Vai para lhe pegar na mão; ella foge com a mão. Oh! ainda me foges! foges de teu pae?!

BEATRIZ.

Bem sei, que sois meu pae, D. Francisco; escusais de m'ó repetir.

D. FRANCISCO.

Enão é verdade que te peza de ser eu teu pae, como me peza a mim de seres filha minha?

BEATRIZ.

É bem verdade!

D. FRANCISCO.

Beatriz, minha querida Beatriz, então me amarias como eu te amo, não é verdade?—Então ser-te-hia agradável seres minha?—Então não haveria para ti pallidez nem tristeza, dize, não é isto verdade?

BEATRIZ.

Quero vos pedir uma graça, D. Francisco.

D. FRANCISCO.

E eu t'a farei, Beatriz.

BEATRIZ.

N'um recanto do vosso palacio ha um aposento estreito e feio, tem apenas uma porta baixa e uma fresta esguia por onde difficilmente se póde ver o ceo, porrem nunca a terra. Alli vivi durante muitos mezes—durante muitos annos—só e abandonada—bem o sabeis. Vós mesmo, D. Francisco, vós mesmo apezar do sentimento desnatural que hoje dizeis sentir por mim, só me visitaveis de quando em quando para que eu não morresse de fome: Se me quereis conceder a graça que vos pedi e que já me concedestes, acabarei ali os meus dias, sem que ninguem me possa visitar a não ser D. Lucrecia,

D. FRANCISCO.

Então me pedias que eu te livrasse d'aquelle desterro e d'aquelle abandono!—e hoje! hoje que eu preciso de ti como da luz dos meus olhos, me pedes o mesmo desterro n'outros tempos tão aborrecido!

BEATRIZ.

Então eu não sabia quão caro fazeis pagar o que vós chamais favores. Isto que vos peço, D. Francisco, não é um capricho, é uma necessidade.—Já que me aviltastes aos meus próprios olhos, não me obrigueis a corar diante de todo o mundo; não me obrigueis a estar na vossa presença como um criminoso no pelourinho.—Deixai-me viver só—só com os meus pensamentos; deixai-me ali viver a minha vida, que oxalá seja breve, e eu rogarei a Deus por vós, D. Francisco—por vós, meu pae, que me assassinastes, e que tendes vivido uma longa vida talvez por desgraça vossa sem nenhuma acção meritoria.

D. FRANCISCO.

Oh! falla—falla sempre; sê dura e implacavel para comigo, mas falla; quero ouvir-te sempre ainda que só tenhas injurias para me dizer,—quero estar só contigo ainda que só tenhas um puñhal para me atravessares o coração.

BEATRIZ.

D. Francisco, vosso amor me horrorisa! Quando vos escuto, minha alma se abysma n'um pégo de terrores e de pensamentos criminosos!—Attendei-me, D. Francisco; eu vos dizia que a clausura é uma necessidade.

para mim; é também uma necessidade para vós, D. Francisco! Eu sou vingativa—vingativa em extremo—vingativa, como nem eu o sabia! Deixai-me pois viver onde eu não possa fazer mal. Notai que sou da vossa raça, e que o vosso sangue me corre nas veias.

D. FRANCISCO.

Seria loucura, minha doce Beatriz, julgar-te capaz de tão negros pensamentos,—e clausurar-te por causa delles, como fosse temer uma vingança, seria cobardia.

BEATRIZ.

Eu já vos disse que era do vosso sangue; e que o não fosse. . . não sabeis vós, D. Francisco, até que ponto o crime é contagioso?

D. FRANCISCO.

Como heide acreditar o crime n'uma alma tão innocente como a tua? És do meu sangue, dizes tu: porem eu não ameaço, quando premedito ferir.

BEATRIZ.

Ben é que haja alguma differença entre nós.

D. FRANCISCO depois de um momento de silencio.

Queres fugir da minha presença porque suppões que fria e cobardemente te sacrifiquei a um mero capricho. Não, Beatriz, não foi assim; foi porque eu te amava,—foi porque eu te amava ardentemente, loucamente, como nunca ameí, como não me julgava capaz de amar. Oh! se eu pudesse exprimir tudo o que sentia, tudo o que eu sinto por tí, Beatriz, certamente que te compadecerias de mim e que me perdoarias; e quando não me podesses amar como eu te amo, quando mesmo não

sentisses por mim esse affecto passageiro do mundo—
ao menos não terias nos labios palavras tão cruas, que
me vem aqui pondo a mão no peito espedaçar-me o coração.
Ah! porque nasceste tão formosa, tão angelica e tão pura!
Como tão ardentemente me amavas como filha, julguei
que poderias ser minha amante, que a ninguem mais
conhecias! Fui um louco! fui um louco.

BEATRIZ.

E se eu conhecesse a mais alguem, meu pae?

D. FRANCISCO.

Farias bem esconder tal segredo no mais fundo do
teu coração.

BEATRIZ.

E se eu o dissesse?!

D. FRANCISCO levantando-se.

Maldição sobre ambos se assim fosse.

BEATRIZ.

E não me matarias, se eu o amasse?

D. FRANCISCO.

Não me falles!

BEATRIZ.

Eu amo.

D. FRANCISCO.

A quem?

BEATRIZ.

Ah! eu amo com todas as forças da minha alma.

D. FRANCISCO dando um passo.

A quem?

BEATRIZ.

Eu amo tão ardentemente, tão vivamente, como nem me podes amar.

D. FRANCISCO dando-outra passo.

A quem, maldita, a quem?

BEATRIZ.

Eu o amo tanto que por elle morreria gostosa.

D. FRANCISCO vaè contra ella e pára de repente.

Insensato! Insensato que eu sou!... Queres morrer e por tal meio me incitas!—Beatriz, tu que assim me vês atormentado por um gesto—quebrado por uma palavra... não... não poderás imaginar como esta minha cabeça, que ainda não tem encanecido apesar dos annos e dos trabalhos, tenha sentido mais do que uma borrasca — borrascas tremendas! rebentar-lhe trovejando em torno sem nunca a fazer envergar. Como me tornaste fraco e debil! como me escravisaste! Uma palavra tua.

BEATRIZ.

Eu amo, juro-vos que amo a outro que não sois vós.

D. FRANCISCO.

Tu amas!—tu amas, e tens o arrojo de m'o dizer.

SCENA IV.

OS mesmos um PAGEM.

O PAGEM.

O Sr. Marsio quer fallar a V. Exc.

BEATRIZ.

Ah! levanta-se para sair. D. Francisco a segura.

D. FRANCISCO ao Pagem.

Que entre. O Pagem sahe.

SCENA V.

D. FRANCISCO e BEATRIZ.

D. FRANCISCO.

Ah! É Marsio a quem tu amas! Marsio que eu poupava porque nunca me roçou o pensamento que elle se entendesse contigo!

BEATRIZ.

Eu não vos disse que o Senhor Marsio é meu amante.

D. FRANCISCO.

Já aprendeste a mentir! E o grito que deste quando ouviste pronunciar o seu nome! Marsio!. . . é o teu amante; não o podes negar.

BEATRIZ.

Elle ao menos podia ser meu amante; porem vós ereis meo pae! Eu vos aconselho, D. Francisco, antes de alevantardes o braço sobre Marsio, cravai-me um punhal no coração.

SCENA VI.

OS mesmos e MARSIO.

D. FRANCISCO.

Senhor Marsio.

MARSIO entrando.

Senhor D. Francisco—D. Beatriz.

BEATRIZ á parte cahindo sobre a Otomana.

Desgraçada!

D. FRANCISCO sentando-se.

Sentai-vos. Muito vos agradeço a vossa visita, Cavalleiro. É uma prova de leal amizade—deixar os folgedos de Roma por umas feias paredes de Castello feudal.

MARSIO.

Magoadamente vos confesso, D. Francisco, que não vos mereço os vossos agradecimentos. Vim para vos fallar de um negocio, que me diz respeito.

D. FRANCISCO.

E eu folgarei de ter occasião de vos servir.

MARSIO.

Muito vos agradeço. Mas... não vos poderia eu fallar... sem testemunhas?

D. FRANCISCO com intenção.

Que! Temeis que minha filha vos atraioe?

MARSIO.

Oh! não. É tambem della que se tracta.

BEATRIZ a parte.

Desgraçada! Desgraçada de mim!

D. FRANCISCO encarando-a.

Della?! sorrindo-se para Marsio. Por ventura vos conheceis?

MARSIO.

Tenho essa honra e esse prazer, D. Francisco.

D. FRANCISCO.

Sois feliz, Senhor Marsio. — Ainda hontem poucos se poderiam gabar de tal fortuna, se é uma fortuna o conhecimento de Beatriz.

MARSIO.

Ao menos o foi para mim. Cavalheiro, apesar da sinceridade e cortesia com que me recebeis, sinto-me acanhado em vos fazer o meu pedido.

D. FRANCISCO.

Então, meu joven amigo, é um pedido que me quereis fazer?

MARSIO.

É um pedido.

D. FRANCISCO.

Fallai desassombrado. O meu credito e os meus haveres.

MARSIO.

Quero mais do que isso, D. Francisco. Vim para vos pedir a mão de vossa filha.

D. FRANCISCO sorrindo-se.

Se ella quizer, Senhor Marsio, eu vol-a darei.

MARSIO vivamente.

Obrigado. D. Francisco, mil vezes obrigado. Em verdade nunca esperei que tão benignamente me attendesseis!

D. FRANCISCO ainda sorrindo.

Não me deixastes acabar. Eu vol-a darei com uma condição.

MARSIO.

Qual? qual, D. Francisco?

D. FRANCISCO.

Eu vol-a direi. Na vossa idade, Senhor Marsio, a vida é toda imaginaria. Joven, nobre e rico como vós sois, muitas vezes durante esses longos e calmosos dias do verão voç deitastes voluptuosamente na vossa Otomana—esse luxu tão commodo que nossos avós nos trouxeram do Oriente. Destes o vosso corpo a apathia e deixastes a imaginação vagar livremente no espaço. Não é verdade que vos aconteceu isto muitas vezes?

MARSIO.

Não sei se o que dizeis é uma satyra...

D. FRANCISCO.

Nada tenho que dizer-vos que não seja em vosso abono. A imaginação é da juventude e o oiro da riqueza. Rico e joven é reunir dois predicados que eu estimo, e pelos quaes não podeis ser censurado. Dizia eu, Senhor Marsio, que a vida dos da vossa idade é toda imaginaria; a vossa mais que todas o devia ser. Sem familia, como desde a infancia vos conheço, muitas vezes lançastes os olhos em redor do vosso aposento, e sentistes no coração que vos faltava alguma cousa. Era alguém sobre cujo seio podesseis descansar a cabeça—alguem a quem podesseis confiar os vossos mais intimos pensamentos; era a mulher que vos faltava,—a mulher essa outra metade da ^{id} nossa existencia; esse prodigio de amor e de confiança!—Então compozestes uma creatura sobrenatural—um anjo, que sempre estivesse a vosso lado, que quando cho-

rasseis vos rogasse de não chorar e vos limpasse as lagrimas chorando. Deparastes com Beatriz, e crestes firmemente haver encontrado o vosso ideal.

MARSIO.

Assim foi.

D. FRANCISCO.

E nem se quer vos veio ao pensamento que uma mulher assim como a querieis era um anjo, e que os anjos não são da terra.

MARSIO.

D. Francisco, vejo que sois sollicito pela felicidade de vossa filha, e não quereis que um ou outro leve defeito que eu possa descobrir para o futuro quebre a harmonia que deve reinar entre casados. Cavalheiro, muitas vezes se me tem repetido que nada ha perfeito neste mundo; porem eu francamente vos confesso que lhe não achei defeito algum, e que nem os espero achar.

D. FRANCISCO.

Beatriz, como ouvistes, o Sr. Marsio nos faz a honra de nos pedir a vossa mão. Que dizeis momento de silencio. O Sr. Marsio tem todas as qualidades para agradar a uma donzella da vossa idade e a um homem sisudo como eu sou. É de uma familia nobre, e o que mais é de um sentir não vulgar. Á coragem dos seus avós reune a mocidade, a candura e a franqueza. Não vos parece que um donzel como o Sr. Marsio merecé uma mulher joven e formosa como elle e como vós sois? Não vos parece que é digno de uma mulher

innocente e pura, que o saiba estimar, que o possa amar com todas as veras do coração? momento de silencio. Não vos parece que essa mulher não deveria ter segredos para com elle, e que quando lhe dissesse:—eu te amo; pudesse tambem repetir na sua consciencia; eu te posso amar?

MARSIO.

O que dizeis, D. Francisco, é de um pae severo e melindroso em pontos de honra; é uma qualidade que eu aprecio em qualquer homem, e mais ainda naquelle que tem de me ser ligado por vinculos tão estreitos como de pae para filho. Porem eu quando vos pedi a mão de Beatriz bem certo estava da sua candidez e da sua pureza, como tambem de não ser regeitado por ella. Assim D. Francisco levantando-se como tivestes a bondade de me dar o vosso consentimento.

D. FRANCISCO.

Com uma condição.

MARSIO sentando-se.

Já me esquecia. . . E qual é a condição?

D. FRANCISCO.

De nos assegurar, Beatriz, que é digna de ser vossa esposa.

MARSIO levantando-se.

Essa condição me diz respeito, D. Francisco. Eu a dispenso.

D. FRANCISCO.

Não a dispenso eu, Senhor Marsio.

MARSIO.

Perdoai-me se vos digo que é da vossa parte dema-

siada austeridade; e que essa pergunta, mesmo feita por um pae, não deixa de roçar pelo insulto.

D. FRANCISCO.

Deveis de saber que sou de genio exquisito e teimoso. Então Beatriz? *Beatriz levanta-se.* Bem vedes que o Senhor Marsio espera a vossa declaração.

BEATRIZ.

E eu lh'a farei, D. Francisco! Eu lh'a farei, pois que a isso me obrigais. D. Francisco, vedes vós este lucto que eu visto? É porque desde hontem que não sois meu pae. Vós sois... o que eu nunca julguei que homem nenhum podesse ser!—Escutai-me, cavalheiro, vós sois nobre—nobre de sangue—nobre de pensamento—nobre como não é com voz abafada aquelle homem que eu chamei meu pae. Escutai-me. Esse homem por minha desgraça me achou formosa e jurou manchar-me. Não se lhe deu de eu ser sua filha—leo para me seduzir historias d'outros tempos—contou-me lendas de sanctos incestuosos por tal arte que quem os ouvisse os julgára sanctos pelo crime e não apezar d'elle. Impio! Impio que elle é!—Muitos annos me teve encerada n'um carcere—elle, só elle me visitava, e me dizia coisas horriveis—tão horriveis que ainda hoje as tenho gravadas na memoria, bem que elle—hypocrita! as disfarçasse. Eu não as comprehendia.—Para me facinar deo bailes sumptuosos—torpes—immundos... foi tudo em vão, porque nesses bailes não via a D. Lucrecia. Para a obrigar a ser parte de semillante espectáculo, elle—um homem!--alçou a mão sobre a

sua esposa e valeo-se de astucia infernal. Elle soube que estaveis no aposento de D. Lucrecia, sabia que ereis meu amante—fingio que ereis o amante de sua mulher, e ameaçou assassinar-vos e denuncial-a como adultera!—Ella prometteo de ir ao saráu e eu fui perdida! E hoje para se vingar de mim que disse que vos amava—astuciosamente, ignobilmente me tem martirisado—me tem feito morrer lentamente. Ouvi mais. Quando elle mandou construir este Castello, mandou construir tambem uma cava sepulcral. Ha na cava tantos tumulos quantos erão seus filhos; e elle declarou sorrindo aos operarios que elle de prazer lançaria fogo neste castello no dia em que alli colhesse a todos os seus filhos—seus filhos que para viver mendigaram em Salamanca, que mendigaram pelas estradas desde ali até Roma para virem sentar-se aqui nas escadarias deste castello, onde não poderam entrar porque tinham o crime de ser seus filhos! Oh! mais valera para vós, D. Francisco—juro-vos que mais valera para vós que eu já descansasse no timulo que de ha muito me haveis preparado.

MARSIO caminhando para D. Francisco.

Bem mostrastes que não haveis ganhado a vossa espada em campo de batalha.

D. FRANCISCO.

Eis o ponto em que vos esperava, que eu morreria de pesar, Senhor Marsio, se me não batêsse com vosco.

MARSIO puxando meia espada.

Por Deus que esta vingança me pertence.

BEATRIZ juntando as mãos.

Ah! Marsio!

MARSIO batendo nos copos da espada.

Mas tendes alma tão villã, que eu me teria por des-honrado se a minha espada se tingisse no vosso sangue. Acautelai-vos, Senhor Cenci!

D. FRANCISCO.

A vossa luva, meu novo Paladino!

MARSIO.

Digo-vos que vos acauteleis.

D. FRANCISCO levantando-se.

Assim pois, Senhor Marsio, tendes a vosso lado uma espada, e recusaes bater-vos commigo!

MARSIO.

Porque sois um infame.

D. FRANCISCO dá uma risada.

Vinde cá tomando-lhe a mão. Não quereis manchar com o meu sangue a espada dos vossos avós; é essa uma honra tal que eu humildemente me confesso indigno de a merecer. A minha espada, dissestes, não foi havida em campo de batalha; não foi,—é certo. Mas acaso o ignorais? Os salteadores que habitam nestas circumvesinhanças, cujos escondrijos talvez possais alcançar com a vista—lá—bem longe—de qualquer das janelas deste Castello, que elles nunca ousaram profanar, apesar das riquezas que nelle se contem;—os salteadores de Rocca Petrella, dizia eu, que sabem quanto pesa um fendente calado pelo meu braço, e como é fina a tempera da minha espada ouvindo pro-

nunciar o meu nome, sentem mais terror do que aos nomes de Atilla, de Alboino ou de Astolfo sentiam vossos avós—nobres e grandes desse tempo feliz em que para ser nobre e grande bastava ter um cavallo de marca, e não acicates de ferro, porem esporins d'oiro alindados trabalhados,—bons para ferir os olhos das Damas da liça dos torneios, mas improprios de um campo de batalha! Bem sabeis isto; e de tal estou eu tão persuadido que me quero convencer de que essa vossa extremosa piedade filial—dil-o-hei desassombadamente—não é coisa mais nobre do que o medo.

MARSIO com a mão nos côpos da espada.

Senhor Cenci!

D. FRANCISCO.

Foste prudente;—devo confessal-o.

MARSIO.

Medroso—dixestes vós. Porem quando qualquer me insulta, tenho apenas de prudencia quanto me basta para fechar os olhos e não ver as qualidades do homem com quem me vou bater. Ouço com prudencia porque estou certo que antes que ella se esgote, eu me recordarei da espada que pende a meu lado, e do sangue com que é preciso tingil-a. Entendeis-me?—Mandai pois trazer a vossa espada.

D. FRANCISCO.

Para que?—No estado de exaltação em que estais, não poderieis parar—um só dos meus reveses, e em menos de tres botes serieis um cadaver. Não quero acabar agora comvosco, que se o quizesse. —

Louco, que vens brincar com as garras do tigre porque elle te parece de boa catadura, e não te lembras que basta elle contrahil-as para espedaçar-te!—Bastava que a minha voz atroasse estes corredores para que uma infinidade de pagens accorressem ao som della, e eu vos faria lançar por qualquer destas janellas. E amanhã o povo se apinharia em redor de um morto, e diria:—Foi talvez a necessidade que o impellio a commetter um furto, ou a imprudencia que o levou a seduzir a filha do Castellão, que lá está no seu ninho d'aguia—magestoso e tranquillo como um leão na sua caverna!—Sabeis vós de alguma coisa mais facil?—Eu porém já estou cansado de lutar com homens que são meus iguaes, e que merecem toda a minha attenção. Quero ver como vos avindes com a vossa conspiração.—Duas crianças contra mim! vós e minha filha! Estou curioso de ver o vosso plano.

MARSIO.

3 Será rapido e terrivel.

D. FRANCISCO.

Bem! gosto da rapidez; Quando um homem me faz sombra, eu o mando de prompto nivelar com a terra para que a sua sombra não occupe maior espaço do que a extensão do seu corpo. Eu vos aviso! No entanto ides sahir do meu castello; ao passar da porta lembrai-vos que deixastes de ser meu hospede.

MARSIO.

E de mandar preparar um punhal porque tendes de morrer como um servo.

D. FRANCISCO.

E de vos confessardes. É este o conselho melhor e o mais seguro que tenho dado aos meus inimigos.

MARSIO.

Não, Senhor;—quando eu me confessar, perguntarei ao sacerdote, se é crime esmagar-se um reptil. *sabe.*

SCENA VII.

D. FRANCISCO e BEATRIZ.

D. FRANCISCO.

Pobre moço! estava lhe marcando o lugar por onde lhe farei estalar a vida.

(Cae o pano.)

ACTO V.

PERSONAGENS.

D. FRANCISCO.

MARSIO.

PAULO.

D. LÚCRECIA.

D. BEATRIZ.

D. LOETITIA.

CREADOS.

ACTO V

Um aposento com 3 portas no fundo—uma meza—cadeiras—uma harpá—ás
escuras.

SCENA I.

PAULO.

Vinte mil sequins! vinte mil⁷ formosos sequins de Veneza... meus, todos meus! —Custa-me a crer na minha boa fortuna, mas emfim são meus.—Alguns passos nas trevas, algumas voltas de chave,—e eis-me senhor de uma fortuna—pequena, mas sempre fortuna. Eu já estava cansado desta vida de sujeição e de desprezo; escravo ou domestico! e que differença ha entre ambos senão é que este conhece que é igual a todos, e que é para ganhar alimento de um dia que elle se escravisa por toda a vida?—Morrer de fome ou morrer escravo!—cruel alternativa! Hoje serei feliz; e o mundo e a consciencia que me importam?—Calar-se-ha a consciencia, e o mundo para me acolher lembrar-se-ha de que não careço d'elle. A consciencia! e o que terá ella que dizer ao que vou praticar? Será crime alcançar-se um meio de vida, só porque esse meio foi pouco custoso? Será crime praticar uma acção innocente

em si, só porque outro a pôde levar para o mal?—
 não senta-se e pensa não, certamente que não! torna a ficar pen-
 sativo. E depois. pensarei, pensarei.

SCENA II.

BEATRIZ entra — PAULO levanta-se.

BEATRIZ.

Paulo!

PAULO.

Minha Senhora.

BEATRIZ.

Estás certo no que has de fazer?

PAULO.

Abrir a porta do parque—a porta falsa do castello,
 e conduzir á antecamara um vulto que eu encontrar
 todo de negro com plumas brancas no chapéo.

BEATRIZ.

E abrir a porta da camara do Senhor D. Francisco.

PAULO.

Sim, minha Senhora.

BEATRIZ.

E não haverá transtorno, nem demora?

PAULO.

Nem transtorno, nem demora.

BEATRIZ.

Bem está. Abrirás a porta do parque—e a porta fal-
 sa do Castello, e conduzirás o vulto á antecamara, e

ao primeiro toque da minha campainha abrirás a porta da camara.

PAULO.

Assim será.

BEATRIZ.

Não deves ver, nem ouvir; não procures descobrir coisa alguma, nem reconhecer a ninguém; serás surdo como uma estatua, e mudo como um tumulo.

PAULO.

Eu o serei, Senhora.

BEATRIZ.

E farás bem.—Quero tudo cumprido a risca; e para que eu saiba se assim é, ao abrir a porta da Camara de teu Senhor derrubarás uma cadeira—um traste—enfim uma coisa que faça bulha, e eu ficarei descansada.

PAULO.

D. Beatriz, eu espero que nada haverá de mal no que intentais fazer.

BEATRIZ.

Paulo, já contei vinte mil sequins d'oiro—ainda hoje serão teus.

PAULO.

Sempre descansei na vossa nobre palavra, porem eu creio que me não comprometto por vos servir leal e fielmente.

BEATRIZ.

Está descansado. Terás um cavallo á porta do parque, e poder-te-has retirar para Veneza.

PAULO.

E é de necessidade que eu fuja, Senhora D. Beatriz.

BEATRIZ.

Não; basta que te retires.

PAULO.

Por minha alma, apesar de serdes filha do nobre Senhor meu amo—estou quasi a desdizer-me!

BEATRIZ.

Como quizerdes. Eu pedirei essa graça a D. Francisco.

PAULO.

A D. Francisco, minha Senhora!

BEATRIZ.

E tem certo que elle me não quererá recusar coisa alguma—nem mesmo a tua cabeça, bom Paulo, se me fosse necessario pedir-lh'a.

PAULO.

Bem sei que valeis muito para com elle; assim estou as vossas ordens.

BEATRIZ.

E eu terei o cuidado de pôr a tua disposição um bom cavallo, e vinte mil sequins de Veneza.

PAULO.

Como quizerdes, minha Senhora,—que eu farei o que me pedis só por servir-vos, que não por interesse.

BEATRIZ.

Terás tambem os meus agradecimentos.—Mas dir-te-hei sempre o que intento fazer para que fiques descançado na tua consciencia. Eu fugirei esta noite, bom

Paulo; o vulto vem para buscar-me,—não queremos ser perseguidos:—entendes tu?

PAULO.

Oh! perfeitamente!

BEATRIZ.

—Darei pois a D. Francisco um pouco de opio; pela Madona, não lhe darei senão opio, para que elle durma, e me deixe fugir tranquillamente.

PAULO.

E o vulto vai a camara do Senbor D. Francisco para.

BEATRIZ.

O vulto. . Ah! sim, o vulto!. te devia causar impressão, bom Paulo; agora o vejo. Sabes o que elle lá vae fazer? não sabes, não. Olha,—o meu pobre cavalheiro é um medroso—um grande medroso; rindo-se até me envergonho de o ter por Cavalheiro. Elle quer convencer-se por si mesmo de que D. Francisco dorme aquelle somno profundo, pesado e tenaz do opio a parte. Em somno de morte se hade tornar.—Bem vêes que não é nada. Conheces o som da minha campainha?

PAULO.

No meio de mil, eu o differencaria.

BEATRIZ.

Bem; Sê attento e fiel; vae.

PAULO a parte.

Queríeis a minha cabeça, Senhora D. Beatriz! Eu vo-la darei, esperae. *são.*

SCENA III.

BEATRIZ.

Eu lhe perdoaria tudo! Eu lhe perdoaria a minha deshonra—o meu futuro sem esperança--e a condenação de minha alma que depois dessa noite fatal não pôde ter um pensamento de piedade nem de resignação. Mas porque me obrigou elle a corar diante de Marsio,—do meu nobre Marsio que eu tanto amava, que ainda amo tanto? Eu queria morrer,—já estava resolvida a isso; porém quisera que o meu Marsio se fosse ajoelhar sobre a minha sepultura, e que alli orasse por mim; por mim que tanto o amara, e que morrera porque já o não podia amar! Que lhe respondesse elle: não quero; e eu rasgaria a sentença da sua condenação, e depois quando dentro da minha alma eu lhe houvesse perdoado, porque não queria ir para o céu com um pensamento de vingança,—eu me deitaria resignada sobre a minha sepultura, esperando que a morte me levasse da vida. Mas elle não o quiz assim! Insensato! Insensato!

SCENA IV.

D. LUCRECIA e BEATRIZ.

D. LUCRECIA.

Beatriz.

BEATRIZ.

D. Lucrecia.

D. LUCRECIA.

Em que pensas, minha filha?

BEATRIZ.

D. Lucrecia, vós com esses vestidos de lucto! Pois não é hoje um dia de regozijo e de festa para nós ambas! Oh! mudai-m'os, mudai-m'os breve.

D. LUCRECIA.

Esses vestidos assentam bem em ti, porque tu vingas-te; mas eu que te chamava—minha filha, eu que tinha duas vinganças que exercer, não tomo nenhuma, e de braços crusados contento-me com ver o que tu fazes! Ah! que me enganaste!—julguei-te muito fraca; só te queria dar um pensamento, pelo qual estimasses a vida, e agora eis-me arrependida de o ter feito!

BEATRIZ.

Remettestes a minha carta a Marsio, minha mãe?

D. LUCRECIA.

Está descaçada. Oh! livesse eu a certeza de me vingar por mim só—um dia—ainda quando fosse no derradeiro da minha vida, D. Francisco ainda hoje dormiria tranquillo.—Mas já não ha remedio.

BEATRIZ.

Já não ha remedio, D. Lucrecia. Eu decidi a sua morte,—elle morrerá; decidi que havia de ser hoje,—será hoje;—não haverá compaixão nem arrependimento.

D. LUCRECIA.

Está tudo prompto?

BEATRIZ.

Tudo.

D. LUCRECIA.

E Marsio virá?

BEATRIZ.

Espero que sim, porem que não venha.

D. LUCRECIA.

Se não vier?

BEATRIZ.

Não me vês tu aqui! Oh! tenho força bastante para me vingar.

D. LUCRECIA.

De uma offensa: tu o verás. E o opio—já o tens?

BEATRIZ mostrando-lhe o vidro.

Aqui está.

D. LUCRECIA.

É bom?

BEATRIZ.

Deve sê-lo; encommendei-o do melhor.

D. LUCRECIA.

Porem não o sabes. Nisto precisamos de toda a cautela porque o menor engano nos perderia.—Aqui tens outro ^{da-lhe} é forte e violento;—eu mesma o experimentei em mim. Não deites muito: o opio demasiado produz insomnia—vomitos talvez. Torno a recommendar-te: não deites muito.

BEATRIZ.

Bem, bem. Vamos-nos que já é tempo.

SCENA V.

PAULO e MARSIO.

PAULO.

Entrae, mostrando-lhe o aposento da esquerda:— Aqui vos escondereis; quando ouvirdes o toque de uma campainha, e o rumor de um traste cahindo, ide ao aposento contiguo e podereis entrar porque então se terá aberto a porta. O vulto faz-lhe com a mão signal que se retire. Paulo curva-se. Eu me retiro, Senhor, porém tomarei antes a ousadia de advertir-vos, que demorando-vos, nesta sala, imprudentemente vos expondes a ser visto por todos do palacio. O vulto repete-lhe o signal com mais imperio.

SCENA VI.

MARSIO. Observa tudo em redor de si; tira a capa e o chapeo;—e senta-se.

Elle tem razão! Incompleta seria a minha vingança, se agora me vissem nestes lugares;—seria frustrada, e eu morreria de pezar. Ah! o leão sedento^{levantando-se} não tem mais amor a agua, o tigre faminto não sorve com mais praser o odor do sangue, do que o odio que sinto—da sede que tenho de vingar-me ^{sentando-se}. Porém a minha cabeça parece querer estalar com febre, e as minhas arterias latejam como em um accesso de delirio; preciso de descansar primeiro—de cobrar imperio so-

bre mim, porque a minha mão tremula poderia errar o golpe, e a minha victima escapar-me. Torna-se mudo e sombrio; e passado um instante levanta-se com impeto. Maldicto sejas tu, que com o halito pestilente do crime, vieste empeçonhar a minha felicidade, e obrigar-me a servir do punhal como de um cutello de alçoz! Maldicto, que te vieste deitar ao longo no meu caminho, e escarner da minha credulidade, e iufamar a mulher que eu amo,—que eu amo mais do que a minha vida. Condenado sejas tu na eternidade, como tens de morrer como um cobarde,—como tens de ser esmagado por mim, reptil infame! Quando a voz de meus pais me bradasse do alto dos ceos—quando a sua sombra se viesse interpor entre nós. Arrancando o punhal, e quando váo para descarregar o golpe crusa os braços com desespero. Oh! meu pae, meu pae—não educaste teu filho com tanta solitudine, não derramaste tantos princípios de virtude no seu coração inexperiente, não derramaste tanto amor sobre a sua cabeça para que elle viesse agora apalpando as trevas procurar um velho, a quem alguns dias apenas restam de vida,—e assassinal-o friamente no seu leito, que alguns, dias mais, lhe serviria de tumulo!—E pensar que eu seria feliz, se a não houvesse encontrado, ou que tendo-a encontrado, ella me houvesse desprezado! Oh! não, eu teria morrido, se me desprezasses e tu ficarias inulta! Serás vingada. Entra no aposento da esquerda.

SCENA VII.

Entra D. FRANCISCO, BEATRIZ, LOETITIA. — Creados com velas, que põem sobre a mesa.

D. FRANCISCO aos creados.

De-vos. Os creados sabem.

BEATRIZ.

Podes te ir deitar, Loetitia.

LOETITIA.

Já, minha Senhora?

BEATRIZ.

Farás o que quiseres, que não preciso de ti por esta noite. Loetitia sahe.

D. FRANCISCO.

És uma creatura maravilhosa, Beatriz. Hontem eras formosa com os teus vestidos côr da noite, e hoje és formosissima com esses côr de neve.

BEATRIZ.

E pareço-vos bem, D. Francisco?

D. FRANCISCO.

Muito bem.

BEATRIZ.

Sois agradecido; mudei de vestido, porque me pediste que o mudasse.

D. FRANCISCO.

Doce Beatriz, — a parte. Hypocrita! — nunca esperei que tão cedo me perdoasses.

BEATRIZ a parte.

Credulo! — Não fallemos em tal: em verdade mere-

cieis que eu ficasse mal comvosco por toda a vida.

D. FRANCISCO.

Por toda a vida! pois tão comprida é ella que deva de ser desperdiçada em odios?

BEATRIZ.

Devemos então acabar de uma vez com o odio para que nos entreguemos ao amor.—Não é assim meu cavalheiro?

D. FRANCISCO.

Como dizes.

BEATRIZ *surrindo-se.*

Segui o vosso conselho.

D. FRANCISCO *surrindo-se.*

E fizeste bem. Pois não é melhor que estejamos assim, como dois bons amigos, do que ferindo-nos cruelmente como dois amantes que deixaram de o ser?

BEATRIZ.

Ah! D. Francisco---aconselhais bem, porem praticais mal. Dizei-me, que é feito dos vossos saraus?

D. FRANCISCO.

E queres saraus. minha Beatriz?

BEATRIZ.

Se fossem uma prova da vossa estima. porque não?

D. FRANCISCO.

Oh! dar-te-hei saraus como nunca viste, saraus de fascinar toda a sumptuosá nobreza de Roma. para que no fim me digas: Eu t'os agradeço.

BEATRIZ.

Não o direi.

D. FRANCISCO.

E se excederem as tuas esperanças?

BEATRIZ.

Ainda o não direi.

D. FRANCISCO.

Porque?!

BEATRIZ.

Porque, Cavalheiro! porque serão o pagamento da minha ceia de hoje.

D. FRANCISCO.

Quando tu me fallas assim com essa tua voz maviosa, não sabes que agradável que é a impressão que me causas; *com intenção*. Apósto eu, minha Beatriz, que tu me queres fazer morrer?!

BEATRIZ *com ansiedade*.

Morrer!.

D. FRANCISCO.

Sim, de paixão.

BEATRIZ *tornando a si*.

Ah!—Ajustemos as nossas contas. Quando teremos o sarão.

D. FRANCISCO.

Hoje mesmo.

BEATRIZ.

Não poderia ser tão bom como o quereis.—Assim ficará para amanhã.

D. FRANCISCO.

Ficará para amanhã.

BEATRIZ.

Oh! desde já vo-lo digo: quero muitos divertimen-

tos. Por orgulho quizestes ser o mais sumptuoso Senhor de Roma, quero ver o que sereis por amor.

D. FRANCISCO.

Serei o que quizeres que eu seja, minha Beatriz.

BEATRIZ.

Bem; então acreditarei que amais deveras, e não passeiramente. Vamos ceiar.

D. FRANCISCO.

Como quizeres dá-lhe a mão.

BEATRIZ *sentando-se a meza.*

Dir-me-heis no entanto o que fareis por amor de mim.

D. FRANCISCO *sentando-se.*

Farei prodigios.

BEATRIZ.

Que eu vos saberei agradecer.—Mais uma pergunta. Iremos a Veneza?

D. FRANCISCO.

Se o quizeres.

BEATRIZ.

Passaremos ali o carnaval; e então quero que sejas o mais magnifico d'entre todos os da serenissima republica. — Que é da vossa esposa, D. Francisco?

D. FRANCISCO.

Não fallemos nella. Bem sabes que junto de tí não posso pensar em outra mulher.

BEATRIZ *surrindo-se.*

E longe de mim?

D. FRANCISCO.

É como se estivesse ao teu lado.

BEATRIZ.

D. Francisco, quero saber a qual de nós dais a preferencia? D. Lucrecia ceiará connosco.

D. FRANCISCO.

Jámais te contradice;—apezar de que estar a sós contigo é um praser que D. Lucrecia não poderá re-
quintar.

BEATRIZ.

Tenho ciúmes de vós D. Francisco.—É uma experi-
riencia que pretendo fazer:

D. FRANCISCO.

Ceiará, visto que assim o queres.

BEATRIZ.

Eu vo-lo agradeço. Ide-m'a buscar; ireis vós mesmo
porque sei que não podeis estar sem mim, como eu
não posso estar por muito tempo longe de vós.

D. FRANCISCO sahindo.

Serei breve.

SCENA VIII.

BEATRIZ da porta.

Não vos esqueçais que vos aguardo. Vae a mesa—en-
che dous copos de vinho, e lança na garrafa de um vidro que traz no seio.

Nem me tremeo a mão! Elle morrerá! morrerá
como viveo—sem religião—sem um pensamento de
virtude. Morrerá impenitente que é força que morra
tambem sua alma.

SCENA IX.

BEATRIZ, D. LUCRECIA D. FRANCISCO.

D. FRANCISCO.

Eis tua mãe, Beatriz. A D. Lucrecia. Entrai; bem vêdes que não posso dispensar a vossa companhia.

D. LUCRECIA a parte.

Morrerá mentindo!

BEATRIZ.

D. Francisco, merecejs agradecimentos pela vossa diligencia.

D. FRANCISCO.

Não disseste que me esperavas?

BEATRIZ.

E bem vêdes que vos não menti. Sentemo-nos.

D. FRANCISCO dando a mão a Beatriz.

D. Lucrecia, sentai-vos.

BEATRIZ.

A saude de vossa esposa, D. Francisco.

D. FRANCISCO.

A primeira é tua, as outras serão de quem quizeres.

BEATRIZ.

Beberemos pois a saude um do outro.

D. FRANCISCO.

A tua saude, doce Beatriz! atenta na cor do vinho.

BEATRIZ a parte.

Meu Deus!

D. FRANCISCO.

Assim possas tu viver muitos annos, para que tão agradavelmente me faças passar as noites. Bebe.

BEATRIZ a parte.

Bebeo! toca a campainha, e ouve-se rumor de um fraste cahindo
 Bom Paulo!

D. FRANCISCO.

Que te falta?

BEATRIZ.

Já nem me lembra! parece-me que era agoa.

D. FRANCISCO.

Talvez fosse para saber a causa d'aquelle arruído.

BEATRIZ interrompendo-o vivamente.

Não, não. Realmente é agoa que me falta.

D. FRANCISCO sorrindo-se.

Doida! Beberes agora quando tens vinho diante de ti! Não sabes que por estas legoas em redondo não o ha tão generoso como o nosso? Mais vinho! quero dar-te o exemplo. Bebe.

D. LUCRECIA a parte.

Intemperante!

D. FRANCISCO.

Falta-me uma coisa, Beatriz.

BEATRIZ.

O que, D. Francisco?

D. FRANCISCO.

Música; bem sabes que não posso comer sem ella.—
 Sabes cantar!

BEATRIZ.

O que não farei eu por agradecer-vos.

D. FRANCISCO.

Quero um canto molle—suave—delicioso—uma verdadeira musica italiana.

BEATRIZ.

Cantar-vos-hei. *Beatriz prepara-se para cantar. Preludios de Harpa.*

D. FRANCISCO.

Hoje não! Tenho a cabeça pesada, o corpo alquebrado. . . não sei o que tenho *pausa* tenho somno.

BEATRIZ.

Deitai-vos.

D. FRANCISCO.

Sim, sim *levanta-se.* Que somno de ferro que eu tenho! vejo uma nuvem diante dos olhos.

BEATRIZ.

Dai-me a vossa mão. — *Beatriz vae para lhe dar a mão, D. Lucrecia mette-se entre ambos e dá a mão a D. Francisco.*

D. FRANCISCO.

Tens as mãos frias, —mais frias do que as minhas!

Entra na camara—D. Lucrecia serra a porta.

SCENA X.

D. LUCRECIA.

Fui eu quem o levei a sepultura. *Caminhando lentamente para Beatriz.* Estás triste. *Pondo-lhe a mão no hombro.* Estás triste! Pois não me disseste que era hoje um dia de festa para ambas?

BEATRIZ.

Elle era meu pae.

D. LUCRECIA.

Sim, teu pae! Queres saber um segredo horrivel?

BEATRIZ.

Ainda outro, meu Deus!

D. LUCRECIA.

Ainda outro. Aquelle vidro que eu te dei, que eu te disse conter opio --aquelle vidro estava cheio...

BEATRIZ.

Dizei, dizei! Ouve-se um grito.—Beatriz cae de joelhos e assoma a porta um vulto negro. D. Lucrecia retira-se para um lado da scena.

SCENA XI.

D. LUCRECIA, BEATRIZ e D. FRANCISCO.

BEATRIZ.

Elle está morto!

D. FRANCISCO caminhando para ella, embuçado.

Morto!

BEATRIZ levanta-se precipitadamente.

Esta voz!... — Marsio... Marsio... és tu? descobre o rosto de D. Francisco, que deixa cahir o manto. D. Francisco!... Justiça de Deus!...

D. FRANCISCO rindo-se.

Teu pae, minha Beatriz, teu pae, que te não podia deixar só neste mundo.

BEATRIZ.

Mas o outro—o outro!... quer correr para a camara.

D. FRANCISCO segurando-a.

Ainda não.—Tens obrigado teu velho pae a desempenhar um papel de comedia toda esta santa noite—oh! é muito mal feito! E como sabes fingir! como sorris tão meiga! como fallas tão carinhosa! rindo-se representas bellamente.

BEATRIZ.

Mas o outro, o outro, meu Deus!

D. FRANCISCO arrastando-a para junto de uma cadeira. Senta-se.

Pobre abelha sem dardo, que só parecias agastada quando sussurravas em volta do meu rosto com as tuas bellas azas doiradas! Quizeste lutar commigo e ficaste vencida! Que muito? Assim devia ser.

BEATRIZ.

Mas o outro... que é feito d'elle?

D. FRANCISCO.

Oh! o vosso plano era muito engenhoso,—muito engenhoso, melhor mesmo do que eu pensava que podesse sair de duas cabecinhas, como as vossas. Pondo a mão no peito. Mas... que dôr é esta?!—O velho Cenci traz uma saia de malha muito bem tecida, e não ha punhal que a vare: tu te incumbiste de dar opio ao teu velho pae para que o outro com todo o seu vagar podesse escolher o lugar em que lhe havia de enterrar o punhal.—Não foi isto assim?

BEATRIZ.

Vosso—tão novo—tão bom—tão bello—não, elle não, pae, morreu. Oh! Sabes, eu vo-lo peço de joelhos—
—faze-me que o não mates:—di-

zei-m'ó, Senhor, pelo amor que me tinheis e pela afflicção que me vedes padecer—vossa filha vo-lo supplica.

D. FRANCISCO com a mão do lado esquerdo.

Não será nada.—Ora é exactamente de que te esqueceste—de que eras minha filha! Revelaste o teu segredo—coisa que o teu bom pae nunca fez ao seu melhor amigo. Uma mistura contrastou os effeitos do opio, e o padecente tornou-se carrasco.

BEATRIZ.

Quiz Deus que vos salvasseis; o que elle faz é bem feito; eu me arrependo do que intentei fazer; do fundo do coração, do fundo d'alma, eu me arrependo de o ter querido fazer.—Mas vós, Senhor, vós—cavalheiro, valente e nobre... não... não o matastes, dizei-o—dizei-o, que esta incertesa me suffoca.

D. FRANCISCO.

Tu te esqueceste, minha doce Beatriz, que a homens como eu não se deve ameaçar, é preciso matal-os sem demora!—Tu te esqueceste... levantando-se violentamente. E de que te não esqueceste tu?! Tens me encontrado sempre humilde como um cão, e obediente como um escravo, porem nunca viste a colera tropejar-me nos labios, nem a vingança faiscar-me dos olhos em centellas de morte. E não imaginaste que eu, o velho D. Francisco, que açaimé a ira dos salteadores com o terror do meu nome, eu, que governo o consistorio e a curia romana com a substancia dos meus cofres,—eu que de extracção plebea opprimo com o talão das minhas botas as fronteas mais soberbas dos nobres de Ro-

ma e Napoles, que me odeião, mas que me temem. . . Oh! não, não pensaste nunca que se eu me dobrava aos pés de uma mulher era porque podia arrastal-a sobre o lodo,—que se eu me vergava aos pés della era porque eu a podia fazer vergar, e que se eu me humilhava era porque podia abater o seu orgulho quando me aprouvesse.

BEATRIZ.

Matai-me, matai-me de uma vez.

D. FRANCISCO.

Não. Apertando o peito com força e sentando-se. Posso eu viver sem ti? Elle me tinha roubado o teu coração,—matei-o.

BEATRIZ.

Meu Deus! *cahe.*

D. FRANCISCO.

Esta dor suffoca-me!—É aqui—sobre o coração! não será nada; foi o abalo. . . o choque.

D. LUCRECIA.

Vós vos tendes esquecido de mim, meu Senhor!

D. FRANCISCO.

Ah!—D. Lucrecia!—pois também ereis da conspiração?!

D. LUCRECIA.

Eu, meu Senhor!

D. FRANCISCO.

Sim; porque se houvesse entrado nella, ser-me-hia preciso andar com mais cautela.

D. LUCRECIA.

Lisongearis-me, Senhor.

D. FRANCISCO.

Oh! não, não.. —Esta dôr!

D. LUCRECIA *sentando-se.*

Permitti-me que vos falle por alguns instantes; passados elles, juro-vos que não tornarei a importunar-vos.

D. FRANCISCO.

Dizei.

D. LUCRECIA.

Meu Senhor, vós vos casastes commigo por orgulho; vós mesmo dissestes;—quando eu passasse pelas ruas dir-se-hia:—É bella a mulher do Senhor D. Francisco!—Era eu o traste que vos era mister para satisfazer essa parte do vosso orgulho.

D. FRANCISCO.

A que vem isso?

D. LUCRECIA.

Algunha coisa para o caso. Depois que me esposastes, pensastes comvosco que eu era muito pouco para merecer a honra de ser vossa mulher, e me destes o mesmo tratamento que darieis a uma escrava, ou antes a uma mendiga. Não foi assim?

D. FRANCISCO.

Não me demoreis.

D. LUCRECIA.

Algunhas palavras mais. E quando eu um dia vos pedi reparação de um insulto que me fora feito em pu-

blico por uma. — nem eu sei como a hei de chamar! — vós em publico me injuriastes, e na vossa camara levantastès a mão contra o meu rosto. — Não é verdade?

D. FRANCISCO.

D. Lucrecia—esta dôr—esta dôr anceia-me. . .

D. LUCRECIA *alumiando-lhe a cara.*

Deixai-me vêr o vosso rosto. Pondo a vela em cima da mesa. Está bem. Dir-vos hei agora, D. Francisco. — A escrava vingá-se do Senhor que era um infame, — e a mulher vingá-se do marido que era grosseiro e cobarde. Estás envenenado!

D. FRANCISCO.

Meu Deus!

D. LUCRECIA.

Aquella bebida que vos deitárão no vosso copo. aquella bebida que mirastes tão escrupulosamente. . . Como sois habil! . . . aquella bebida, Senhor D. Francisco. . . era veneno.

D. FRANCISCO.

Maldicta—Maldicta! *levando a mão ao punhal.*

D. LUCRECIA.

Rugi, Senhor, rugi, que já não podeis fazer mal. — A um homem como eu, dissestes vós, não se deve ameaçar, — é feril-o promptamente. Como nos entendemos! A vossa mão se alevantou sobre mim, e eu nem ao menos fiz signal de vos querer suster o braço! Ameacei-vos por ventura? — não — matei-vos simplesmente sem um gesto — sem uma palavra. Obrigastes vossa mulher a representar comedia toda esta noite. . .

Oh! é muito mal feito. Enganastes a Beatriz fingindo-vos somnolento, e eu vos enganei fingindo que vos acreditava! E então não é isto uma vingança?

D. FRANCISCO.

Oh! quem me dera um pouco de alento!

D. LUCRECIA.

Assim pois—o nobre—o valente—o poderoso D. Francisco o terror dos salteadores—o senhor da curia romana—o villão que a seu talante opprime a nobreza de Roma e de Napoles—o villão que chegou a emparelhar com os nobres, graças ao fructo das rapinas de seu pae, que de um vil barqueiro tornou-se um vil usurario, e de um vil usurario um nobre mais vil ainda... O nobre D. Francisco! não viverá nem mais um dia, porque foi do alvedrio de uma mulher assignar-lhe a sua ultima hora! Pensastes alguma vez nisto?

D. FRANCISCO concentrando todas as suas forças, dá um pulo e agarra D. Lucrecia pelo braço.

Ah! que és minha!

D. LUCRECIA forcejando por desprender o braço.

Já não tens forças!

D. FRANCISCO.

És minha! és minha. Ainda te poderia quebrar o braço apertando-o com força. D. Lucrecia cae de joelhos. Ora pois, Senhora, ides morrer!

D. LUCRECIA.

Beatriz! Beatriz!

D. FRANCISCO.

Não vos escuta.—Fazei as vossas orações.

D. LUCRECIA.

Acudam! Acudam!

D. FRANCISCO.

Pedi perdão a Deus, Senhora, ides morrer.

D. LUCRECIA.

Perdão, Senhor!

D. FRANCISCO.

A Deus—pede-o a Deus, que eu te não perdooarei.

D. LUCRECIA.

Mas vós não vêdes que é impossível. que eu não posso morrer assim. . .

D. FRANCISCO.

Pede perdão, infame!

D. LUCRECIA.

Oh! Senhor, eu vol-o peço —por Deus—por tudo. . .
fazei de mim o que vos aprouver, mas não me mateis!

D. FRANCISCO.

Perdão.

D. LUCRECIA.

Perdão, Senhor!

D. FRANCISCO.

A Deus.

D. LUCRECIA.

Perdão.

D. FRANCISCO.

A Deus, pede-o a Deus.

D. LUCRECIA.

Perdão.

D. FRANCISCO.

Oh! . . . Dá-lhe uma punhalada e cahe ao lado della.

D. LUCRECIA calindo.

Perdão meu Deus!

INDICE

DO

VOLUME QUARTO.

PATKUL.

Acto I.....	9
II.....	43
« III.....	67
« IV.....	103
« V.....	123

BEATRIZ CENCI.

Acto I.....	141
« II.....	167
III.....	189
IV.....	211
« V.....	237







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).